

sões dos seus teares, de modo a produzirem estofos, prestando-se á amplidão do vestuario chinéz. As unicas fazendas d'algodão grosseiras que lhe podem fazer alguma concorrência são as da Coreia. As qualidades mais procuradas são as que os inglezes chamam *T. cloths e shirtings*.

Dos metaes o principal é o cobre, metal que os chinezes melhor trabalham; o cobre branco do Japão é muito estimado para o fabrico de fornalhas de cachimbos. O cobre amarello e o cobre vermelho vem agora em grande quantidade da provincia de Yunnan, depois da repressão da revolta musulmana, forçado pela qual o governo chinéz no reinado do imperador Hien-Fo-ung teve de mandar cunhar moedas de ferro. É tambem d'esta época que data a venda feita pelo governo chinéz dos titulos, dos postos e de todas as honrarias.

Os chinezes, pouco habeis no fabrico d'objectos de ferro, mandam vir todo o aço do estrangeiro. A provincia de Honan produz algum de qualidade inferior. A folha de ferro estanhada tem tambem nas importações um logar importante; os chinezes de Tien-tsin são muito habeis no fabrico d'objectos de folha de Flandres; a arte de funileiro só existe no norte da China a datar de 1860.

O norte da China faz um grande consumo de phosphoros; é de Vienna que vem a maior quantidade.

Os *tze-laei-r'ho*, fogo que por si só se produz, como lhe chamam os chinezes, são ao contrario pouco apreciados no sul da China, onde a humidade do clima lhes é desfavoravel.

Um chinéz sabe o numero de phosphoros

que deve conter uma caixa e nunca a compra sem lhe ter verificado o seu numero; oito *cape-cas* valem um dos nossos *sous*; nas ruas vende-se este genero em pequenas porções.

As agulhas vindas da Europa são muito apreciadas no norte. Na Mongolia um viajante poderia pagar todas as suas despesas de viagem com agulhas; mesmo em Peking, no inverno, quando chegam os Mongols com caça, vi dar algumas agulhas grossas por um formoso faisão.

O pau de sandalo é um artigo de grande consumo. Os chinezes fazem com esta madeira varetas para leques, caixas, e com o pó d'esta madeira fazem umas pastilhas odoríferas; é tambem com uma massa d'este genero, mas muito mais grosseira, que os chinezes fazem uns pequenos paus perfumados, chamados phosphoros chinezes, de que se servem como incenso e como velas nos pagodes budhistas e tavistas.

O sargaço, que unicamente nos parece bom para o empacotamento de mercadorias, é pelos chinezes comido cosido, ou d'elle se servem como condimento nos molhos.

O chá do Japão, qualidade muito mediocre do chá em pó, só pôde luctar com o chá chinéz commum pela inferioridade do seu preço.

A vidraça, apesar da modicidade de preço por que fica no norte, é considerada como objecto de luxo; as janellas chinezas teem ordinariamente por vidros folhas de papel azeitado e algumas vezes talco.

Teria citado o opio em primeiro logar se não o reservasse para um capitulo especial. Aqui limitar-me-hei a dizer que na China, no anno de



ALDEÃO DAS MARGENS DO PEI-HO — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

1874, foi importado opio no valor de cento e quarenta e dois milhões cento e trinta e cinco mil francos.

Não é tudo o ter dado algumas noticias a respeito do commercio do porto de Tien-tsin; tenho outros deveres a cumprir e visitas a fazer aos differentes consules domiciliados n'este porto, assim como ao visor-ei Li e a alguns outros funcionarios.

O palacio consular francez — O abbade Favier — Usos — O visor-ei Li — Historia d'um tambor francez

Os consules estrangeiros, exceptuando o consul francez, residem na parte ingleza da concessão estrangeira chamada Tze-tchou-line «a floresta dos bambus violetas», assim chamada por causa do nome d'um pagode situado nas proximidades da concessão franceza. Aqui só existem o palacio consular francez, uma repartição d'alfandega, uma igreja catholica sob a tutella de missionarios lazaristas, a communiidade dos missionarios da companhia de Jesus e uma ou duas casas de negociantes. Encravada na concessão franceza está uma pequena povoação, habitada por uma população turbulenta, que muitas vezes tem dado ao nosso consul, M. Charles Dillon, occasião de mostrar a energia, tacto e prudencia, que d'elle fazem um dos agentes mais distinctos que a França tem em paizes estranhos.

O palacio consular é um bello edificio de recente construcção, devido ao talento do abbade Favier, um verdadeiro missionario; tem o que tiveram os seus antecessores para, no decimo oitavo seculo, fóra de toda a influencia militar ou diplomatica, conseguirem crear uma grande influencia; é architecto, pintor, musico e talvez mesmo poeta. Além d'isso é um homem obsequiador, o que lhe tem feito conseguir a sympathia de todos, de nacionaes e estranhos.

Na frequencia da colonia estrangeira de Tien-tsin tres coisas ha impossiveis d'evitar: 1.º a absorpção de sherry na casa da pessoa que se vae visitar; 2.º uma partida de jogo de bola americano, cuja alea encerada está estabelecida no club da localidade; 3.º fallar de cavallos e corridas; é esta com effeito a grande distracção dos residentes n'esta cidade que duas vezes por anno dão corridas.

A pista está situada na planicie ao sul da cidade murada, junto do Haë-kouang-sse, templo do esplendor do mar, onde o barão Gross e lord Elg'm assignaram os tratados de 1858. É

aqui tambem o ponto de reunião para as caçadas; a caça abunda nos arredores e attrahe aqui grande numero de caçadores e de falcoeiros.

Das concessões estrangeiras ao palacio do visor-ei ha uma boa meia hora de caminho a fazer em palanquin. Eu, em vez de me encerrar n'estas caixas cobertas por um panno verde ou azul, levadas por quatro dos meus semelhantes, prefiro um poney chinez e como sequito um escudeiro para me seguir e um mensageiro para me preceder com o meu bilhete de visita.

Percorro assim as margens do Pei-ho dirigindo-me para o seu ponto de junção com o grande canal Imperial. Depois de ter passado deante das ruinas do convento das irmãs de S. Vicente, queimado em 1870, e em frente da porta oriental da cidade murada, defendida por um fosso cheio d'agua fetida, chego a uma ponte de barcos no fim da qual, na margem esquerda do canal, um pouco á esquerda, avisto os dois mastros em que fluctuam as bandeiras do visor-ei Li. O meu mensageiro mette a galope e um minuto depois d'este passo o primeiro muro d'um pateo pouco limpo, ao fundo do qual ha uma porta vermelha fechada, ladeada por dois guerreiros phantasticos, revolvendo os olhos ameaçadores, querendo assim inculcar-me a terrivel magestade do altissimo funcionario que eu ia visitar. Esta grande porta tem de cada lado duas pequenas portas pelas quaes passaria, se eu não me respeitasse tanto. Depois de dois a tres minutos d'espera, tempo dado ao visor-ei para pôr o seu chapéu official e dar uma demão á *toilette*, a grande porta abriu-se com grande ruido. Entro então n'um pateo espaçoso que atravesso por entre duas fileiras de funcionarios de todas as graduações, immoveis, com os braços apertados d'encontro ao tronco. Junto da escada apeei-me e entreguei as redeas ao meu escudeiro e, depois de ter atravessado um alpendre destinado ás recepções publicas, encontrei-me n'um terceiro pateo mais pequeno, escoltado pelos officiaes que me tinham recebido no segundo.

Era aqui que me esperava o visor-ei Li. Comprimentei-o descobrindo-me em quanto que elle, juntando os dois punhos sobre o coração, os levou á altura da barba. Não se pôde fazer uma ideia da simplicidade e do estado d'estas residencias officiaes a não ser meditando no proverbio chinez — os funcionarios fazem tantos reparos nas suas residencias como os viajantes os fazem nas hospedarias que encontram no seu caminho.

(Continua.)

# OS DOZE DE INGLATERRA

## ESTUDO CRITICO-HISTORICO

(Continuação da folha 20—3.º anno)

**F**ORQUE, segundo depois se soube, elle, e o infante tinham feito entre si pacto jurado de morrer um quando o outro ainda que esta nova por esta razão era a da morte, não perdeu o animo, antes saindo-se fóra da batalha, determinado já no que depois fez, comeu e bebeu, e accrescentou mais armas: com as quaes a pé, e novo coração, e forças renovadas se tornou á batalha, que ainda os soldados do infante, ignorando essa morte, sustentavam: e tanto fez contra seus inimigos, que cansado de matar, e ferir n'elles, sem em seu corpo receber alguma ferida, sendo d'um exercito todo accommettido, vendo-se já do muito trabalho quasi sem alento, disse em altas vozes estas palavras: Oh corpo, já sinto, que não podes mais. Tu, minha alma, já tardas; ora fartar rapazes, ou, como alguns dizem, ora vingar villanagem. E com isto se deixou cair em terra, com os braços abertos, e sem armas, onde como se fóra algum bravo leão, que ainda depois de morto é temido, foi accommettido dos mais esforçados do exercito, e tão mal tratado, que um d'elles, e não dos menores amigos na vida, lhe cortou a cabeça, e a levou a el-rei com esperança de mercê. E aquelle tronco, nunca vencido, foi logo feito pedaços, e sem sepultura desprezado, até que a requerimento de seu irmão bastardo João Vaz de Almada, veador da fazenda de el-rei, foi enterrado honradamente.

Agora convem notar que sendo Avranches um condado de Normandia, d'ahi veiu dizer-se que Alvaro Vaz de Almada recebera d'el-rei de França o titulo d'elle.

Foi o visconde de Santarem o primeiro que, em nota a pag. 30 da *Chronica da Guiné*, restabeleceu a verdade, attribuindo a el-rei d'Inglaterra essa nomeação e a de cavalleiro da ordem da Jarreteira, depois da batalha de Azincourt (1415).

Foi, porém, ao sr. Frederico F. de La Figanrière, que coube o divulgar documentos encontrados nos archivos de Inglaterra, relativos ao assentamento do conde de Alvaro Vaz de Almada, com data posterior a 1440, e portanto já mui chegados a sua morte. (Veja-se o *Panorama*).

Notaremos mais que a causa da saída de Alvaro Vaz d'Almada para Inglaterra é sem verosimilhança, pelo que logo se verá com relação a Gonçalo Pires Malafaia, que só foi regedor da casa da Supplicação depois de 1457.

Ainda, porém, recentemente um distincto escriptor nosso, o sr. A. Albano da Silveira, na sua *Resenha das Familias titulares de Portugal*, verbo *Almadas*, volta a attribuir a nomeação do conde de Abranches em Alvaro Vaz de Almada, a Carlos VI, de França, entre 1434 e 1449!

### 5.º—JOÃO PEREIRA AGOSTINHO.

Foi sobrinho do condestavel e filho de Gil Vasques da Cunha, senhor de Basto. Ha quem afirme que Gil Vasques da Cunha, fóra um dos cavalleiros que foram á tomada de Ceuta, mas Duarte Nunes, *Descrição de Portugal*, cap. 87, diz que Martins Vasques da Cunha e seus irmãos Gil Vasques e Lopo Vasques, terminada a guerra com Castella, e mal premiados por D. João I, se passára para aquelle reino, ao serviço de Henrique III, que fizera a Lopo Vasques, conde de Bom-dia, e a Gil Vasques dera as villas de Bôa e Mansilha.

De Martins Vasques foi filho Rodrigo Telles Giron, que de sua mulher D. Maria Pacheco, filha de outro expatriado, João Fernandes Pacheco, houve os dois maiores senhores de Hespanha, que logo mencionaremos. João Pereira Agostinho foi á conquista de Ceuta, onde depois ficou por capitão de trezentos escudeiros.

### 6.º—LOPO FERNANDES PACHECO.

Foi irmão de João Fernandes Pacheco, de quem logo faremos detida mensão.

### 7.º—LUIZ GONÇALVES MALAFAIA.

Foi irmão de Pedro Gonçalves Malafaia, e ambos filhos de Gonçalo Pires Malafaia, o primeiro que usou d'este appellido, filho de Pedro Annes Fafião, senhor da honra de Malafaia e de D. Sancha Gil de Avellar.

Foi Gonçalo Pires senhor de Bellas, vedor

da fazenda e regedor das justiças, apoz D. Fernando da Guerra, fallecido em 26 de setembro de 1457.

Sucedeu-lhe no cargo de regedor D. Alvaro, que já o era em 1473. (Veja o *Catalogo da Casa da Supplicação depois do seu estabelecimento e fundação*, por Francisco José da Serra Craesbeck de Carvalho, inserto no *Reportorio das Ordenações*, edição vicentina, Lisboa, 1754, verbo *Regedor*.)

Pedro Gonçalves Malafaia foi á conquista de Ceuta, e depois foi vedor da fazenda e embaixador a Castella. Foi casado com D. Isabel Gomes da Silva, filha de João Gomes da Silva, segundo senhor de Vagas e alferes mór, que morreu em 16 de março de 1445.

Luiz Gonçalves Malafaia foi celebre por suas embaixadas a Castella, em tempo de el-rei D. João II, isto é quasi um seculo depois do caso dos *Doze de Inglaterra!*

---

8.º—MARTIM LOPES D'AZEVEDO.

Foi filho de Lopo Dias de Azevedo, senhor da casa de Azevedo, etc., e que esteve na batalha de Aljubarrota, e de sua mulher D. Joanna Gomes da Silva.

Martim Lopes militou em Ceuta no tempo do conde D. Pedro de Menezes e lá morreu.

Houve seis ou sete irmãos, todos mui distinctos, entre elles Luiz d'Azevedo, vedor da fazenda, e um dos poetas do *Cancioneiro*. Este sobreviveu ao desastre de Alfarrobeira, em 1449, e, como amigo do infante D. Pedro, lastimou a sua morte em uma poesia. Sr. Theophilo Braga, *Poetas Palacianos*, etc., em 1872, pag. 144 e seguintes.

---

9.º—PEDRO HOMEM (DA COSTA).

10.º—RUY GOMES DA SILVA, fronteiro em Ceuta, depois alcaide-mór de Campo Maior e Ouguella, e senhor da Chamusca e Ulme. Foi casado com D. Isabel de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, primeiro governador de Ceuta e segundo conde de Vianna, etc. Parece-nos que Ruy Gomes fôra o primogenito de Ayres Gomes da Silva e de D. Brites de Menezes, sendo seu irmão segundo Fernão Telles de Menezes, fallecido em 10 de abril de 1477.

De Ruy Gomes foram filhos:

D. Diogo da Silva, primeiro conde de Portalegre, pae do segundo conde do mesmo titulo, e de D. Miguel da Silva, celebre bispo de Vizeu.

D. João de Menezes da Silva, o Beato Amadeu, que saiu para Italia em 1452, com a imperatriz D. Leonor, filha de el-rei D. Duarte, a quem votára os seus affectos. Alli fundou a ordem dos *Amadeus*.

D. Beatriz da Silva, instituidora da ordem da Conceição em Castella.

Nasceu em 1424 e morreu em 1490.

Do segundo conde de Portalegre foi filho D. Jorge da Silva, que por correspondencia sustentada com o tio D. Miguel, depois da fuga d'este para Roma, foi degradado para Arzilla, onde morreu, *sem lhe valer a protecção da infanta D. Maria!* Foi pois este, a nosso ver, o amante d'aquella princeza, a quem se refere o—*perdigão perdeu a penna!*

Veja Sousa, *Annaes de D. João III*, pag. 325, e o bispo Lobo, obras, tom. 1, no *Catalogo dos bispos de Vizeu*, em que trata de D. Miguel.

---

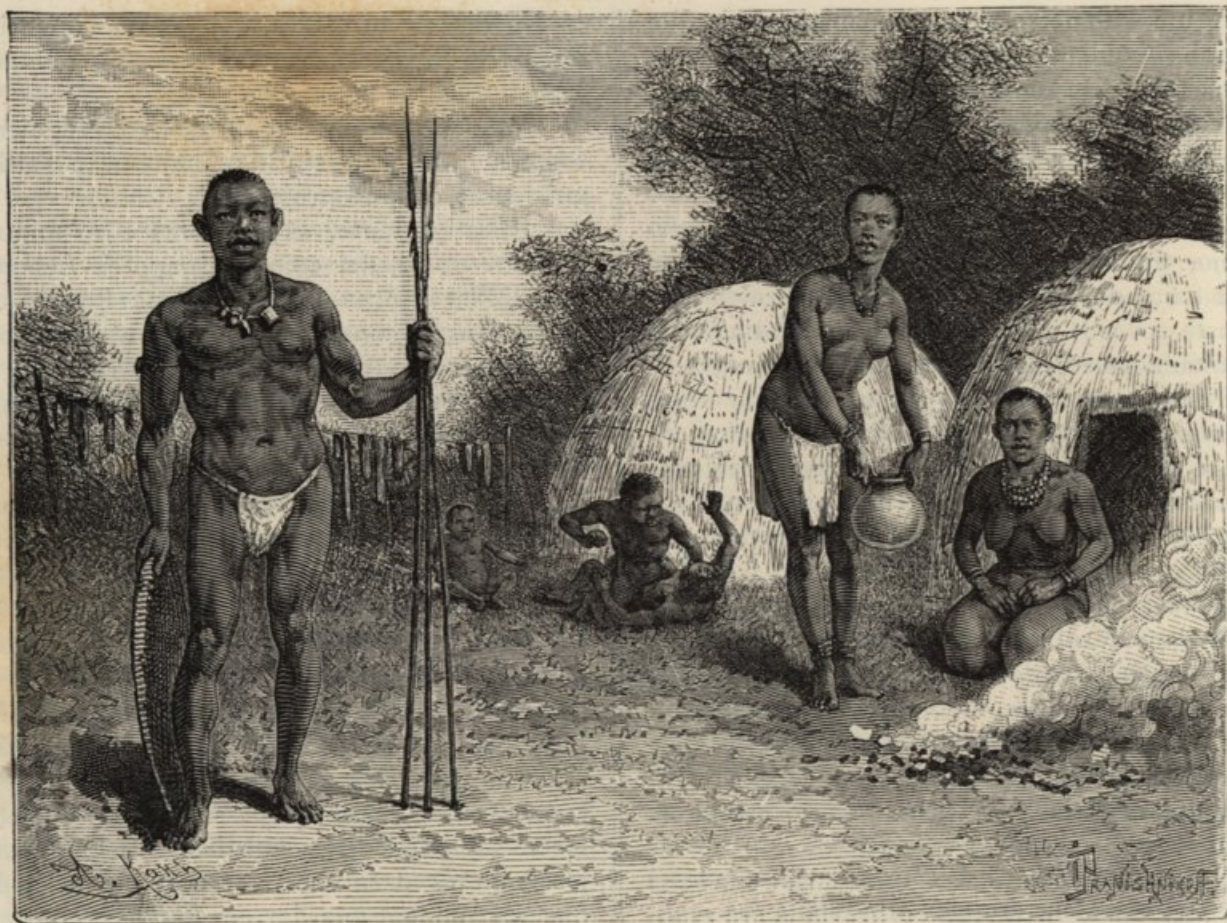
11.º—RUY MENDES CERVEIRA.

---

12.º—SOEIRO DA COSTA.

Azurara, na *Chronica da Guiné*, pag. 235 e seguintes, faz menção especial d'este cavalleiro nos seguintes termos: «Soeiro da Costa, alcaide de Lagos, era homem nobre e fidalgo, criado de moço pequeno na camara de el-rei D. Duarte, e que se acertára de ser em mui grandes feitos, como elle fôra na batalha de Monoedro, com el-rei D. Fernando de Aragão, contra os de Valença; e assim no cerco de Balaguer (1413), em que se fizeram mui grandes coisas, e foi com el-rei Ladislau, quando barrejou a cidade de Roma (1404); e andou com el-rei Luiz de Proense em toda sua guerra (1409 a 1411), e esteve na batalha de Arincourt (1415) que foi uma mui grande e poderosa batalha, entre el-rei de França e el-rei de Inglaterra; e fôra já na batalha de Valmont, cabo de caes, com o condestavel de França, contra o duque de Ossestre, e na batalha de Monseguro, em que o conde de Foix e o conde de Armagnac; e na tomada de Soissons, e no de cerco de Arras (1414), e assim no de cerco de Ceuta, nas quaes cousas sempre provou como mui valente homem de armas.»

(Continúa.)



CAMPO DE MASSAROUAS — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo um croquis

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

### A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 21 — 3.º anno)

**M**ADAME Coillard muito affeiçãoada áquelle catechista, que fôra outr'ora seu servidor, ficou desde esse momento em cuidados extremos.

Dois dias depois, a 6 de novembro, uma nova carta do missionario veio augmentar a tristeza que reinava no acampamento de *Leshuma*. Eliazar estava peor e receiava-se que não pudesse salvar-se.

No dia 7 eu tinha ficado levantado até tarde

da noite, por ter a fazer observações astronomicas, ficando commigo as duas senhoras, em conversa cujo assumpto era o missionario e a doença de Eliazar.

Madame Coillard disse-me que tinha um forte presentimento de que seu marido chegaria n'aquella noite. Propuz-lhe irmos ao seu encontro, e tendo sido accete o alvitre pelas duas corajosas damas, pozemos-nos a caminho de Embarira.

A um kilometro do acampamento, eu que caminhava adiante d'ellas, preveni-as de que sentia rumor de gente na floresta; mas julgaram ser engano, porque ainda um kilometro além ninguem encontramos. Comtudo, eu sabia não me enganar, porque mais de uma vez um rumor mal definido e só perceptivel a ouvidos de sertanejo, tinha chegado até mim. Sem isso não teria animado aquellas damas a esperar n'uma floresta povoada de feras, e onde me sentia pouco á vontade pela responsabilidade que tomava.

Pelas onze e meia, o rumor que por vezes percebi tornou-se distincto para os meus ouvidos, e não duvidei affirmar que gente calçada caminhava no trilho que seguíamos. Pouco depois alguns vultos appareceram na sombra, e o missionario, acompanhado de dois ou tres pretos, estava diante de nós.

Madame Coillard procurava em vão alguém junto de seu marido. Esse alguém faltava. Mais uma sepultura tinha sido cavada no alto Zambeze, mais uma lição estava dada aos imprudentes que se arriscam n'aquelle paiz da morte.

Voltamos tristes e silenciosos ao campo de Lexuma.

No dia immediato tive uma larga conversa com Mr. Coillard. O que eu previa já era realidade. O missionario, falto de recursos, não me podia dar o sufficiente para eu fazer a viagem até ao Zumbo.

Discutimos largamente todos os alvitres, e a unica possibilidade de exito era não nos separarmos e seguirmos juntos até ao Bamanguato, onde eu poderia obter meios de seguir ávante. Elle tinha pressa de partir, porque além de não serem fartos os meios para uma espera qualquer, Lexuma era-lhes fatal. Duas sepulturas de dois dos seus mais fieis servidores tinham sido abertas alli.

Comtudo, eu queria ir visitar a grande cataracta do Zambeze, e ficou combinado que elle me esperaria até ao regresso, o que importava uma demora de 12 a 15 dias.

Ficou decidido que eu partisse para Mozioatunia no dia 11, e Madame Coillard, com maternal sollicitude, começou logo a tratar dos meus aprestes de viagem.

No dia 10, uma forte tempestade cahiu sobre nós, e sobreveio-me um accesso de febre. Verissimo tambem adoeceu com febre. Este estado de tempo e de doença continuou no dia 11, impedindo-me de realisar o projecto de seguir n'esse dia para as cataractas.

No dia 12 eu estava melhor, mas o Verissimo tinha peiorado, sendo necessario renunciar á partida ainda n'esse dia.

Então o missionario propôz-me seguirmos todos a 13 para o kraal de Guejuma, e d'alli seguir eu ao destino projectado.

Effectivamente, ás 10 horas e 20 minutos da noite de 13, deixamos o campo de *Leshuma*. Era difficil o jornadaear por entre a floresta com os pesados *wagons*. A cada passo um tronco de arvore ou um penedo travava as rodas, e era preciso cortar o tronco ou remover a pedra. O meu Augusto, usando da sua força athletica, fazia verdadeiros prodigios.

Só ás 6 horas da tarde do dia 15 pudemos alcançar o kraal de Guejuma, tendo jornadaado noite e dia apenas com pequenos descansos, para os bois pastarem e nós repousarmos. Não ha agua entre estes dois pontos, e ainda que tinhamos uma escassa provisão para nós, os pobres bois passaram tres dias sem beber. Por isso, logo que chegamos a Guejuma, elles faziam esforços inauditos para se libertarem dos jugos e correrem ás lagôas de pessima agua, que abastecem aquelle kraal, estabelecido pelos sertanejos inglezes para repousar e terem os gados, que não podem guardar em *Leshuma* por haver alli a terrivel mosca zê-zê.

O nosso caminho foi por uma planicie arenosa e humida, onde os *wagons* se enterravam, dando grande canceira aos bois.

Apesar do mau estado da minha saude, determinei seguir no dia immediato para as cataractas, e Madame Coillard não deixou um momento de se occupar das minhas provisões de viagem.

Não me foi possivel encontrar um guia, mas apesar d'isso, não vacillei um instante em partir.

## CAPITULO II

### MOZIOA-TUNIA

Viagem ás cataractas—Tempestades—A grande cataracta do Zambeze—Abusos dos Macalacas—Regresso—Patamatenga—Mr. Gabriel Mayer—Tumulos de europeus—Chego a Deica—A familia Coillard.

Logo na manhã do dia 16 fiz os meus preparativos de viagem, e bem pouco trabalho tive, porque Madame Coillard já tinha preparado a parte mais importante d'elles: a dispensa, tendo eu mesmo de intervir, para mostrar a impossibilidade de levar tudo o que ella queria que eu

levasse, pois que não tinha como carregadores mais do que dois homens, Augusto e Camutombo.

Commigo deveria partir toda a minha gente que eu não quiz deixar em Guejuma, receioso de que algum fizesse disparate na minha ausencia. Ficaram apenas as minhas bagagens, a minha cabrinha Córa e o meu papagaio Calungo.

Para a Africa não serve muito o rifão europeu que diz: «quem tem bocca vae a Roma;» mas sim outro se pôde inventar para alli, e é elle, que «quem tem bussola vae a toda a parte.»

Monsieur e Madame Coillard estavam verdadeiramente afflictos por me verem partir sem guia e a pé. Mal sabiam elles quanto me era socia a floresta africana e como eu sabia andar n'ella.

Outro motivo de afflicção para elles era a duvida em que estavam de que me não viesse a faltar agua no caminho, por eu não ter meio de conduzir nenhuma, e ser o paiz em extremo secco. Tranquillisei-os como pude, assegurando-lhes que não contava morrer de sede.

Como eu devesse demorar-me de 12 a 15 dias n'aquella excursão, ficou combinado, que elles partiriam para o kraal de Deica, onde eu deveria ir encontral-os.

Finalmente, depois de mil demonstrações da mais affectuosa amizade, parti ás 10 horas, sendo acompanhado durante um kilometro por Mr. e Madame Coillard, que então se despediram de mim, e voltaram ao kraal.

Segui sempre ao norte na planicie, e uma hora depois encontrei uma emmaranhada floresta, em que me embrenhei, para não alterar o meu rumo. Depois de caminhar por quarenta minutos na matta, deparei com uma pequena lagôa de agua cristalina, e parei junto d'ella para deixar passar as horas de maior calor. A esse tempo uma trovoadá longinqua fuzilava ao norte deixando mal ouvir o rebombar dos trovões.

Deixei aquelle ponto ás 2 horas, a tempo que se formavam em todas as direcções trovoadas ameaçadoras. Ás 4 horas, encontrei um trilho de caça muito seguido de fresco, e indo por elle á descoberta, fui dar a um grande charco lodoso, habitual bebedouro de feras. Acampej alli, e tratamos de construir abrigos contra a chuva que ameaçava cahir em abundancia.

Os pedometros annunciavam a marcha de nove milhas geographicas.

Na manhã seguinte parti ás 6 horas, e sustentei marcha de 4 horas, interrompida apenas

por uma pequena demora, proveniente de um forte chuveiro que cahiu pelas sete horas e meia. Parei para comer junto de uma lagôa que dá nascença a um riacho correndo a E. S. E.

Ao meio dia segui a N. N. E., mas tive que sustar a marcha ás 3 horas, porque os meus já não podiam dar um passo, tendo os pés despedaçados pela pedra miuda e solta que encontravamos desde a 1 hora no terreno já bastante accidentado.

Eu mesmo, doente e fraco, já não podia supportar as grandes marchas que antes fazia.

Durante a ultima parte da marcha atravessei tres pequenos riachos, que correm a S. E. em leitos basalticos.

As montanhas pedregosas, mas cobertas de vegetação arborea, correm tambem a S. E., e não apresentam elevações, acima dos valles, maiores do que 50 metros.

Acampei junto a um pequeno deposito de aguas pluviaes.

Na manhã seguinte continuei a jornada, sempre em terreno pedregoso e accidentado. Atravessei florestas muito espessas, mas onde se não encontram os gigantes vegetaes peculiares á flora intertropical.

Ainda n'essa manhã passei dois corregos correndo a S. E.

Desde a vespera caminhava eu em terreno de formação vulcanica. Passou por alli uma revolução enorme, que deixou profundamente assinalada a sua passagem com traços indeleveis, em gigantescas obras de basalto.

No leito dos ribeiros e na escarpa das montanhas, o sol dardejando os seus raios sobre a pedra côr de fogo, faz parecer, que ainda alli correm ondas de lava.

Eu achava-me em boa saude, mas os meus difficilmente podiam caminhar descalços, por sobre a pedra cortante. Fiz apenas marcha de quatro horas, e fui acampar junto de um ribeiro, tratando logo de construir abrigos para nos acolhermos de uma tempestade imminente.

O sitio do meu acampamento era lindissimo. Um ribeiro d'agua cristalina correndo ao N., ficava-me por oeste. Um comoro coberto de frondoso arvoredado embelezava a leste a paisagem.

No limitado valle, arvores enormes de muito differentes proporções das que até alli encontrara, cobriam o meu campo formado de quatro pequenas barracas.

Do norte, muito ao longe, o vento trazia um ruido similhante ao ribombo de mil longinquos

trovões. Era Mozioa-tunia no seu bramir eterno.

Sahi a caçar e encontrei profusão de francollins, de que fiz boa provisão.

Matei também uma lebre muito differente das da Europa nas côres do pello, menor em tamanho, mas igual em fôrmas. Tornava-se muito distincta, por ter o dorso e as orelhas quasi pretas, e o ventre e cabeça de um amarello d'ocre muito carregado, e pintado de manchas negras.

De volta da caça, observei no meu campo um caso muito singular.

Vi milhares de termites trabalhando ao ar livre, e sem o menor cuidado de cobrirem o seu caminho, já nas arvores já na terra. Passei uma optima noite, depois de um bom jantar de perdizes.

No dia immediato, logo á sahida, passei um pequeno ribeiro que corre a N. O., e depois de se juntar áquelle em cuja margem acampeei, corre como elle ao N. Segui sempre o curso d'esse ribeiro n'um valle pedregoso e arido, e depois de tres horas de marcha parei, para descansar e comer o resto das perdizes mortas na vespera. Segui ao meio dia, mas, uma hora depois, tive de parar.

Muitas trovoadas, que desde manhã fusilavam perto do horisonte em todas as direcções, subiram aos ares e vieram estacionar sobre mim. Uma chuva torrencial cahia, ou antes batia, sobre nós, tocada por um vento rijo de N. N. E. Os nimbus espessos e negros, pairavam perto da terra e despediam das suas entranhas carregadas de electricidade, torrentes d'agua e torrentes de fogo.

Como eu disse, o sitio em que caminhava era um valle profundo despovoado de arvores. Monticulos de rocha terminados por vertices ponteados, attrahiam o raio que os abrasava com o seu fogo potente. Uma faisca veio esmigalhar um penedo a pouca distancia de mim.

Era um espectáculo tremendo e horroroso. Vi alli pela primeira vez o raio dividir-se. Uma faisca separou-se proxima da terra em cinco, que partiram quasi horisontalmente a ferir cinco pontos differentes; algumas vi separarem-se em quatro, em duas, e tres, quasi todas.

Ziguezagues de fogo cruzavam os ares em todas as direcções, e abrasavam a atmosphaera.

É preciso ter-se assistido a uma trovoadas nos sertões da Africa Austral, para bem se fazer ideia do que seja uma tempestade medonha.

A minha gente prostrada por terra, horri-

sada e escorrendo em agua, estava tranzida de frio e medo. Eu gracejava com elles e procurava animal-os, mostrando uma tranquillidade que estava mui longe de ser verdadeira.

Uma hora depois a tormenta, como que fatigada do seu pelejar insano, foi diminuindo de intensidade, e eu pude pôr-me a caminho ás 2 horas e meia.

Ás 3 horas tive de parar, obrigado por uma forte chuva que não se demorou muito em passar.

Pelas 5 horas passava em frente da grande cataracta e acampava a montante d'ella, aproveitando umas barracas que alli encontrei e reconstrui.

Durante a noite uma nova tormenta cahiu sobre o meu campo, e muitas arvores foram derubadas pelo raio. A chuva torrencial inundou as barracas, apagou os fogos e molhou tudo e a todos. Durou esta tempestade até ás 4 horas da manhã, hora a que cessou quasi de repente.

Foi aquella uma noite cruel. Alli já ao estampido dos trovões se juntava o bramir da cataracta, e era qual produziria sons mais roucos e medonhos.

O dia amanheceu chuvoso, e até ás 9 horas foi impossivel sahir das barracas.

A essa hora rasgou-se o ceu nublado, e o sol veio illuminar a esplendida paizagem. Comtudo era difficil caminhar n'um terreno encharcadissimo e lodoso.

Uma forte apprehensão me perturbava o espirito. A chuva da noite estragava o pão e mais provisões dadas por Madame Coillard. Os mantimentos chegariam ainda para dois dias, mas não podiam ir mais além. Eu tinha contado com dois recursos: a caça e os Macalacas da outra margem, que me venderiam massango.

Era porém impossivel caçar por tal tempo, e os Macalacas que passaram o rio pediam taes exorbitancias por pequenos pratos de massango que me não era dado adquiriril-os.

Ao meio dia cheguei á extremidade oeste da grande cataracta. O Zambeze duas milhas a montante da queda corre a E. N. E., e vae encurvando a E., direcção que leva no momento de encontrar o abysmo em que se precipita.

*Mozioa-tunia*, ou *Mezioa-tuna*? Não sei, e ninguem o sabe. No paiz uns dizem um nome, outros o outro.

Antes que os Macololos tivessem invadido o paiz ao norte do Zambeze, os Macalacas chamavam *Chongue* á grande cataracta.



Vieram os Macololos e pozeram-lhe um nome da lingua Sesuto que elles fallavam.

Os Macololos desapareceram e o nome ficou, como ficou aos povos conquistados a lingua dos invasores.

Um pouco corrompido, é verdade, mas sempre subsistindo, o Sesuto é a lingua official do Alto Zambeze.

*Mezioia-tuna* quer dizer em Sesuto «a agua enorme,» e ainda que a phrase pareça um pouco disparatada, esta composição é vulgar entre as linguas barbaras da Africa Austral, para exprimir uma ideia, que a pobreza das linguas só poderia exprimir por uma longa phrase. Assim pois, pôde bem ser que seja *Mezioia-tuna*, o nome posto pelos Macololos á grande cataracta.

Eu comtudo inclino-me á opinião de Madame Coillard, que conhece a fundo a lingua Sesuto, de que seja *Mozioia-tunia*, o nome dado outr'ora pelos guerreiros de Chebitano á maravilha do Zambeze.

Effectivamente, *Mezioia-tuna* era uma phrase nova, uma composição de palavras feita expressamente, ao passo que *Mozioia-tunia* é uma phrase já feita, quotidiana, vulgar na lingua dos Basutos. Quando o marido volta a casa e pergunta á mulher se a comida está ao fogo, ella responde-lhe: «mozioia-tunia», «o fumo se levanta». Assim pois é mais de supphôr que fosse este ultimo o nome dado pelos estrangeiros á cataracta, por ser phrase vulgar entre elles, e ser bem apropriada á ideia.

*Mozioia-tunia* não é mais do que uma longa cova, um sulco gigantesco, aquillo para que se inventou a palavra abysmo, mas abysmo profundo e immenso, onde o Zambeze se precipita n'uma extensão de mil e oitocentos metros.

O côrte das rochas basalticas que formam o paredão norte do abysmo, é perfectamente traçado na direcção E. O., e tem uma extensão de mil e oitocentos metros.

Parallelo a elle, outro enorme paredão basaltico distanciado na parte superior, ao mesmo nivel, de cem metros, fôrma o outro muro do abysmo. Os pés d'estas moles enormes de basalto negro, formam um canal por onde o rio corre depois de se despenhar, canal que é de certo muito mais estreito do que a abertura superior, mas cuja largura é impossivel medir.

No paredão do sul, proximamente a tres quintas-partes d'elle, a Africa foi rasgada por outra fenda gigantesca perpendicular á primeira; fenda que primeiro se encurva a oeste, e

vergando depois pelo sul a leste, vae conduzindo em caprichoso ziguezague o rio, que ella lá no fundo aperta em estreito abraço de rochedos.

Na cataracta o grande paredão do norte onde o rio se despenha é em partes perfectamente vertical, apresentando apenas as saliencias e escabrosidades das rochas.

Uma enorme convulsão vulcanica fendeu alli a terra, e produziu aquelle abysmo enorme, em que se veio precipitar um dos maiores rios do mundo. De certo o trabalho potente da agua já modificou muito a superficie das rochas, mas não é difficil ao olho observador, o perceber bem, que aquellas escarpas profundas, distanciadadas hoje, foram despegadas umas das outras.

O Zambeze, encontrando no seu caminho aquella voragem, abysma-se n'ella em tres cataractas grandiosas, porque duas ilhas, que occupam dois grandes espaços no paredão do norte, o dividem em tres ramos.

A primeira cataracta é formada por um braço que passa ao sul da primeira ilha, ilha que occupa no rectangulo que desenha a fôrma superior da fenda, o extremo oeste.

Este braço precipita-se por isso no pequeno lado oeste do rectangulo.

Tem sessenta metros de largo e oitenta de queda vertical, cahindo em uma bacia d'onde a agua vae procurar o fundo do abysmo e unir-se ás outras em rapidos e cascatas quasi invisiveis pela espessa nuvem de vapor que envolve tudo lá em baixo.

A ilha que separa aquelle braço do rio é coberta de vegetação frondosa, vegetação que se estende até ao ponto onde a agua se despenha, produzindo uma paizagem surprehendente.

É esta a menor das quedas, mas é a mais bella, ou antes a unica que é bella, porque tudo mais em *Mozioia-tunia* é horrivel. Aquella voragem enorme, negra como é negro o basalto que a fôrma, escura como é escura a nuvem que a envolve, teria sido escolhida se fosse conhecida nos tempos biblicos, para imagem do inferno, inferno d'agua e trevas, mais terrivel talvez que o inferno de fogo e luz.

Para augmentar o sentimento de horror que se experimenta diante d'aquelle prodigio, até é preciso arriscar a vida para a poder vêr. Vêl-a! impossivel; *Mozioia-tunia* nem se deixa vêr.

Ás vezes, lá no fundo, por entre a bruma eterna, percebem-se fôrmas confusas, similhando ruinas medonhas.

São pontas de rochedos de enorme altura, onde a agua que os açouta, partindo-se em globulos se torna nuvem, nuvem eterna, que constantemente alimentada tem de pairar sobre o rochedo em que se formou, em quanto a agua cahir e o rochedo se erguer alli.

Em frente da ilha do jardim, no meio de um arco-iris, concentrico a outro mais desvanecido, vi eu por vezes, ao ondular da bruma, desenharem-se confusamente, uma serie de picos semelhantes aos miranetes de uma cathedral phantastica, que a um lado lançava aos ares uma frecha de enorme altura.

Continuando a examinar a cataracta, vemos o comêço do paredão N. logo em seguida á queda de oeste, ser occupado em uma extensão de duzentos metros por uma ilha, aquella de que já fallei, que separa o braço do rio que vae formar a primeira queda. Alli é o unico ponto em que se vê todo o paredão, porque n'aquella extensão de duzentos metros o vapor não chega completamente a encobrir o fundo.

Foi n'esse ponto onde eu fiz as primeiras medições, e por meio de dois triangulos achei para largura superior do córte 100 metros, e 120 para altura vertical do paredão.

Esta altura vertical é superior mais a leste, porque o fundo do sulco desce até ao córte que encana o rio ao sul. N'esse ponto tambem obtive elementos para medir a altura.

Nas primeiras medições eu tinha por base o lado 100 metros, achado para largura superior do sulco, mas era preciso vêr o pé do paredão, e tive de arriscar a vida para isso.

Tirei os pannos ao meu Augusto e ao meu muleque Catraio e amarrei-os. Estes pannos de zuarte pintado e já muito usados, não me offereciam uma grande segurança, mas não tinha outro meio de me suspender no abysmo. Passei o fragil amparo em volta do peito, para me ficarem as mãos livres, e tomando o sextante debruçei-me na vogarem. Seguravam as extremidades o meu Augusto e um Macalaca da povoação das quedas. Elles tremiam com medo e faziam-me tremer, levando eu por isso muito tempo a medir o angulo. Quando lhes disse que me puxassem, e me pude equilibrar sobre as rochas, foi como se tivesse acordado de um pesadêlo horrivel.

Li no nonio  $50^{\circ} 10'$ , e logo que registei a medida, comecei a horrorisar-me do que tinha feito.

Um excesso de vaidade mal-cabida, o querer apresentar com a maior approximação a altura

da cataracta, acabava de me fazer commetter a maior imprudencia que commetti em toda a viagem.

Medir e triangular alli é difficilimo, e começa por faltar terreno onde se possa medir uma base com algum rigor.

Eu apenas pude medir 75 metros, e isso com trabalho enorme.

Só posso suppôr que os triangulos feitos pelo dr. Livingstone da ilha do Jardim, foram resolvidos só com os angulos, porque lados não podia d'aquelle ponto medir nenhum. Pena é que não ficasse a fórmula. A medição da altura com um cordel e uma pedra atada na ponta, acho-a tambem extraordinaria, porque as escabrosidades da rocha deveriam suster o prumo, e além d'isso, da ilha do Jardim apenas se vê, na voragem profunda, uma espessa nuvem que tudo encobre, sendo impossivel divisar nada lá em baixo, ainda que o doutor atasse á pedra toda uma peça de algodão branco, em lugar de um farrapo de 60 centimetros, como elle diz que fez. Fosse como fosse, elle foi mais feliz e mais esperto do que eu, que pouco fiz, dispondo para isso de melhores instrumentos e mais recursos.

Em seguida á primeira ilha onde fiz as medições, vem a parte principal da cataracta, e é ella comprehendida entre essa ilha e a do Jardim. Alli é que a maior porção d'agua se despenha n'uma compacta massa de quatrocentos metros de extensão, e alli é que o abysmo attinge toda a sua profundidade. Vem, em seguida, a ilha do Jardim, de quarenta metros de face sobre a fenda; e depois a terceira queda, formada por dezenas de quedas, que occupam todo o espaço entre a ilha do Jardim e a extremidade leste do paredão. Esta terceira queda deve ser a mais importante no tempo das cheias, logo que as pedras que na estiagem lhe dividem as aguas forem cobertas, e não existir mais do que uma unica e enorme cataracta.

A agua que cahe das duas primeiras quedas e parte da terceira junto da ilha do Jardim, correm a leste, o resto da terceira a oeste, e encontrando-se, unem-se em choque immenso, e voltam ao sul n'um referver medonho, correndo rapidas no fundo do abysmo, em canal pedregoso, que as entala nos seus caprichosos ziguezagues.

No ponto onde as aguas, já em um canal unico, se dirigem ao sul, fiz uma experiencia que narrarei em capitulo separado d'este, e que me permittiu obter uma altura muito approxi-

mada da maior profundidade do abysmo. Não me foi possível fazer mais, e duvido mesmo que mais se possa fazer, a menos de se ir expressamente preparado para estudar a cataracta; e creio que para isso será possível inventar alguns meios apropriados para trabalhar allí, debaixo de uma chuva eterna, e no meio de um vapor denso que nada deixa vêr.

Ilhas, bordas da cataracta, rochedos mesmos, tudo é coberto de uma vegetação esplendida, mas de um verde-negro triste e monotonico, embora um ou outro grupo de palmeiras tente quebrar a melancolia do quadro, fazendo sobresahir as suas palmas elegantes ás copas dos arvoredos que a cercam.

Uma chuva eterna molha sem cessar as proximidades do abysmo, onde rola como que uma trovoadas sem fim.

Mozioa-tunia não se pôde desenhar, e excepto a sua extremidade oeste, tudo allí é nuvem de vapor, que encobre uma paizagem medonha.

Não é dado visitar esta soberba maravilha sem que um sentimento de terror e de tristeza se aposse de nós.

Que differença entre a cataracta de Gonha e Mozioa-tunia.

Em Gonha tudo é risonho e bello; allí tudo é soturno e triste!

Ambas são attrahentes, ambas são verdadeiramente grandiosas; mas Gonha é attrahente e bella como a virgem formosa coroada das flores da innocencia, arrastando o alvo vestido nas ruas do jardim, embalsamadas pelas auras perfumadas da manhã de estio; Mozioa-tunia é grandiosa e imponente como o salteador requeimado pelo sol do verão e pelo gelo do inverno, o trabuco na mão, o crime na ideia, entre os fragedos da serra, por noite escura e triste.

Gonha é bella como a manhã bonançosa da primavera; Mozioa-tunia é imponente como a noite tempestuosa do inverno.

Gonha é bella como o primeiro sorrir da criança nos braços da mãe; Mozioa-tunia é imponente como o ultimo arquejar do ancião nos braços da morte.

Gonha é o bello na sua mais sublime expressão da formosura; Mozioa-tunia é o bello na sua mais expressiva revelação da grandeza e magestade.

Depois da contemplação da mais prodigiosa maravilha natural do continente africano, voltei ao meu campo fortemente impressionado pelo que acabava de vêr. O tempo melhorara, mas

conservava-se encoberto. N'essa noite fui assaltado por nuvem de mosquitos, que não me deixaram um momento de repouso.

Logo de manhã parti para a cataracta, que visitei de novo, concluindo os trabalhos começados na vespera, e que me entretiveram o dia todo. De volta ao campo, appareceram allí uns Macalacas com massango, pedindo-me quatro jardas de fazenda por um prato d'elle, que não continha meio litro de grão <sup>1</sup>.

Ainda que muito necessitado de adquirir viveres, não quiz abrir um tal exemplo, e recusei comprar.

Então o Macalaca disse-me, que a fazenda e a m'issanga não se comia, que eu teria fome, e então lhe daria tudo o que elle quizesse por um prato de comida.

Fui-lhe dando logo dois pontapés. Chegou o dia 22 de novembro, dia que eu tinha fixado para o regresso, mas a minha posição era critica. Tinhamos apenas comida para dois dias, e não lograríamos alcançar Deica antes de seis.

Era impossivel partir sem ter feito provisões de mantimentos.

Não esperando já obter nada dos Macalacas, fui caçar, apesar do mau tempo.

Pouco distante do acampamento, pude atirar a uma malanca, e voltava ás barracas para a mandar esquartejar e trazer allí, quando chegou o chefe das povoações das quedas, que pela primeira vez eu via, e me vinha visitar.

Com elle vinham muitos pretos, que foram ajudar a conduzir a malanca que eu havia morto. Uma tão importante peça de caça fez logo diminuir no mercado o preço dos viveres. O chefe foi á sua povoação d'onde trouxe quantidade de mantimentos e duas gallinhas, pedindo-me por tudo a pelle da malanca e o meu cobertor. Necessitado de partir, e não querendo fazer questões, acceitei o contracto, e elle retirou-se satisfeito.

Lá foi o meu cobertor! socio de tantas noites mal dormidas n'aquelles sertões africanos.

Pude emfim deixar Mozioa-tunia, e fui pernoitar nas mesmas barracas que tinha construido nã tarde do dia 18.

No dia immediato deixei o caminho que seguira até allí quando demandava a cataracta, e endireitei ao sul.

<sup>1</sup> Quatro jardas de fazenda allí valem 8 xelins, pois são reputadas a 2 xelins a jarda.

# PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 20 — 3.º anno)

**A** MOBILIA da sala de recepção é das mais simples. Ao fundo do compartimento, em frente da entrada, está um canapé de pau envernizado com a altura de dois pés, tendo no centro uma pequena meza de madeira despolida com a altura de vinte centímetros, onde estão dispostas as chavenas para o chá; de cada lado da meza ha um cochin coberto d'esteira branca e em seguida a este um outro de fôrma arredondada, de palha e coberto com panno vermelho, está encostado á parede. Á direita e á esquerda do canapé duas pesadas poltronas de pau despolido estão separadas por uma pequena grade com a altura de quatro centímetros. As paredes são cobertas de papel branco com desenhos prateados. O mesmo papel cobre o tecto, d'onde está pendurada uma lanterna, cujas quatro faces de vidro são ornamentadas com paisagens pintadas com côres mui vivas. O pavimento é feito de tijolos apenas polidos, sempre humidos e nunca tendo

conhecido verniz, que até agora na China não tem para este fim applicação. Na parede a que está encostado o canapé está pendurada uma grande aquarella representando uma caçada em que figuram cavallos amarellos e verdes, perseguindo um antilope côr de violeta que os cavalleiros atravessam com flechas junto de montanhas que, para tornar bem igual o combate, parecem querer esmagar caçadores e caça. Esta paisagem de côres disparatadas tem por caixilho tiras de papel vermelho, onde estão escriptas em grandes caracteres dourados as duas senten-

ças: — As cousas d'este mundo obedecem ás ordens do destino. — A sua direcção em nada depende do homem.

As chavenas onde se serve o chá são de porcellana commum tendo uma especie de tampas com um raro, com o fim de conservar o decocto quente e impedir que as folhas saiam da chavena.

As chavenas sem pires estão dentro de pequenos pratos d'estanho.

O visorei deu-me o logar d'honra, á sua esquerda, e pegou na chavena de chá com as duas mãos; levantou-a olhando para mim para me fazer comprehender que podia terminar com esta pequena cerimonia, em que os inexperientes queimam horivelmente a lingua, e começar com a conversação.

O visorei Li nasceu no segundo anno do reinado do imperador Tão-koang (o esplendor da Razão), na provincia de Ngan-r'hoi. Seu pae era um obscuro letrado, que apesar da sua obscuridade deu aos seus cinco filhos, dos quaes Li é o segundo, uma brilhante

educação. Este em pouco tempo conquistou os graus universitarios. O anno de 1848 viu-o entrar na Academia imperial chamada «a floresta dos pinceis» Quando os rebeldes Tai-ping invadiram o seu paiz natal poz-se á frente d'uma melicia por elle formada e que serviu sob as ordens do visorei das duas Kiangs. Promovido ao grau de magistrado da circumscripção «Tao-Taï» em breve se tornou um dos principaes logar-tenente do visorei Tseng-konò-fan. Em 1861, primeiro anno do reinado do imperador Tong-tche, foi nomeado governador de Kiang-son. Foi então que, au-



BURGUEZ DE TIEN-TSIN — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

xiliado pelo coronel inglez Gordon, inflingiu aos Taï-ping sérias derrotas. Depois da tomada de Sou-tcheou, posto que dizem ter a cidade capitulado com a condição de serem conservadas as vidas aos principes Taï-pings, mandou-os matar. Todavia a esse respeito dividem-se as opiniões e, segundo o testemunho d'um official inglez, que esteve n'esta campanha, a ordem para a execução veio de mais alto. O imperador para recompensar o governador Li, decretou-lhe um vestuario amarello e o titulo de Fei-Tze-chao-pas, guarda do throno. Depois da tomada de Nankin em 1864, Li foi nomeado nobre de terceira classe e foi-lhe conferida a penna de pavão d'olho duplo. Em 1866 expulsou do norte da China os rebeldes de Nien-fei. Em 1867 foi nomeado visorei da provincia Hou-peï e da Hounane. Foi então enviado ao oeste contra os mussulmanos chinezes revoltados.

N'esta ultima campanha teve por ajudante de campo um francez que ainda hoje está ao seu serviço, como general comandante de artilheria. Este personagem singular chama-se Pinel; tambor do 101 regimento de linha durante a campanha da China, aprendeu a fallar chinez; dando baixa foi, dizem, só, sem recommendação alguma, lançar-se aos pés do visorei Li que então operava contra os Taï-ping no Kiang-sou: «Grande homem, lhe disse elle, a vossa alta intelligencia melhor do que eu saberá apreciar os serviços que eu vos posso prestar». Os altos funcionarios chinezes estão pouco habituados a ver tanta humildade e admiração por elles nos Occidentaes. Pinel foi nomeado sargento no exercito chinez. Francez, e naturalmente valente, muitas vezes se tornou notado e depressa percorreu todos os postos do exercito. Em 1870 encontrou-se pela primeira vez, depois de dez annos, em contacto com alguns

compatriotas a quem contou que o governo chinez, posto que muito generoso fosse para elle, o obrigava a collocar a sua fortuna em immoveis para mais o vincular no paiz; que tinha sido obrigado a casar á chineza e que, segundo as circumstancias, o tinham forçado a ser budhista e christão! Este personagem a quem, além da valentia, tinha sido necessario para se sustentar em tão alta posição um tacto e finura raros, considera-se como completamente chinez. Vi-o impassivel entre os officiaes generaes e outros personagens que se conservam de pé no salão do visorei em quanto duram as recepções.—Vejam o quanto vale na China ser um bom equilibrista!

Li é desde 1870 visorei da provincia de Tche-li. Além d'isso é membro do grande conselho do imperio e membro do conselho privado de que S. A. I. o principe Kourg é o presidente, o que lhe dá o titulo de Tchong-tang. E por esta razão se lhe dá o titulo respeitoso de Li-tchong-tang.

N'uma palavra, Li-tchong-tang é actualmente um dos maiores dignatarios do imperio; ao mesmo tempo é um dos maiores apreciadores das sciencias occidentaes, de que começou a

fazer applicação no seu exercito, nos seus arsenaes e no commercio; foi graças á sua iniciativa que por acções se creou uma companhia de vapores chinezes que fazem hoje concorrência á navegação estrangeira. Sob o ponto de vista religioso, diz-se racionalista, e posto que se entregue, dizem, a certas praticas supersticiosas, não admite que se seja outra coisa, a não ser discipulo de Confucio.

Li-tchong-tang é muito distincto. É delgado e tem d'altura seis pés; as feições são finas, o olhar é vivo e uma grande bonhomia lhe está estampada no rosto, bonhomia que d'uma maneira muito meridional se traduz por gestos de que os



FALCOEIRO — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

chineses geralmente são muito sobrios. Nas suas familiaridades o seu comprido cachimbo desempenha um grande papel; bate-vos com elle frequentemente no braço, quando quer chamar a vossa attenção para qualquer incidente da discussão. Outras vezes, principalmente quando se discute a solução d'um negocio, a sua mão como o cutello d'um algoz, cahe de cima para baixo; este gesto que lhe é muito familiar, significa que foram decepadas as cabeças, o que nunca parece affligil-o e n'elle nada mais produz do que despertar-lhe o seu bom humor.

A rua das Lanternas e a rua da Roupa usada — Um estuário — O restaurante da *Harmonia* e da *Amizade* — O r'Hoan-kié — Casamentos posthumos — As auctoridades administrativas — Os magistrados — O pastelleiro do general Montauban.

Sahindo do palacio do governador, tornei a passar a ponte de barcos que lhe está em frente; então encontra-se uma rua estreita onde é impossível que duas pessoas a par possam passar, rua que termina no ponto de junção do Teng-kié, rua das Lanternas e do Kou-y-kié, rua da Roupa usada.

A primeira d'estas ruas, que se segue para alcançar a porta oriental da cidade murada, é a mais bem conservada das ruas do bairro do Este. Cada loja, mesmo depois de fechada, tem suspensa da porta uma lanterna comprida de papel vermelho, protegida por uma grade d'arame e tendo os dois caracteres: *kong i*, commodidade de todos. O mesmo não succede nas outras ruas que nenhuma outra illuminação têm a não ser a que os viandantes comsigo levam.

A rua da Roupa usada é o prolongamento, á margem do canal imperial, da rua das Lanternas, parallela ao Pei-ho. N'esta rua Kou-y-kié, desde manhã até á noite, ouve-se o pregão nasal e cadenciado dos ferro-velhos que, tendo um montão de roupa velha á sua esquerda, fazem-a successivamente passar para a mão direita depois de summariamente a terem mostrado e cantado as qualidades e valor de cada peça. A ausencia de compradores não os faz calar e, se nenhum apparece, o montão da esquerda passa para a direita e da direita para a esquerda, sempre ao som da mesma cantiga até noite fechada.

N'esta mesma rua mora um negociante de pequenas estatuas, o mais notavel que ha na China. Estas figuras, das quaes as maiores teem cerca d'um pé d'altura, são feitas de barro, per-

feitamente trabalhadas e coloridas. As suas proporções e estylo não tem nada do grutesco que caracteriza tudo quanto os chinezes desenham ou pintam. Os typos e as expressões das physionomias estão reproduzidas com muita felicidade. Os actores celebres encontram-se nas *vitrines* d'este artista, na companhia dos mandarins mais conhecidos, cuja classe inferior permite que o gracejo fique impune. Ha principalmente uma collecção de mendigos verdadeiramente repellentes; as suas chagas verdadeiras e as chagas fingidas estão fielmente imitadas, assim como os farrapos que são verdadeiros farrapos de que a estatueta está coberta.

No prolongamento da rua da Roupa usada encontra-se, sempre parallelamente ao canal, o Heou-kie-Heou. É o quarteirão dos prazeres, das casas de chá, dos restaurantes, etc. Passe-se ahi ao romper da aurora e julgar-se-ha que a maior parte das casas estão habitadas por passarinheiros. Não se ouvem senão gritos de gallinhas e todavia nem um gallinaceo grita. Estas casas são habitadas pelos alumnos do conservatorio, pelos cantores novos e pelos comediantes novos de Tien-tsin. Ao romper do dia o mestre, para lhe experimentar a voz, fal-os gritar como as gallinhas. Tal é o primeiro, mas não o ultimo, dos exercicios a que se entregam os chinezes que querem representar *soubrettes* em comedias, e que na vida real são os convivas indispensaveis de todo o jantar luxuoso offerecido n'um restaurante.

N'este ponto, como em muitos outros, a China está em completa decomposição. É em Heou-kie-Heou que se encontram os melhores restaurantes; á noite as salas e os gabinetes particulares regorgitam d'individuos que deixam ouvir os seus gritos festivos por entre o tanger das guitarras. Um dos melhores restaurantes é sem contestação aquelle de que é proprietario o musulmano Leou-lao-Ki que tem por taboleta *Harmonia e Amizade*, Ho-tsing-Koane; é aqui que a grande sociedade musulmana, muito numerosa em Tien-tsin, se reúne para comer guisados virgens de toda a carne de porco. Alli comtudo servem-se com muita tolerancia vinhos de todas as qualidades para consumo de não menos numerosos infieis.

Foi n'este restaurante que eu assisti a uma scena de costumes peculiar a Tien-tsin; quero fallar do que se chama r'Hoan-kié, a troca dos livros geneologicos; é sabido que os chinezes de todas as classes conservam muito acautelada-

mente estes livros, em quanto que entre nós, os Occidentaes, já não é feio qualquer saber quem foi o seu bisavô. Quando dois Tien-tsinezes contra-hem amizade fraternal torna-se-lhes indispensavel o reunirem n'um restaurante qualquer todos os seus amigos, e deante de testemunhas os dois amphitriões, trazendo os seus livros geneologicos, procedem em alta voz a um enxerto arbitrario das duas familias; segundo a sua phantasia o tio d'um torna-se o marido da tia do outro e assim por deante; os avós confundem-se e a fraternidade dos dois amigos está estabelecida.

Os avós são numerosos e o respeito exige que se façam libações a cada um d'estes casamentos posthumos, á memoria d'estes novos conjuges d'além campa.

«Quando se juntam os ovos n'um cesto, não se poderá dizer que gallinha pôz este ou aquelle ovo, e quando os frangãos esgravatam nos campos, decerto não sabem tambem quaes foram os seus paes.»

Mas perdão pelas digressões a que as minhas recordações me arrastaram.

Dirigi-me em seguida para a porta oriental, a fim de entrar na cidade murada, cada vez mais deserta e insalubre, com tenção de visitar, ou antes deixar bilhetes de visita, ao tao-tai, chefe da circumscripção, ao tche-fou, prefeito, e ao tche-shiene, presidente da camara. Como o paeo do palacio do viso-rei, o das habitações d'estas diversas auctoridades vêem amarellecer altaservas e esverdearem-se as aguas estagnadas. Devemos, como o poeta chinez que assim diz, alegrar-nos:

«Quando o solo está inculto e as enchadas brilhantes;—Quando os celeiros estão cheios e as prisões vazias;—Quando os padeiros andam de palanquim e os medicos a pé;—Quando os degraus dos pagodes estão gastos e nos dos tribunaes cresce a relva:

«O imperio está bem governado.»

Pois bem, as cadeias não se esvaziam; aliás os dois ou tres mil ya-y, guardas dos differentes tribunaes, morriam de fome, pois que estes não teem maiores ordenados do que os que teem os seus chefes que ás vezes, para encher a bolsa, se vêem obrigados a processar iniquamente.

Voltando ás concessões estrangeiras passo, pela praça do mercado em frente do pagode de Niang-Niang-Kong, palacio da deusa Niang-Niang, a Juno chineza, muito venerada em Tien-tsin.

É na rua, que fórma o angulo sudoeste d'este pagode, que mora o pasteleiro muito frequentado em 1860 pelo general Montauban. D'esta illustre clientela restam-lhe ainda como recordação algumas palavras francezas:

«*Pons, pons cateaux, hassiéz-fous, manchez.*»

O inglez é mais fallado que o francez, pois vi no mercado do Sul um chinez, tendo na cabeça um turbante verde, apreçar carne em inglez com um seu compatriota tien-tsinez, como o fariam dois francezes, um dos quaes fosse vasconço e outro bretão.

De Tien-tsin a Tong-tcheou—Os barcos do Pei-ho—Os barqueiros—O grande canal imperial—As *estrellas diffusas*—Cincoenta contra cincoenta—O meu patrão—Como se servem de duas varinhas para comer—O nosso junco.

Ao longo do caes da concessão ingleza encontro os dois barcos em que devo subir o Pei-ho até Tong-tcheou, a quatro leguas de Pekin. Tudo alli já estava installado: o meu leito, as minhas malas no primeiro e os meus creados com o trem de cozinha no segundo. Só nos resta esperar que a tripulação queira vir para bordo. Inutil é perguntar onde estejam os barqueiros, porque o patrão responderá infallivelmente: *maémienne-tsiu-leao* «foram comprar farinha;» é sempre, no ultimo instante, que elles procuram as suas provisões, embora o proverbio diga: «é bom não esperar pela chuva para concertar o telhado.»

Com a maré sobe-se rapidamente o Pei-ho até á ponte d'Este, alturas do antigo hospital das irmãs de S. Vicente; mas aqui, a não haverem altas protecções, teem-se innumeradas difficuldades para fazer abrir esta ponte de barcos, e mais vale esperar do que desembarcar, como o fez um parisiense das minhas relações que julgava existirem arcos submergidos por sob os quaes não se podia passar. É preciso accrescentar que, uma vez aberta a ponte, a circulação aos peões fica vedada durante mais de uma hora. Com effeito, atraz da minha barca, todas as que esperavam desde pela manhã aproveitaram a occasião e seguiram-me. Então os guardas da ponte gritam e juram, e as tripulações com compridos croques, cantando, empurram com todos os seus esforços os barcos.

Deante de nós, ao norte, estão as ruinas da igreja catholica e o antigo palacio consular francez queimado em 1870. Os muros da igreja, apesar das fendas, estão de pé. tendo no vertice a cruz: este facto não escapou ás observações su-

persticiosas dos chinezes. Do palacio consular só hoje se vêem o caes, o muro que o circumdava e a porta: as chammas nivelaram todo o resto. Pavilhões de columnas vermelhas, elegantes tectos artozoados, galerias graciosamente dispostas com balaustradas caprichosamente desenhadas, tudo desapareceu para dar logar aos tumulos das desgraçadas victimas do dia 21 de junho de 1870.

Do antigo palacio consular francez gozava-se, se não d'uma vista esplendida, pelo menos do espectáculo animado que pôde offerecer a navegação chinesa em tres correntes d'agua formando um grande Y, dos ramos do qual o palacio consular formava o ponto de intersecção. À direita, a oeste, vê-se o grande canal imperial aberto no reinado do imperador mongol Kou-pi-laë-Khan, no seculo decimo terceiro. Este canal ha vinte annos ainda era a via percorrida pelos cereaes vindos de Sou-tcheou para Pekin. À direita, a este, é o Pei-ho, rio do norte que se encontra junto da muralha oriental de Pekin, e emfim na nossa frente, correndo do norte para sul, vê-se á parte do Pei-ho que os chinezes chamam Takouho, rio de Takou, que depois de ter recebido as aguas do grande canal imperial e as do Pei-ho vae desaguar no golfo de Petchely.

O grande canal imperial está por assim dizer sem uso, desde que não é alimentado pelo rio amarello que, tendo rompido os diques, voltou ao antigo leito, atravessando a provincia Chantong, a tres milhas da capital da provincia Tsinan-fou; desagôa no golfo de Petchely junto da sub-perfeitura de Li-tsing, a algumas legoas ao sul de Takou. A hydrographia d'estes rios ainda não foi estudada. A parte abandonada do antigo leito sul do rio amarello é, embora o contrario digam os mappas, explorada pela agricultura chinesa, que não despreza uma pollegada de solo cultivavel, inclusivè as estradas departamentaes.

Os meus barqueiros, prolongando o barco com o caes, fazem-o avançar com a ajuda de compridas varas que elles firmam no caes, na margem ou no leito pouco profundo do rio. Foi assim que, depois de ter passado além do cemiterio catholico, sahimos de Kokou, ultimo bairro de Tien-tsin, defendido por novas e importantes obras de defeza.

Kokou é o refugio da escoria dos habitantes de Tien-tsin; é allí que se reúnem os Roun-sintzé (estrellas diffusas) quando querem combinar algum crime.

Estes individuos formam uma vasta associação, especie de *camora* de que fazem parte os barqueiros tien-tsinezes, os moços de fretes e os guardas dos tribunaes. Dividem-se em grupos pelos diferentes bairros e n'elles vivem como verdadeiros despotas. Vi um dos seus chefes apresentar-se a um negociante meu amigo, e imprecal-o por ter empregado na descarga d'um navio os moços de frete que pertenciam a outro bairro. Ousou mesmo dizer-lhe que, se não indemnissasse o grupo dos carregadores lesado, correria serios perigos, e até se arriscava a que lhe fossem incendia-

dos os armazens. Tudo isto foi dito em tom altivo, que mostrava bem o quanto esta gente está habituada a que lhe não resistam. Se os denunciam á policia, nunca entram na cadeia; limitam-se a deixar crescer os cabellos que lhes cahem sobre a fronte, para no dia do interrogatorio não differirem dos verdadeiros presos a quem a lei prohibe o cortar o cabelo durante a prisão preventiva. Os magistrados não se enganam com o disfarce e reconhecem frequentes vezes na rua os delinquentes de cabellos crescidos, mas nada ousam dizer. Algumas vezes ha rivalidades e mesmo luctas entre os diferentes grupos d'esta corporação; então de parte a parte sahem armados e ha encontros sangui-nolentos.



O VISÓ-REI LI — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia de M. Thomson



Fui testemunha d'uma d'essas luctas. Teve logar no inverno sobre o gelo do Pei-ho. Eram cincoenta homens de cada lado; enristaram as lanças e carregaram; cada combatente em breve espaço além da sua lança sustentada com a mão direita agarra com a esquerda a ponta da do seu contendor: então cada um puchava o mais que podia e as pragas faziam mais barulho que as pancadas. Á detonação d'uma pequena peça cada um fugiu para seu lado; é claro que não houve mortos nem feridos; o campo da batalha nem mesmo ficou em poder dos artilheiros que tinham querido decidir da batalha, a honra da qual cada um pôde attribuir a si proprio.

Ainda muito acima de Tien-tsin se conhece a maré; mais longe o volume das aguas diminue immenso; de qualquer modo, a navegação no Pei-ho é tão difficil como monotona.

O patrão da minha barca parece-me pouco communicativo; tem um filho que de manhã á noite bate n'uma especie de velha harpia, que coxeando cosinha para os tres barqueiros encarregados da vela e do leme. Um cheiro insupportavel a cebola noticia-nos o guisar dos atrozes *ravioli*, que serão ingeridos pela tripulação com a ajuda d'umas pequenas varinhas tão destramente manejadas pelos chinezes. Seguram as duas varinhas n'uma só mão; a primeira está fixa, a segunda presa entre o index e o pollegar move-se sobre a segunda como se fôra uma pinça. E o arroz? perguntar-me-hão. Para comer o arroz leva-se á bocca o vaso que o contém e as duas varinhas reunidas entre o pollegar, index e medio ajudam o conteúdo a entrar na cavidade boccál. Este processo, estou certo, desagradará a todos aquelles que ainda julgam que os chinezes, segurando as duas varinhas como um tambor segura as vaquetas, com um

rufos fazem saltar para a bocca um a um cada grão d'arroz. Seria mais divertido e mais pittoresco, confesso-o, mas não é verdadeiro.

A minha barca que externamente tem a apparencia d'uma gondola tem a mesma poesia que as margens do Pei-ho comparadas com os canaes de Veneza. O interior d'estes juncos, chamados koua-tze-tchouane, tem dois metros a dois metros e vinte d'altura e uma largura de tres metros. Uma plata-fôrma, tendo a largura

da camara, isto é metro e meio, e com uma altura de sessenta centímetros occupa dois terços do comprimento. É aqui em cima que se arma o leito abrigado por um mosquiteiro. Debai-xo d'esta plata-fôrma põe-se a bagagem. O pavimento da camara fica á altura da linha de fluctuação, isto é dois pés acima da prôa e da ré do barco. O mastro d'esta especie de junco é movel; erguem-o quando ha vento; quando não sopra o vento o mastro é substituido por um bocado de pau de seis pés d'altura ao qual se ata uma corda que tem a outra extremidade presa á prôa. A esta corda se ata a sirga pela qual pucha parte da tripulação em tempo de calma-ria. Á ré, o marinheiro que vac ao leme, segura

tambem a escota da grande e unica vela do junco. Esta vela é disposta pouco mais ou menos como o são os pannos dos leques que se abre mais ou menos conforme a violencia do vento.

Ao cheiro da cosinha da tripulação succede um cheiro a alho que intrigaria outro que não conhecesse como eu os costumes chinezes. Olhando por uma fenda vi o patrão deitado no chão na fôrma d'um novello.

«Feliz homem!» teria dito Musset. Fumava opio em ambar:

«E, vivendo sem remorsos, amava o somno.»



MENDIGO — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia do doutor Morache

## A questão do opio

Visto que se me depara a occasião de fallar do opio, vou, sem que me transvie do meu caminho, discorrer um momento sobre o assumpto de controversia em que sempre se entra quando se falla na China.

Um medico militar que acompanhou a expedição á China, o doutor Libermann, tratou completamente a questão; engenhosamente comparou o abuso do opio com o abuso do alcool; todavia as suas observações não foram concludentes, e julgamos que o doutor Morache mais se aproxima da verdade.

O prejudicial costume de fumar opio não é antigo: não vae além d'um seculo. É, dizem, a um vice-presidente das Indias chamado Whaler, a quem se deve impôr a responsabilidade de ter introduzido entre os chinezes este vicio já muito espalhado entre os persas e indios.

Segundo os dados estatisticos das alfandegas imperiaes chinezas, durante o anno de 1863 foi importado opio de Malwa, de Patna, de Benarés, da Turquia e da Persia no peso de 50:087 *piculs* (peso chinês de 60<sup>k</sup>,478) isto é 3:029 toneladas; em 1864, 52:083 *piculs* ou 3:151 toneladas; em 1865, 56:133 *piculs*, ou 3:336 toneladas, e emfim em 1866, 64:516 *piculs*, ou 3:903 toneladas, e em 1874, 67:468 *piculs*, representando um valor de 242.135:000 francos.

Comparando os algarismos de 1867 com os do anno de 1798, por exemplo, acha-se que o consumo do opio na China se elevou de 333 toneladas a 9:903; em outros termos, que se decuplicou. O mal augmenta d'anno para anno. É ainda maior do que se suppõe, pois que nunca entra n'estes calculos de consumo o opio hoje produzido pela propria China, nem a cultura da papoula feita pela gente pobre de que lhe resulta um opio mais barato.

Em Pekin fuma-se opio em todas as edades e todavia ainda em geral ha o sentimento de que é um abuso, quasi um vicio. Vae-se fumar principalmente a casas proprias que teem por taboleta folhas de papel opiadas colladas nas paredes exteriores ou na porta; fuma-se em casa dos commediantes e na propria casa de cada um. Comtudo, haverá sempre, pelo menos apparentemente, um obstaculo a que o opio não se vulgarise tanto como o tabaco na Europa; o opio não se pôde fumar em pé; só se fuma deitado; ultimamente, com grande desgosto meu,

alguem disse que na China se viam os soldados fumar opio marchando.

Para qualquer se entregar a esta pretendida delicia, mister é munir-se de differentes coisas: primeiro d'uma pequena lampada, d'um alfinete de doze ou quatorze centimetros de comprimento, d'um cachimbo cujo tubo, que tem tres centimetros de diametro por trinta e cinco de comprimento, tem na sua extremidade uma bola de porcelana com uma chaminé bastante larga para que dentro se possa introduzir um gancho de cabello, e emfim opio em estado liquido, o maior numero de vezes contido n'uma concha. Toma-se com o gancho uma gota d'opio, aquece-se á lampada e quando esta gota se intumece e vae seccar, põe-se sobre a fornalha de porcelana; então o fumador deita-se, encosta a cabeça a uma almofada e emquanto que com a mão esquerda aproxima o cachimbo da lampada, com a direita, agarrando no alfinete, leva gotas de opio em ebulição para o cachimbo, cujo fumo aspira com uma unica e demorada aspiração.

Seria impossivel fazer uma estatistica dos fumadores d'opio; julga poder-se calcular que, em média, em Pekin, um chinês deve consumir de um a sessenta grammas; é um calculo que não tem significação; é certo ser um excesso pouco commum o fumar seis a sete grammas d'opio por dia.

Tres grammas e meio d'opio bruto custam cerca de trinta centimos. A mesma quantidade d'extracto de opio superior vale quarenta e cinco centimos. A gente pobre compra uma mistura de restos e cinzas que, para a mesma proporção, o seu valor é de quinze centimos.

Os homens especiaes cuja opinião se pôde invocar com probidade, e especialmente o doutor Morache, dizem que o opio usado com moderação não é um veneno. Do mesmo modo que entre nós sem inconveniente sensível se pôde tomar depois do jantar algum rum ou cognac, assim os individuos da classe superior de Pekin podem consumir quasi quotidianamente alguns grammas de opio sem que se lhes perturbem as ideias ou lhes enfraqueçam as forças. Ha uma extrema exaggeração nas narrativas dos viajantes que procuram fazer acreditar que com a progressão incessante do consumo do opio, a população da China está em perigo de desaparecer. É uma asserção tão falsa como se se pretendesse que o alcoolismo e o tabaco estão em via de minar e destruir certos povos europeus ou os habitantes da America do norte.

(Continúa.)

# OS DOZE DE INGLATERRA

## ESTUDO CRITICO-HISTORICO

(Continuação da folha 22—3.º anno)

**Y**É-SE que Soeiro da Costa, apesar de *creado de pequeno* na camara de el-rei D. Duarte (nascido em outubro de 1391), começou a figurar pela cavallaria em 1404. Esta chronologia e o silencio de Azurara, tornam mui pouco verosimil, senão impossivel, o figurar no caso dos *Doze de Inglaterra* e nas guerras em ajuda do duque de Lancastre, contra Castella, anteriores áquelle anno de 1391.

### SUPRANUMERARIOS

#### 13.º—JOÃO FERNANDES PACHECO.

Foi irmão de Lopo Fernandes Pacheco, atrás nomeado, e por mal premiado por D. João I, se passou a Castella, finda a guerra, e allí foi por Henrique III, em recompensa de serviços prestados, premiado com a villa de Belmonte na mancha de Aragão. De sua filha D. Maria Pacheco, mulher de Rodrigo Telles Giron, nasceram os dois maiores senhores de Hespanha, D. João Pacheco, que foi duque de Escalona, marquez de Vilhena e mestre de Santiago, e D. Pedro Giron, mestre de Calatrava, auctor do condado de Usenha, que depois foi o ducado de Ossuna, e que esteve em vespuras de casar com a rainha D. Isabel, a catholica, se a morte o não atalhasse estando fazendo-se prestes para a ir receber por esposa.

Ácerca de João Fernandes Pacheco, dizia João Bernardo da Rocha, em 1851, na sua *Revista de Portugal*, o seguinte: «Em Segovia vimos um convento edificado por um dos mais famosos portuguezes na historia de Portugal, João Fernandes Pacheco, o que venceu a batalha de Trancoso e ajudou muito a ganhar a de Aljubarrota.

Saiu ao fim da guerra para Hespanha, aggravado de João I, que não lhe remunerou os serviços como elles mereciam. Em Hespanha, por notaveis serviços ao seu novo rei, foi feito marquez pe Vilhena, e d'elle descendem as principaes familias da nobreza de Hespanha.

Sucedeu achar-se esse brioso cavalheiro em

Segovia, aonde, por intrigas ou ciumes, saíram a elle tres assassinos bem armados, que o accometteram com suas espadas subitamente, tirou a sua Fernandes Pacheco e offendendo mais que defendendo-se, em breve espaço deixou mortos os tres rufiões. Sendo tão legitima a defeza, foi o nobre caudilho obrigado por penitencia a edificar esse convento».

#### 14.º—VASCO ANNES CORTE REAL.

«Foi o primeiro que teve este nome, que el-rei D. João I deu pela facilidade com que se offerecêra ao desafio dos cavalleiros de Inglaterra, onde foi com onze companheiros sobre o agravo das damas inglezas, em que entrou Alvaro Gonçalves, o *Magriço* de alcunha. Foi este Vasco Annes fronteiro mór de Tavilla, grande cavalleiro, e de tão prodigiosas forças, que excedem o credito humano. Achou-se em varios trances, e dos mais arriscados. Na tomada de Ceuta por el-rei D. João I foi o primeiro que por força de armas entrou os muros d'esta famosa e poderosa cidade, e arvorou sobre elles o primeiro pendão, sendo o derradeiro que da frota saltou em terra, e com haver na defenção dos naturaes grande resistencia e repugnancia, accommeteu com tanto animo e ousadia, que foi occasião de a el-rei tomar mais depressa do que cuidava. Como escreve Jeronimo Corte Real, seu parente, no seu *Naufragio*, cant. 13.º, d'onde por este feito tomou por timbre de suas armas dos Corte Reaes, que já então tinham, um braço armado com uma lança d'ouro na mão com o ferro de sua cõr, e uma bandeirinha de duas pontas com os troçaes d'ouro, como hoje trazem os do appellido de Corte Real, e o escreveu o douto padre Viegas na dedicatoria sobre os sete psalmos penitenciaes. Inda que o mais certo é, que este timbre deu el-rei D. João II aos que descendem de Vasco Annes Corte Real. Este foi o cavalleiro que em Inglaterra venceu a um inglez, em desafio, que trazia por armas a cruz simples vermelha, que elle por memoria do seu vencimento applicou ás suas antigas armas dos Costas (que são seis cos-

tas de prata em duas palas em campo vermelho) e após em chefe em campo de prata (F. S. Toscano, *Parallelos*.)

### III

Certos de que as seguintes narrativas de desafios de tantos por tantos, os dois primeiros em Africa em 1526 e 1540, e o outro em Diu em 1533, aquelles referidos por Fr. Luiz de Sousa e este por Couto, serão bem acceitas do leitor, aqui lh'as offerecemos; ellas provam o quanto era entre nós usado esta especie de combate.

«Mas não é para ficar em silencio outro caso do dia da briga que muito lhe mitigou ao capitão o desgosto d'ella. Estava nas tranqueiras cheio de paixão e raiva; parte pela falta que julgava lhe fizeram os seus em não voltarem todos com elle, quando os chamou: parte por vêr nas pontas das lanças dos mouros as cabeças dos nossos que foram mortos no recontro; quando vio chegar um mouro e pedir licença para fallar, que mandado dizer o que queria, fallou assim: «O alcaide meu senhor vos faz saber que elle está n'aquelle facho, descontente do pouco que hoje fez, e muito desejoso de entrar em campo com vosco, ou de corpo a corpo, ou de tantos por tantos. Se accetaes a offerta, elle segura o campo, e promete compril-a.» Nenhuma cousa podera então succeder que mais desassombrára o capitão da melancolia com que se achava. Alegrementemente e sem nenhuma alteração: — «Cavalleiro, disse, de mim tendes cincoenta cruzados e um capilhar d'escarlate, se fazeis com o alcaide que cumpra o que dizeis; que eu da minha parte estou prestes e me vou para elle:» e chamando a João de Deus, um cavalleiro que fôra cativo do alcaide cinco annos, mandou-lhe que fosse com o mouro, e dissesse a seu amo, que accitava o desafio, e lhe dava a escolha dos partidos que commettia; e que não tardassem na execução, pois estavam no campo e com as armas nas mãos. E pondo as pernas ao cavallo encaminhou para o facho, dizendo a todos que esperassem em Deus vingar a magoa d'aquelle dia, se o mouro cumprisse qualquer das condições que offercêra. Mas o alcaide teve bom padrinho em Muley Abraham, que sabendo o que passava se vio a elle cheio de colera, e o reprehendeu asperamente. E logo chamou João de Deus, e lhe disse com termo brando e cortez: «Dizei-me ao senhor capitão, que por mercê lhe peço, que não faça caso das palavras vãs de meu cunhado, que

é homem mais montanhez, que entendido em lanços de aviso e cortezia, e já estava conhecido de seu erro, e bem arrependido de lhe ser pesado n'esta conjunção.»

(Sousa — *Annaes de D. João III*, pag. 189.)

«Despede-se o anno de 1540, com um honrado successo da fronteira de Safim, de que temos relação por uma carta original do capitão D. Rodrigo de Castro para el-rei, que me pareceu digna de ir copiada assim como nos veio da Torre, sem tirar nem acrescentar lettra. É a que segue: — «Senhor. Mandou Xarife ao Alcaide Bodbadeira, e a seu irmão o Alcaide que foi de Dará, com os Xeques e Arahala de Xiatuna, e os Dabia e Garabia, e a metade da Enxovir, em que haverá mil e quinhentos de cavallo, e muita gente de pé que com todos os seus Aduares se viessem por á roda d'esta cidade. Huns estão da Atalaia gorda para dentro: e., está na Varzea de Gornis; e outros estão da banda de Villa Velha. Os quaes nos tem cercados, sem podermos sahir fóra dos vales: e as tranqueiras jogão todos os dias ás lançadas comnosco, onde, louvores a Deus, lhe matámos e ferimos muitos mouros; e elles nos tem feito perder á fome a maior parte dos cavallos, e se Vossa Alteza antes de um mez nos não mandar acodir com mantimento, perder-se-ão todos, e a maior parte da gente que aqui ha estamos em meias rações pelo pouco trigo que nos veio, e pela muita guerra que temos; porque o serco que temos he mui grande, tirando sermos combatidos com artilheria; porque isso só nos falta.

A 29 de dezembro me mandou o Alcaide Bodbadeira desafiar, dizendo que elle queria dar quatro cavalleiros do Xarife, os quaes se matariam com quatro christãos, sobre quaes eram melhores cavalleiros. E o porque isto fez, foi pelo muito nojo que lhe faziamos, sendo nós poucos e elles muitos. E eu accitei o desafio, por me parecer que n'isso servia vossa alteza, por elles não irem com esta honra adiante. E vespóra de janeiro me alevantei mui cedo; e depois de ouvirmos missa, lhe mandei dizer que accitava o desafio. Elle mandou logo levantar os fachos que tem de redor de nós; e veio com os quatro cavalleiros que trazia escolhidos para isso. Eram Amor Benga Neme, e Falhavra, e Ale Ben Mafamede, e Cide Narzocco, os quaes são os mais experimentados e melhores que tem el-rei de Marrocos.

(*Continúa.*)



CORA ATROPELLADA — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO — VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA — ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS — DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

### A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 23 — 3.º anno)

**N**ÃO ME TINHA sido difficil encontrar a grande cataracta do Zambeze que de longe se annuncia; mas encontrar um ponto que não existe nas cartas e cuja posição eu tinha calculado por informações vagas, não me era facil. N'um paiz como aquelle, despovoado e virgem, eu poderia bem passar perto do kraal de Patamatenga sem o vêr, nem dar d'elle conta. Comtudo, pelos meus calculos, Patamatenga devia-me ficar ao sul verdadeiro, e eu endirei-tei para lá, disposto a não alterar aquelle rumo por nenhum motivo que fosse.

Depois de marcha de quatro horas, fui acampar junto de um corrego em sitio medonho. Nem uma arvore, nem uma herva. Só penedias negras formavam a paizagem, escurecida ainda por um ceu carregado de pesados nimbus.

Um silencio profundo reinava n'aquelle pequeno valle da tristeza.

No caminho d'esse dia encontrei alguns leões, que evitei com cautela.

Vem a proposito fallar aqui de certa mania louca que ataca quasi sempre o explorador novo. É tal o seu entusiasmo por affrontar os perigos, que chega a creal-os onde elles não existem.

A Africa offerece cada dia, a cada passo, taes estorvos ao viajante, taes perigos ao caminheiro, que são elles de sobra para fazer abortar a maior parte das expedições que tentam devassar os seus segredos.

A prudencia deve ser o guia de todas as acções do explorador; o que não quer dizer que ella mesma não aconselhe, em outra dada circumstancia, um excesso de temeridade, quando essa temeridade fôr precisa á salvação commum.

Uma das maiores loucuras em Africa é caçar feras. A polvora vale no sertão tanto como o

ouro, e o tiro dado em uma fera é um tiro desperdiçado, é o resultado de uma expedição arriscada, é às vezes a salvação de toda uma caravana, que será perdida sem chefe, posta na balança do acaso, unicamente por satisfação de uma vaidade pessoal.

Em quasi toda a minha viagem, obrigado a caçar para viver, tive muitas vezes de afrontar as feras, o que não me teria acontecido se, dispondo de recursos sufficientes, me pudesse ter dispensado da caça. Uma fera morta em defesa propria e em encontro fortuito, é um obstaculo destruido; um leão procurado e morto por o explorador geographo é um obstaculo creado, é uma imprudencia commettida, e deve ser um remorso na sua existencia.

Eu commetti algumas faltas d'essas, e sempre depois tive o arrependimento sincero.

Hoje se voltasse á Africa em viagem de exploração ou encarregado de outra qualquer missão importante, não arriscaria o fim principal, para me dar um prazer que é fumo, porque apenas vem um momento lisongear o amor proprio.

Já pensava assim, quando de volta da cataracta evitava os leões, que fugiam de mim como eu fugia d'elles.

Não havia lenha perto do sitio onde decidi ficar, e o meu Augusto foi procural-a longe. Trouxe alguns troncos de arvores seccos, que, ao partir, deixavam apparecer nas rachas escorpiões enormes. No caminho mesmo, e ainda alli, haviam innumerados dos repugnantes articulados.

N'esse dia, uma violenta tempestade vinda do S. S. E. passou sobre nós, e durante duas horas despejou copiosa chuva.

Durante a noite soprou rijo o vento S. E., que muito nos incommodou, tendo por abrigos, como tinhamos apenas um ceu nebuloso. A 24 de novembro, segui sempre ao Sul por caminho difficil.

As montanhas corriam a S. E. e por isso nós subiamos e desciamos continuamente, em terreno pedregoso e arido. Depois de cinco horas de fatigante caminhar, encontrei um pequeno charco, junto ao qual acampeei.

Subindo a um outeiro que me ficava proximo, avistei ao sul uma planicie enorme, onde não pude divisar os menores signaes de agua, por mais que a perscrutei com o meu oculo potente.

Receei muito que me faltasse a agua d'alli em diante. É verdade que n'aquelle paiz abunda o *Mucuri*, e onde elle existe não se morre á sede.

O *Mucuri* é um grande auxilio do viajante nas florestas ressequidas da Africa Austral. É elle um arbusto de 60 a 80 centimetros de altura que produz na extremidade das suas radículas, uns tuberculos esponjosos, ensopados de um liquido insipido que sacia a sede.

Não é facil, porém, encontrar os tuberculos logo que se encontra a planta.

Crescem elles nas pontas de pequenas radículas que, irradiando das raizes principaes, vão muito longe do caule alimentar e desenvolver aquellas excrescencias extraordinarias. O melhor meio de os encontrar é o empregado pelo gentio africano, de se collocarem junto á planta e ir descrevendo circulos concentricos a passos lentos, batendo o terreno com um pau. Onde a terra dá um som ôcco e surdo ahi estão os tuberculos, que tem de 10 a 20 centimetros de diametro e affectam a fórma proximamente espherica. Fiz boa provisão d'elles no dia immediato, antes de deixar o sitio em que passei uma pessima noite.

Sustentei marcha de sete horas, já em planicie coberta de arvoredos e altas gramineas. De agua nem signaes.

Pela tarde paramos extenuados de fadiga, e resolvia acampar, quando sobre a minha cabeça na arvore a que estava encostado, ouvi o arrullar das rôlas africanas.

A agua devia estar perto, porque aquella era a hora das avezinhas beberem, e sem bebedouros proximos as rôlas não estariam alli. A rôla em Africa é indicio de haver agua perto do sitio onde se mostra de manhã e á tarde, porque aquella ave não passa sem beber duas vezes ao dia.

Mandei logo Verissimo e Augusto explorar os arredores, e uma hora depois voltava Verissimo tendo encontrado uma pequena nascente um kilometro ao N. O.

Fui acampar alli já por noite escura.

Pelos meus calculos no dia immediato deveriamos chegar a Patamatenga.

Amanheceu o dia 26 de novembro, e puz-me em marcha. Logo á sahida do ponto em que acampeei, encontrei uma espessa matta, que me levou 20 minutos a transpôr.

Ao sahir d'ella um ribeiro bastante volumoso corria em leito de pedra, e além d'elle um kraal, magnificamente construido, mostrou-me por sobre a sua forte palissada o tecto pontegudo de muitas casas.

Eu tinha dormido junto a Patamatenga sem

o saber, e tinha passado uma pessima noite ao relento, quando poderia ter dormido em optima cama e no concheço de uma bem construida casa.

Um inglez, cujo nome ignorava, veio buscar-me ao rio e levou-me ao kraal, principiando logo, antes de mais conversa, a dar-me de comer. Às onze horas já eu tinha comido não sei quantas vezes, e elle veio annunciar-me que se estava fazendo um petisco. Tinha alli um optimo cosinheiro europeu. Não consentiu que eu seguisse para Deica, sendo o seu argumento, que deveria passar o dia com elle, porque o devia passar.

Escrevi um bilhete a Mr. Coillard, a participar-lhe que estava de boa saude, e que chegaria a Deica no dia immediato.

O inglez, logo que viu a minha resolução em ficar, mandou matar o seu melhor carneiro, e convidou-me a ir vêr o seu quintal. Fomos, e elle começou a fazer barbaridades. Distruiu um batatal novo só para tirar umas seis batatas.

Apanhou quantos tomates, cebolas e pimentos alli haviam.

Não pude impedir aquelle furor de destruição para me dar a comer de tudo quanto tinha, e até creio que tudo quanto tinha se eu me demorasse em sua casa. O quintal era magnifico e muito bem tratado, mas n'aquella epocha do anno pouco podia offerecer. Ainda assim o meu inglez voltou triumphante com seis batatas, dezeseis tomates, alguns pimentos e muitas cebollinhas, que foi entregar ao cosinheiro para o jantar!... Jantar!... Eu não sei que nome devei dar áquella comida! Pelo numero devia ser muito mais do que ceia, pela hora menos do que *lunch!*

Pude suster o furor do meu hospedeiro em dar-me de comer, e consegui ir com elle dar um passeio nos arredores do kraal.

Encontramos no caminho cinco monticulos de pedras que marcam as sepulturas de cinco europeus, adormecidos alli para sempre, e deitados ao lado uns dos outros, á sombra do arvoredo, n'essa mesma terra que lhes infiltrou no organismo, pelo ar que deu a respirar, o veneno que lhes deveria cortar as existencias com prematuro passamento.

Quantos tumulos como aquelles não tem um logar incerto, no meio d'esse continente enorme, e não escondem o segredo da sepultura de homens, que deixaram longe affeições e ternuras, que nem podem ter o amargo prazer de derra-

mar uma lagrima sobre a terra que occulta um ente estremecido!

Os cinco tumulos de Patamatenga encerram os despojos de cinco homens, cujos nomes vou citar, e se algum amigo ainda se lembrar d'elles terá ao menos o conhecimento do canto da terra onde repousam para sempre.

O primeiro tumulo encerra Jolly, morto em 1875; o segundo Frank Cowley; o terceiro Robert Bairn, ambos mortos em 1875; o quarto Baldwin, e o quinto Walter Carre Lowe, mortos em 1876. Em abril do anno de 1878, morreu tambem alli perto o sueco Oswald Bagger, que está enterrado em Lexuma.

Depois de visitar aquelle cemiterio improvisado no meio do sertão longinquo, voltei ao kraal de Patamatenga, onde fui obrigado a comer varias ceias.

Na conversação com Gabriel Mayer, o meu hospedeiro, eu fugia de narrar qualquer episodio passado da minha viagem em que figurasse a falta de viveres, porque ao ouvir taes narrativas, o bom inglez entrava em furor e mandava logo pôr a mesa, mesa que já me mettia tanto medo como por vezes me tinha mettido a fome.

No dia seguinte, depois de ter almoçado duas vezes, antes das 7 horas da manhã, parti a essa hora, tendo de levar varios petiscos para o caminho, porque Gabriel Mayer não consentiu que eu partisse sem essa condição.

Depois de cinco horas de marcha a leste, alcancei o acampamento de Deica, onde a familia Coillard me esperava, e onde fui recebido com as maiores demonstrações de sympathia.

D'aquelle lado não tinha chovido como em Mozioa-tunia, e ficamos em grande embaraço para partir, porque encontraríamos o deserto secco, e impossivel nos seria atravessal-o antes de cahirem as chuvas necessarias para encher os charcos onde deveriamos encontrar a agua precisa.

Nos dias 28 e 29 de novembro, percebemos que haviam trovoadas muito ao longe ao Sul e S. S. E., e isso animou-nos a partir, esperando que ellas tivessem despejado alguma chuva no deserto.

No dia 28 improvisei, com anzoas que trazia, uns pequenos aparelhos de pesca, e fui com as damas Coillard pescar a uma lagôa que nos ficava uns duzentos metros a oeste do campo. Conseguimos pescar muitos peixes miudos, e eu tive um verdadeiro prazer por vêr o gosto que gozavam aquellas senhoras n'um divertimento novo para ellas, quando sentiam a ligeira canna vergar

ao peso de um peixe que se estorcia na ponta da linha, preso ao anzol que a sua imprudente voracidade lhe fizera morder.

No dia 30 resolvemos partir a 2 de dezembro, ainda que corriamos o risco de não encontrar agua logo nos primeiros dias de viagem, mas uma importante consideração nos levava a não differir a partida. Eramos quinze pessoas, e a provisão de mantimentos pequena. D'alli ao Bamanguato não poderíamos obter viveres, e em Deica mesmo nenhuns pódiamos haver.

Era pois preciso caminhar sobre Xoxom (*Shoshong*) o mais depressa possível, para alcançar a cidade do rei Khama antes que viesse a fome.

Ficou por isso resolvido que partissemos no dia 2, resolução que foi apoiada pela chuva que cahiu nos dias 30 do mez e 1 de dezembro.

Antes de emprehender a narrativa d'essa aventureosa viagem atravez do deserto, preciso dizer duas palavras ácerca dos meus companheiros.

Que elles me perdoem pelo que vou escrever, se a sua modestia fôr ferida pelas minhas palavras; mas é preciso que se saiba o nome e os feitos de alguns d'esses obscuros trabalhadores africanos, que deixam a Europa e a vida civilizada, para irem longe da patria trabalhar tenazmente na grande obra da civilização do Continente Negro.

No paiz do Basuto, paiz que confina ao sul e leste com as colonias do Cabo e Natal, e ao norte e oeste com o estado livre de Orange, foram, ha cincoenta annos, estabelecer-se alguns missionarios protestantes francezes. Estes homens, cujo numero augmentava de anno para anno, conseguiram domar um povo barbaro de canibaes, e eleva-o a um estado de civilização e de instrucção a que ainda não chegou povo algum da Africa Austral.

Hoje as escolas christãs do Basuto contam os discipulos por milhares, e uma grande parte da população sendo christã, abandonou a polygamia e os costumes barbaros dos seus antepassados.

Os missionarios acharam o campo já pequeno para o seu numero, sentiram a necessidade de expansão, e foram estabelecer os seus cathedistas para o norte do Transvaal, junto ao Limpôpo.

Quizeram ir mais longe, e uma expedição foi organisada, tendo por chefe um joven missionario, com destino ao paiz do Baniais ou Macho-

nas, situado entre o Matabele e as terras Natuas. Esta expedição foi infeliz. Entrando no Transvaal, soffreu insultos dos boers, que a impossibilitaram de seguir ávante, chegando até a serem presos em Pretoria o missionario e seus homens de cathechese.

Foi então que Mr. François Coillard, director da missão de Leribé, foi encarregado de dirigir a expedição que falhara. Partiu de Leribé, ponto situado perto do rio Caledon, affluente do Orange e a oeste do Mont-auxsources, e com sua esposa e sua sobrinha e seus cathedistas caminhou ao Norte, e por entre innumeradas difficuldades, que só uma vontade tenaz pôde vencer, conseguiu alcançar o paiz a que se destinava.

Muito bem recebido pelos Machonas, deu começo aos seus trabalhos, quando foi atacado por uma força de Metebeles, que o fizeram prisioneiro e o conduziram com toda a expedição perante o seu chefe, Lo-Bengula.

O que o missionario e aquellas pobres damas soffreram durante o tempo que estiverem em poder do terrivel chefe dos Matebeles é uma historia triste e compungente.

O chefe, que pretende ter direitos sobre o paiz dos Machonas, exprobou-lhes o terem ido alli sem a sua previa licença, e não lhes permittiu voltar lá.

Retrogradou pois até Xoxon, capital do Manguato, e não querendo deixar sem resultado tão dispendiosa e fadigosa jornada, deliberou fazer uma tentativa sobre o Barôze. Tinha a vantagem de fallar a lingua do paiz, bem como os seus cathedistas, que, Basutos de origem, podiam trabalhar facilmente em um paiz onde se fallava a sua propria lingua.

Não foi feliz no Barôze, e ainda que bem recebido e cheio de promessas do astuto Gambela, não lhe consentiram o accesso além de Quisque.

Foram estes, que exponho muito resumidamente, os motivos que levaram a familia Coillard ao Alto Zambeze, e que occasionaram o nosso encontro n'aquellas remotas paragens.

Mr. Coillard e sua esposa, á epocha do nosso encontro, estavam em Africa havia já vinte annos!

Mr. Coillard é homem de quarenta annos, sua esposa tem a idade que tem todas as damas casadas logo que passam dos vinte e cinco, não tem idade.

O missionario nutre uma grande paixão pelos indigenas, á civilização dos quaes votou a sua



vida. Sempre tranquillo em gesto e palavra, não se altera nunca, e só tem na bocca o perdão para todas as faltas que vê commetter.

François Coillard é o melhor e o mais bondoso dos homens que eu tenho conhecido,

A uma intelligencia superior reúne uma vontade inquebrantavel, e a teimosia precisa para levar a cabo qualquer empreendimento difficil.

Muito instruido, o missionario francez tem uma alma moldada para comprehender os mais sublimes sentimentos, e é mesmo poeta.

Procurando e glorificando-se de encontrar qualidades boas nos indigenas africanos, não vê ou não quer vêr as más.

É um grande defeito esse, mas tem elle ampla escusa na sublimidade dos sentimentos que o ditam.

Madame Coillard, como seu marido, é de uma bondade extrema.

Não se chega a ella o necessitado sem ir satisfeito, o triste sem ir consolado.

Para elles tudo são irmãos, e tanto estendem a mão ao indigena como ao europeu, ao pobre como ao rico, logo que indigena, europeu, pobre e rico precisam d'elles.

Eu, por mim, não lhes poderei nunca agradecer os serviços que me fizeram, serviços que me obrigaram tanto mais, quanto maior foi a delicadeza com que foram feitos.

O correr da narrativa mostrará quem são estas gentes de quem fallo agora muito laconicamente, e que deviam ser meus socios na longa viagem que iamos empreender atravez de um deserto desconhecido, porque, deixando o caminho das caravanas, iamos traçar uma nova estrada.

### CAPITULO III

#### TRINTA DIAS NO DESERTO

O Deserto—Florestas—Planicies—Os Macaricaris—Os Masaruas—O grande Macaricari—Os rios no deserto—Morte da Córa—Falta de agua—O ultimo chá de Madame Coillard—Xoxom (*Shoshong*).

A 2 de dezembro começaram logo de manhã os preparativos de partida.

Um wagon de viagem em Africa do Sul é uma pesada construcção de madeira e ferro, de 6 a 7 metros de comprido por 1,8 a 2 de largo, assente sobre 4 fortes rodas de madeira, e tirado por 24 a 30 bois, jungidos a fortes cangas, presas a uma corrente longa e grossa, fixa á ponta do cabeçalho no carro.

Esta especie de casa ambulante, é carregada com as bagagens e fazendas do viajante, e disposta de modo a offerecer-lhe todas as commodidades caseiras.

O wagon de Mr. Coillard era uma verdadeira maravilha.

Construido expressamente para aquella viagem sob as suas vistas e com a sua experiencia de viajero, tinha commodidades que nunca vi em outro.

A minha bagagem foi arrumada com a da familia Coillard no fundo do wagon, ficando apenas á mão aquillo de que eu poderia precisar a a miudo.

Elles faziam prodigios para darem logar a todos os meus volumes de carga, como durante a viagem, se encolhiam para me dar logar a mim mesmo.

Uma partida dspos de 15 dias de descanso é sempre muito demorada.

Ha muita cousa que arrumar, e no momento de partir descobre-se sempre que ha uma canga quebrada, que faltam as pitas aos chicotes, que os cubos das rodas precisam ser untados, mil cousas, emfim, que fazem retardar algumas horas o momento prefixo.

Depois d'essas precauções tomadas por Mr. Coillard, e ditadas por uma longa experiencia de tal modo de viajar, conseguimos deixar Deica pelas 2 horas da tarde, e endireitamos ao sul.

O nosso comboio compunha-se de quatro wagons, dois pertencentes a Mr. Coillard, e dois outros de Mr. Frederick Phillips, de quem fallarei mais tarde.

Depois de uma jornada de tres horas e meia, encontramos agua em uma pequena lagôa, recentemente cheia pela chuva dos dias anteriores, e pernoitamos junto d'ella.

No dia immediato seguimos a S. S. E., e depois de duas horas de viagem paramos hora e meia, para dar descanso aos bois.

Foi de tres horas a segunda parte da jornada, e ainda fizemos uma terceira tirada das 7 ás 9 da noite.

Sendo explorados os arredores do sitio em que acampamos, encontrou-se agua um kilometro a E. N. E.

No dia 4 só pudemos partir ás 4 e meia horas da tarde, para darmos tempo aos bois de beberem durante toda a manhã, e n'esse dia a nossa jornada foi apenas de duas horas e meia, porque, encontrando uma lagôa de optima agua, acampamos junto d'ella, ainda que os pretos de

Mr. Phillips diziam haver alli a terrivel mosca zè-zè, o que me parece precisa confirmação.

Comtudo, por prudencia, no seguinte dia partimos logo de madrugada, e viajamos por sete horas e meia, em tres andadas, a ultima das quaes findou ás 9 da noite. Junto do ponto onde pernoitamos não appareceu agua. A viagem d'esse dia foi difficil, por entre emmaranhada floresta, onde os wagons correram grande perigo de partir as rodas de encontro aos troncos de arvores colossaes.

A 6, de manhã, jornadeamos por duas horas a S. E. encontrando no fim d'ellas uma lagôa de agua permanente, a unica agua que no tempo secco se encontra de Deica até alli. Chama-se Tamazêze.

Descançamos por sete horas, e seguimos ás 3 da tarde, indo acampar, ás 6, junto de outra bella lagôa tambem permanente, a que os Masaruas chamam Tamafupa.

A jornada d'aquelle dia foi por entre florestas lindissimas, onde abundam espinheiros brancos. O solo é coberto por uma espessa camada de areia. Junto á lagôa um formoso tapete de relva cobre o terreno, levemente accidentado. Mas no meio d'aquelle relva viçosa cresce uma planta herbacea de que os bois são avidos, e da qual é preciso desvial-os com cuidado, porque é mortal peçonha para elles.

Estive n'essa noite até tarde levantado, para fazer observações astromicas, e talvez ahi tivesse origem o violento accesso de febre que me atacou no dia immediato.

Por algumas horas o delirio tirou-me a consciencia, e só ao recuperar a razão pude dar tino dos cuidadosos desvelos que me eram dispensados pela familia Coillard.

O dia seguinte foi ainda passado no mais angustioso soffrimento, e só ao terceiro dia nos pozemos em viagem, indo eu em deploravel estado. Foi-me arranjada uma cama no wagon de Mr. Coillard, e rodeado da familia, que redobrava em affectuosos cuidados, cercando-me de todas as commodidades que a si tiravam, fiz uma jornada que pouca consciencia tenho de ter feito. Sei que a 10 de dezembro estavamos acampados em um logar que uns chamam Muacha e outros Nguja.

Alli, com o caminho seguido pelos negociantes inglezes, deviamos deixar um d'elles, que, como já disse, era nosso companheiro de viagem desde Deica.

Mr. Frederick Phillips, o companheiro de

viagem que iamos deixar, é um *inglez de Inglaterra*. Homem de fina educação, affecta uns modos grosseiros e semi-selvagens, que não podem encobrir as suas boas maneiras originaes.

É este um dos seus fracos.

O outro, elle mesmo o define em algumas palavras que lhe ouvi. «Quizera, me disse elle, que tudo o que existe no mundo, que tudo o que cobre a terra, fosse marfim, e eu só senhor d'elle.»

Se eu não tivesse a certeza de que Mr. Phillips era inglez, pela formula do desejo julgara-o nascido em Tarbes.

Mr. Phillips, de elevada estatura e robusto em proporção, tem um rosto energico e sympathico, que dizem ter feito uma profunda impressão na irmã do terrivel Lo-Bengula, o rei do Matabelle, que tem feito as mais altas diligencias para o desposar. É no Matabelle que elle tem a sua principal residencia africana, e se eu o encontrei no Zambeze, foi porque a ausencia alli de Mr. Westbeech, seu socio, o obrigou áquella viagem por interesses commerciaes.

Mr. Phillips, que encontrei em Lexuma, fez-me offerecimentos, pondo á minha disposição um dos seus wagons, para eu continuar a minha viagem para o sul, e se os não devi acceitar, não deixo por isso de lhe tributar muita gratidão.

Depois de nos despedirmos de Mr. Phillips em Nguja, partimos ao sul, e jornadeamos por tres horas e meia, indo acampar, ás 7 e meia, em sitio onde não havia agua.

No dia seguinte, depois de duas horas e meia de caminho, paramos em um logar chamado em lingua Massarua Motlamagjanane, palavra que quer dizer, muitas coisas que se succedem umas ás outras, e isto por se dar esse caso com uma serie de pequenas lagôas que encontramos estanques.

A floresta toma alli um novo aspecto, e as arvores meãs succedem já verdadeiros colossos vegetaes, assombrando com as elevadas copas um matto denso de emmaranhados arbustos, difficilimo de transpôr.

Seguimos ás 4 horas, e duas horas depois, atravessamos a mais soberba e bella floresta virgem que encontrei em Africa.

Logo ao anoitecer tivemos de parar, porque era impossivel proseguir em tão densa floresta sem arriscar os wagons a um accidente serio.

N'essa noite eu começava a achar-me completamente restabelecido, e a febre tinha cedido a doses diarias de quatro grammas de quinino.

Meia hora depois de partir, no dia immediato, attingimos a orla da floresta, e encontravamos agua n'um pequeno charco lodoso. Diante de nós estava a planicie descoberta, arida e seca; essa planicie, que foi pela primeira vez atravessada dois graus a oeste por Livingstone, ainda um a oeste do meu ponto por Baines, e um grau e mais leste por Baldwin, Chapman, Ed. Mohr e outros; essa planicie arenosa e inhospita, o Saara do sul, o Calaari emfim.

Ainda jornadeamos por espaço de duas horas, indo dar descanso aos bois ás 11 e meia, junto a uns rachiticos e pequenos espinheiros, que com a sua vegetação mesquinha faziam sentir mais a nudez do deserto.

Algumas trovoadas formavam-se pelo norte, e ás duas horas approximavam-se de nós, deixando cahir de negros nimbos grossas gotas de chuva tepida.

Desde o Zambeze até alli o terreno é arenoso, sendo o sub-solo formado por uma camada argilosa muito plastica de côr castanho-escuro. A espessura da camada de arêa branca e fina que fórma o solo varia entre 10 e 50 centímetros. Agua apenas apparece aqui e além na estação das chuvas, nas depressões de terreno. Algumas vezes, como n'aquelle dia ao sahir da floresta, era ella uma lama espessa e fetida. Todo o paiz até ao ponto em que o deixamos n'aquelle manhã, é coberto por uma floresta, que vae progressivamente augmentando em espessura e no pomposo da vegetação, ao passo que se affasta do norte.

O que mais se vê são ainda leguminosas, e uma immensa variedade de acacia cobre o solo. Flores do mais variado e brilhante colorido, das fórmas mais mimosas e delicadas, ao passo que encantam a vista, embalsamam o ar com os seus suaves perfumes. Viajar alli é difficilimo.

Abrir caminho para o carro, de machado em punho; ás vezes, durante 10 e mais kilometros, haver um solo de cincoenta centímetros de arêa onde as rodas dos wagons se enterram profundamente; fazer uma milha em quarenta minutos, tal é o viajar n'aquellas brenhas, quando se viaja bem. A esse enorme terreno, comprehendido entre o Zambeze e o Calaari, chamei eu nas minhas cartas o Deserto de Baines.

Foi uma homenagem ao trabalhador infatigavel, o primeiro que devassou aquellas paragens inhospitas, e cuja vida foi tão deserta de gosos e de glorias, como aquelle paiz é deserto de gentes.

Do ponto em que paramos de manhã, seguimos ás 4 horas da tarde, logo que a tormenta passou, e jornadeamos até ás 8 da noite, parando n'um matagal de espinheiros baixos, onde foi difficil acampar no meio das hervas e entre os abrolhos.

Durante a noite, chacaes e hyenas deram-nos um concerto infernal, vindo vocalisar um côro orpheonico, em torno do sitio onde chegava a claridade dos fogos do campo.

De manhã choveu, e nós seguimos ás 5 horas e meia, sahindo logo dos espinheiros, que poderiamos ter evitado sem umas trevas profundas que na vespera nos tinham impossibilitado de escolher outro caminho.

Sustentamos uma caminhada de cinco horas, apenas com um pequeno descanso, encontrando uns charcos produzidos pela chuva da manhã, que de nenhum proveito nos foram a nós, por serem de agua salgada, mas que, ainda assim, serviram aos bois sedentos, que os esgotaram em pouco tempo.

Era preciso encontrar agua, e seguimos ainda por quatro horas, parando no fim d'ellas sem termos logrado o nosso intento. Pude fazer n'essa noite uma boa observação do reaparecimento do primeiro satélite de Jupiter.

Logo ao alvorecer, caminhamos por hora e meia no deserto arenoso e arido, onde as rodas dos wagons se enterravam profundamente.

No fim d'este tempo de jornada, encontramos o leito secco de um rio, cuja margem direita seguimos por uma hora, passando-o no momento em que elle encurvava a S. O., e por isso nos desviava do rumo a seguir. As escarpas do sulco arenoso eram de tres metros e muito inclinadas. Foi medonho o precipitar dos wagons n'aquelle fosso, e compungente o trabalho dos bois para desenterrarem aquellas enormes machinas de transporte, e fazerem-nas subir nas contra-escarpas.

Acampamos logo.

No leito arenoso do rio algumas lagôas deixavam vêr pequenas massas d'agua limpida e cristallina, que alegrava os olhos cançados da aridez e secura do deserto. Corremos pressurosos a ellas, mas aos primeiros tragos bebidos a alegria converteu-se em angustia cruciante. Aquella agua era tão salgada como a do mar,

Comtudo, alguns poços cavados muito fundo, longe das lagôas, deram uma agua quasi potavel.

(Continua.)



OS BARCOS DO PEI-HO — Desenho de Th. Weber, segundo uma aquarella do auctor

## PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 23 — 3.º anno)

**S**E SE consideram estas populações no total, pasma-se da sua persistencia, se não do augmento da sua energia e da sua actividade. Individuos ha, e esses sem duvida em grande numero, que succumbem aos seus vicios; mas as nações caminham para o seu destino passando por cima d'estas victimas voluntarias da intemperança.

É talvez necessario acrescentar que o systema nervoso dos asiaticos precisa d'excitantes. Um viajante francez eminente, o doutor Armand, communicou á academia de medicina observações que tendem a fazer considerar o fumo do opio como podendo ser de efficaz applicação em certas affecções das vias respiratorias. Nada para espantar encontramos n'isto. Na China applicam-o ás dôres rheumaticas e para interromper

a periodicidade da febre. Não é hoje na therapeutica europêa utilizada a maior parte dos venenos?

Mas será na realidade o opio um veneno, será elle causa d'extraordinarios gosos, de deliciosas sensações? Posso responder com auctoridade a estas perguntas, pois que meia duzia de vezes o fumei. Que os meus amigos não se asustem, pois que estas seis vezes foram repartidas por seis annos.

Onde estaes vós, sonhos descriptos na Porte-Saint-Martin, na *Prise de Pekin*? Sonhos só tidos nos theatros de Paris e que sempre atraçoaram as esperanças do fumador d'opio!... Quando se respira o fumo do opio, é muito desagradavel e em nada nos faz apreciar o antegosto da sua inalação. Como effeito senti uma

excitação nervosa no genero da que produz o café forte tomado em grande quantidade. Senti uma lucidez d'espírito especial e não podendo dormir tambem não pude sonhar. Em resumo não achei que o fumar opio fosse tão agradável como a quasi todos apraz descrever.

Grandes fumadores me affirmaram que a excitação que eu experimentara era o effeito que produzia o opio durante tres annos a quem o fuma todos os dias; mas tambem me disseram que o periodo da excitação vae todos os dias diminuindo, de modo que o opio que ao principio



FUMADORES D'OPÍO—Desenho de Kauffmann, segundo photographias de M. J. Thomson

se fuma para estar desperto e vivo, torna-se no fim de cinco annos indispensavel ao fumador para dormir, porque á excitação succede uma reacção, durante a qual o systema nervoso repousa. Então cahe-se n'um enervamento que fatalmente deve levar a uma completa estupidez.

Em 1862 encontrei um homem estendido ao

pé da minha casa. Estaria bebado? Não, não se lhe encontrava pulso. Estaria morto? Era o que se necessitava saber quanto antes, pois que a lei chinesa me tornava responsavel. O mais prudente a praticar era dar parte ao ti-pao aggregado á policia do meu bairro. Mande-o chamar e deixei-o proceder: chegou fogo á planta dos

pés do cadaver que, a pezar meu, continuou cadaver. Ouvira frigir a carne.

Mas, ó surpresa! Tres dias depois, o individuo estava de pé, e vinha acompanhado por seu pae e pelo ti-pao, agradecer-me por o ter feito levantar da rua. Fumador apaixonado de opio, tornara-se dyspeptico a ponto de só poder digerir opio. Era por muito ter comido que cahira em lethargia.

Mas, para que se não possa duvidar do mal produzido pelo opio tomado em excesso, basta ouvir o que os proprios chinezes dizem d'elle, por exemplo, n'uma canção popular muito fielmente traduzida por M. Jules Arène e de que apresentamos os seguintes trechos:

#### AS CINCO VIGILIAS DO OPIO

(la-pi-ien-ou-tching)

Na primeira vigilia a lua illumina a frente do leito.

Para que fumam os homens o opio? Desdita incomprehensivel!... Os parentes e os amigos vem suplicar-lhe que não fume mais opio...

Na segunda vigilia a lua illumina o lado este da casa. Os effeitos d'este veneno, o opio, são terriveis!... Não useis d'elle! gasta-se dinheiro e torna-vos feios. Se contrahis esse habito, não tereis nem um unico dia de socego; o vosso vigor desaparecerá e a vossa vida correrá perigo.

Na terceira vigilia, a lua illumina o espaço. O veneno do opio é terrivel. Pede-se a um amigo que traga para cima da meza a lampada do opio, tem-se o cachimbo na mão, molha-se no opio a extremidade do alfinete, queima-se, depois faz-se aspiração sobre aspiração. Perde-se a cabeça como se se estivera nas nuvens! Ó meu ceu Ya! a minha vida para nada presta; eu para nada já sou bom.

Na quarta vigilia, a lua rodou para oeste. Bem para lastimar são os fumadores d'opio! Os dois olhos escondem-se no fundo das orbitas, os quatro membros estão sem força, não se pôde dar um passo; um rio de lagrimas cahe dos olhos.

Na quinta vigilia cantam já os gallos. Já não ha recursos no futuro para os fumadores d'opio; o dinheiro das familias dispendeu-se em fumo; na cabeça o fumador traz um chapéu velho, e o vestuario anda remendado em mil partes; os sapatos, antigamente com uma borboleta bordada, hoje rotos e cambados, fogem dos pés; causa dó o vêr-se.

Não fumem opio. O estudante cança-se a lêr,

o aldeão a cultivar os campos, as mulheres não abandonam a agulha, os cem mandarins civis e militares todos cumprem os seus deveres. Aconselho-vos a que não fumeis opio, mesmo quando vol-o offereçam e não tenhaes de o pagar.

Esta apreciação nasalmente cantada ao som da guitarra pelos proprios, que pelos seus habitos mais interessados são em defender o opio, não será uma prova que este uso, ou melhor que este vicio, é o objecto da reprovação publica?

De Tien-tsin a Tong-Tcheou—Quatro aldeias—A estrada—O palanquim d'um funcionario—Jangadas—Lentidão da navegação. Aves da margem—O pagode de Tong-Tcheou—Desembarque—A ponte de Pali-kiao.

De Tien-tsin para Tong-tcheou, exceptuando algumas pequenas povoações, só se encontram quatro grandes aldeias: Yang-tsoune, Nane-tsaë-tsoune, Ho-si-vou-Ma-teou. Em cada uma d'ellas, é bem de vêr, os meus barqueiros demoram-se para renovar as suas provisões de farinha, d'agua-ardente, e d'arroz.

Em Yang-tsoune, e mesmo um pouco acima, ainda se conhecem as marés.

De Ho-si-vou em 1860 os chinezes atiravam sobre o nosso acampamento estabelecido na margem opposta do Pei-ho. Como represalias tivemos de queimar esta rica aldeia; as ruinas de muitas casas e as d'um pagode testemunham ainda esta dura exigencia da guerra.

Estas quatro aldeias da margem direita do Pei-ho estão entre si ligadas por uma estrada que leva de Tien-Tsin a Peking, seguindo quasi constantemente a margem do Pei-ho.

N'esta estrada ha pouco movimento, raras carroças; alguns peões, viajando em grupos com medo dos ladrões, na sua maior parte levam uma arma á vista, um velho sabre ferrugento sem bainha atado á cinta com um cordel.

Algumas vezes passa um funcionario no seu palanquim official, precedido de dois picadores tartaros armados d'arco e flechas; trotando sempre, vão ferindo aquelle que não abre logar ao grande personagem. Os seus poneys nunca viram almofaça. A crina e a cauda d'estes animaes nunca foram penteadas; a parte superior da sella é de couro ou de grossa tella encerada de preto; a sella é acolchoada na parte superior; os pés dos cavalleiros descançam n'uns pesados e largos estribos; o rabicho é coberto com placas de ferro prateado e cinzelado.

No Pei-ho o movimento é maior do que na estrada. São grandes comboios de junco do mes-

mo modelo dos que carregam o arroz em Tientsin e em Takou para o transportarem para Tong-tcheou, onde um alto funcionario commissionedo pelo imperador está para receber o tributo dos cereaes.

Algumas vezes passam jangadas d'extraordinario comprimento, compostas de immensos troncos em que os chinezes abrem os seus pesados esquifes. Esta madeira vem das florestas da Mantchouria em Takou; é aqui que a lançam á agua.

Vêem-se tambem immensos juncos cuja prôa tem uma grade, onde vão flechas com pennas vermelhas e outros attributos d'algum grande funcionario que elles tem a honra de transportar. Estes grandes juncos são divididos em muitos compartimentos e são rasoavelmente confortaveis; infelizmente teem o defeito de fazerem em quinze dias a viagem que eu, n'um barco mais modesto, faço em trinta e seis horas.

Um diplomata estrangeiro, indo pela primeira vez a Pekin, foi pelo seu consul installado dentro d'um d'estes palacios fluctuantes; ao decimo dia tendo-se-lhe esgotado a paciencia tomou a primeira carroça que viu passar na estrada e completou assim em algumas horas a sua viagem, jurando que nunca mais invejaria o prestigio e commodidade dos altos funcionarios chinezes, cujo sangue se accomoda sempre perfeitamente a toda a especie de demora.

Gaviões, pegas, corvos, gralhas de pescoço branco e alguns bandos de patos foram as unicas aves que encontrei durante a viagem.

A sombra d'uma grande torre de muitos andares d'um pagode annuncia que se está a chegar a Tong-tcheou.

A vela está toda fóra e os barqueiros associam para chamar o vento. Penetra-se n'um canal estreito e no meio de grande numero de juncos encostados uns aos outros é necessario servirmo-nos do croque para abrir caminho até Taëouang-miao, «templo dos principes soberanos». Os bonzos reservaram alli para os estrangeiros quartos muito aciadados e armazens, onde se deposita o chá, que os russos expedem em caravanas até Kiachta.

A minha bagagem é desembarcada e carregada sobre uma carroça chinesa e, graças aos meus amigos, encontro poneys enviados de Pekin e que em poucas horas me vão fazer percorrer as quatro leguas que me separam da celeste capital.

Primeiro é-me necessario atravessar a cidade

murada de Tong-tcheou, que me faz recordar a emboscada de que foram victimas os nossos parlamentarios em 1860. Percorrem-se parallelamente estes muros seteirados e, fóra da porta da cidade, encontra-se a grande estrada empedradá que leva á ponte de Pali-kiao e d'ahi a Pekin.

Na occasião em que sahia de Ton-tcheou fazem-me reparar em duas seteiras tapadas com pedra e cal; isso indica, segundo me dizem, que dois grandes crimes, dois parricidios, foram commettidos n'aquelle local.

A ponte de Pali-kiao, ponte dos oito *li*<sup>1</sup>, cujo nome foi dado ao marechal de Montauban, está em excellente estado, posto que alguns leões que embellezam os parapeitos, conservem ainda os vestigios das ballas francezas.

A alguma distancia d'aqui, mostram-me um pagode, onde todos os funcionarios que não sejam de 1.<sup>a</sup> classe, ou da 2.<sup>a</sup> com sessenta annos d'idade, são obrigados a deixar o seu palanquim, pois que na capital não lhes é permittido o servirem-se d'elle.

É aqui que os funcionarios que devem ser recebidos pelo imperador fazem a *toilette* necessaria para immediatamente poderem apresentar-se no palacio, embora só sejam recebidos dias depois.

É preciso dizer que esta *toilette* deve ir muito empoeirada, para assim affirmarem a pressa que tiveram em ir ter com o soberano.

Pekin — O que d'elle diz Marco Polo — As duas cidades — A população — A porta de Chakao-méne — Formalidades — A porta Hata-méne — Entrada da cidade tartara — A rua Hata-méne — A legação de França.

A estrada de Tong-tcheou a Pekin é na sua maior parte mettida entre desfiladeiros; a partir d'aqui o paiz é mais plano. Os muros de Pekin não se avistam de longe; é de repente ao dobrar um cotovello da estrada que se descobre a porta de Chakao-méne situada ao sudoeste, que dá entrada na cidade chinesa.

Pôde-se fazer uma ideia exacta da fôrma geral e das divisões de Pekin pelas plantas que apresentamos, mas principalmente pelas plantas do capitão d'engenheiros Bouvier que acompanham as descripções de M. e Madame de Bourboulou, redigidas por M. Poussielgue.

O mais antigo viajante que fallou de Pekin

<sup>1</sup> O que equivale a oito vezes quatrocentos metros.

não é o menos divertido. Foi Marco Polo, cujo livro foi publicado segundo a sua primitiva redacção e com excellentes commentarios pelo sabio sinologo Pauthier. Não resistimos ao desejo de citar algumas linhas d'este antigo e veneravel texto; só algumas expressões fariam com que o leitor não proseguisse na leitura, mas traduzil-as-hemos.

«Quero fallar-vos agora, diz o illustre veneziano, da grande cidade de Catay:

«Quero fallar-vos da grande cidade de Catay e dos seus palacios, a razão porque foi edificada e porque é chamada Cambaluc.

«Antigamente havia uma grande e nobre cidade que tinha por nome Cambaluc, que em a nossa linguagem quer dizer «a cidade do Senhor».

«E ao grão kaan pelos seus astronomicos tinha sido affirmado que esta cidade se revoltaria contra o imperio.



PALANQUIM D'UM ALTO FUNCIONARIO — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia do doutor Morache

«E por esta razão o grão kaan mandou edificar esta cidade de Cambaluc.

«E fez transportar a população d'esta cidade para a que elle mandára edificar.

«É ella tão grande como o vou contar: tem de circumferencia vinte e quatro milhas, pois que cada lado do seu quadrado tem seis milhas, sendo ella um quadrado perfeito.

«É toda murada com torres de terra...

«Tem doze portas e em cada porta tem um palacio mui bello...

«E as suas ruas são tão direitas que d'uma

extremidade se vê a outra e de tal maneira dispostas que d'uma porta se vê a outra.

«Ha pela cidade bellos e grandes palacios, mui bellas hospedarias e mui bellas casas em grande abundancia.

«No meio da cidade ha um grandissimo palacio que tem um grande sino que toca de noite.

«Sabei que a cidade de Cambaluc tem um tão grande numero de casas e pessoas dentro e fóra da cidade, que coisa impossivel parece; pois que tem tantos bairros como portas. Estes bairros extramuros são doze mui grandes, e tão gran-



des que a população exterior é maior do que a interior.

«N'estes bairros extramuros vivem os negociantes e os estrangeiros, em passagem em grande numero sempre, para trazer presentes ao senhor e para vender na cõrte; pelo que ha tão

boas casas fóra da cidade como dentro, não contando com as dos grandes senhores e barões que são em grande quantidade.

«Sabei que dentro da cidade não se enterram os mortos; se são idolatras vão a queimar a um sitio fóra da cidade, se tem qualquer crença são



PICADOR TARTARO — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia do doutor Morache

enterrados fóra da cidade tambem em sitios proprios, o que torna a cidade mais salubre.

«E tambem vos digo que a esta cidade concorrem cousas de maior valor, como a nenhuma outra no mundo, e que dia algum ha no anno que n'ella não entrem mil carretos unicamente de sedas, das quaes muitas bordadas a ouro, o que não maravilha pois que n'estas regiões não

ha linho e mister é fazer tudo de seda. E verdade seja que em algumas partes se encontra linho e algodão, mas não em quantidade sufficiente e tendo a seda por diminuto preço não trabalham para augmentar aquellas materias primas.

«Em volta d'esta grande cidade de Cambaluc ha bem duzentas cidades approximadamente,

umas mais perto que outras, das quaes vem negociantes comprar e vender e todos compram e vendem.

«E mais vos digo ainda que ha uma casa de moeda onde o senhor faz cunhar o dinheiro.»

Em muitos pontos ainda é verdadeira a descripção de Marco Polo. Notemos todavia já algumas diferenças das mais apparentes.

As portas da cidade tartara já não são doze; são apenas nove.

Por sobre estas nove portas, assim como por sobre as sete da antiga cidade chinesa, erguem-se fortes, ou pavilhões fortificados, servindo para armazenar a artilheria.

Tambem exacto é que as muralhas primitivamente foram construidas de terra. Depois que Marco Polo as viu foram revestidas com muros de pedra.

O systema geral da defeza todavia em nada differe do que fielmente descreveu o viajante veneziano.

É notavel o estar a cidade tartara separada da cidade chinesa por fortificações, tão importantes do lado em que vivem os antigos habitantes, como dos tres outros.

Não se poderá duvidar que esta dispendiosa prudencia tenha em muito contribuido para a duração do dominio tartaro. O chefe do imperio, na vasta fortaleza que defende o seu palacio, não tem habitantes proximos que não sejam os descendentes dos antigos subditos dos seus antepassados no deserto. Á menor revolta na população da outra cidade, tudo estaria prompto a sustentar um cerco, do que, todavia, ninguem tem a menor ideia. Tudo o que se tem escripto sobre as fortificações da cidade tartara me parece resumido e completo d'um modo definitivo nas seguintes linhas:

«Os vinte e quatro kilometros da cidade tartara teem nove portas, tres na face sul que comunica com a cidade chinesa, duas em cada uma das outras faces. Estas portas são verdadeiras fortalezas. Por cima d'uma abobada ergue-se uma enorme construcção de cerca de quinze metros, feita de madeira e tijolos, com um triplice telhado de telhas envernizadas, servindo d'armazem d'artilheria, d'observatorio, e de casa de guarda. A propria porta, dupla e blindada com placas metallicas, é protegida por uma muralha em meia lua com igual resistencia á da cidade. Duas portas lhe dão accesso, com excepção da grande entrada, chamada Tciène-mène, ao sul da cidade tartara, que, fazendo

face ao palacio imperial, tem tres portas, a principal das quaes só se abre para o imperador. A meia lua circumscreve um vasto semi-circulo que serviria de refugio ás tropas e que em tempo ordinario é invadido por negociantes ambulantes. As fortificações da cidade tartara teem ainda um aspecto bastante imponente. A cada um dos quatro angulos da cidade vê-se uma especie de bastiões de quatro andares, todos construidos com tijolos e com quatro baterias como as dos navios. Podem receber artilheria e melhor ainda fusileiros. Mas por agora só se lá vê pintada sobre a janella de madeira que fecha os buracos das baterias a bocca d'uma peça. Um immenso fosso de vinte metros de largura com dez de profundidade acompanha a muralha, e poderia ser inundado em caso d'ataque, se o mau estado das comportas não tornasse esta defeza illusoria. A cidade chinesa nas suas tres faces voltadas para os campos é cercada por uma muralha um pouco menos alta que a muralha tartara, e igualmente cercada por um fosso.

«Com excepção da grande entrada do sul Tciène-mène, as oito portas da cidade tartara conduzem a grandes ruas ou avenidas com trinta metros de largura, atravessando em linha recta toda a cidade de norte a sul, de este a oeste, por tanto com uma extensão de seis mil metros. São as maiores vias de communicacão; outras parallelas ou perpendiculares a estas e d'uma extensão variavel, entre dois e quatro kilometros, só teem de largura vinte metros.

«A cidade tartara, uma especie de taboleiro de xadrez, é cortada por largas avenidas e por innumeradas ruas e ruasinhas, todas pouco mais ou menos orientadas no sentido norte sul, este e oeste. Os ventos do norte e do sul sopram constantemente atravez das grandes avenidas. Evidentemente uma unica vontade presidiu a este plano e nunca municipio algum d'uma só vez teve d'executar uma tão vasta empreza.»

D'estas linhas se pôde concluir que a ventilação é mais favoravel á saude dos habitantes da cidade tartara do que á dos da cidade chinesa, cidade menos regular, onde a maior parte das ruas são tortuosas e onde as casas estão acanhadamente encostadas umas ás outras. Todavia uma rua que não tem menos de sete mil e quinhentos metros atravessa esta ultima cidade de este a oeste e uma outra avenida, partindo da porta central, corta a cidade em duas metades.

Pelo que deixamos dito se vê a pouca confiança que os Tartaros Mantchoux tinham ao

principio na submissão dos chinezes. Para maior segurança ainda, quer contra as invasões asiaticas, quer contra o povo, os imperadores encerraram-se no que se pôde chamar uma terceira cidade, situada no centro da cidade tartara, igualmente protegida por uma muralha: a esta cidade chamam cidade amarella ou imperial.

Construcções immensas, largos fossos, solidas muralhas protegem o palacio do Filho do Céu.

O que Marco Polo diz das dimensões das duas cidades reunidas e das suas fórmulas geometricas tem sido objecto de muitas discussões; em definitivo, eis os numeros exactos que se chegaram a apurar depois de pacientes trabalhos:

A cidade tartara de norte a sul mede 5:500 metros; d'este a oeste 6:500; a sua superficie tem 3:375 hectares, o seu perimetro 24 kilometros; a cidade amarella tem uma superficie de 668 hectares. A cidade chinesa de norte a sul mede 3:350 metros, d'este a oeste 7:500, a sua superficie tem 2:500 hectares e o seu perimetro 21 kilometros. Juntando as duas cidades para ter a totalidade de Pekin, acha-se que a superficie tem seis mil hectares e o perimetro é de

trinta e dois kilometros. Poder-se-ha fazer uma ideia precisa d'estas dimensões imaginando uma ellipse irregular, na qual se inscrevesse um rectangulo; a ellipse representa a linha fortificada de Paris que tem trinta e seis kilometros; o rectangulo o perimetro de Pekin que só tem trinta e dois; a superficie de Paris é de nove mil quatro centos e cincoenta hectares; Pekin tem cerca d'um terço menos; mas n'esta ultima cidade as casas chegam até ás fortificações, em quanto que em Paris ha muitos terrenos sem construcções, que formam parte dos bairros de Paris, recentemente annexados.

Facilmente se comprehenderá a difficuldade de determinar, mesmo approximadamente, qual seja a população de Pekin. Os impostos não são uma base certa. As contribuições sendo lançadas, não aos individuos, mas recahindo sobre as familias, não se pôde ao certo dizer o numero de individuos que compõem a familia. Podem compôr-se de duas pessoas ou de vinte ou trinta, se ao pae e á mãe juntarmos os filhos, as segundas mulheres, os irmãos mais velhos e seus filhos, os criados, etc.

(Continúa.)

## OS DOZE DE INGLATERRA

### ESTUDO CRITICO-HISTORICO

(Continuação da folha 24—3.º anno)

**F**ENTRE nós houve grande prazer com este desafio: e logo me pediu meu filho D. Diogo licença para lhe sair; e ainda que elle não he mais que de dezeseis annos, pela confiança do que lhe tenho visto fazer, o ouve por bem; e dei-lhe por companheiros Fernão do Carvalhal, e Alvaro de Moraes, e Lopo Barriga Adail.

Assentamos, o Alcaide e eu, ser o campo em que se haviam de matar entre nós e elles, e eu estar de dentro das tranqueiras com toda a gente de cavallo e de pé, e os mouros de fóra arredados, para que dessem logar para se poderem matar entre nós e elles. Tanto que eu fui no campo, deixarão cahir os fachos; e os outeiros e vales, forão cubertos d'elles, e assim o erão os nossos baluartes e torres de mulheres e homens que

hião ver o desafio. E logo lancei meu filho com seus companheiros fóra das tranqueiras, os quaes se forão por no campo que tinhamos assignalado. E elle apartou os quatro mouros e vierão a passos contados, e não se quizerão chegar aos nossos. Então mandei quatro ou cinco recados ao Alcaide, dizendo-lhe por que não mandava os seus cavalleiros matarem-se com os christãos, pois os mandara desafiar, e elle mandou-me diser que logo se chegarião: e a sua gente não fasia senão chegar-se pelas ilhargas. E quando aquillo vi mandei aos nossos que fossem a elles: e como os mouros os virão ir perto de si, forão fugindo até onde estava o Alcaide: e os nossos ficarão onde elles estavam: tocarão as trombetas e a nossa gente deu-lhes uma grande grita, de que elles ficarão muito corridos: e

o baluarte novo disparou a artilharia; por que tinha eu mandado que lhe não tirassem até o desafio não ser acabado. Estiverão os nossos no campo até á noute. Ouve-os por vencedores do desafio, e diz meu filho cavalleiro. No dia seguinte me mandou o Alcaide grandes desculpas, e todas frivolas. Nosso Senhor, etc.—De Safim a 5 de janeiro de 1541.—*Dom Rodrigo de Castro.*»

(Souza — cit. *Annaes*, pag. 309 e seguintes.)

«N'estes dias que se detiveram succedeu este caso. Como os nossos estavam em tregoa, e vinham os grandes de Cambaia ver a Armada, e os Portuguezes hiam a terra á Villa dos Rumes a ver o exercito que alli estava, (que era cousa formosissima de ver). Entre estes foi um dia Manuel de Macedo, Capitão de Chaul, (que tinha ido com o Governador para o acompanhar), e andando vendo, e notando o exercito, encontrou-se com um Rume, que se chamava entre os Mouros o *Tigre do Mundo*, genro de Coge Sofar, homem façanhoso assim em corpo, como em forças, que era como Guarda mór d'El-rei, e andava sempre ao longo d'elle. Este como se presava de grande cavalleiro, e era muito soberbo, e arrogante, em passando pelos Portuguezes parece que os encontrou de má feição, e foi torcendo os bigodes por bizarrice. Tomado Manuel de Macedo d'aquelle negocio, foi-se para o Galeão do Governador, e lhe contou o caso, pedindo-lhe licença para mandar desafiar Rumecan, por que convinha assim á sua honra: o Governador como tinha grande confiança em Manuel de Macedo, e aquelle negocio todo vinha a redundar em gloria, e honra dos Portuguezes, concedeu-lho, o que elle houve por mercê mui assignalada. Logo fez um cartel de desafio ao *Tigre do Mundo* em lingua Persia e lho mandou por João de Sam Thiago, em que o desafiava de pessoa a pessoa ou tantos por tantos, e que o lugar fosse entre a fortaleza de Dio, e o exercito, cada um em sua Fusta de remo. O *Tigre do Mundo* acceitou o desafio de tantos por tantos, por que quiz n'elle metter alguns Rumes seus amigos. Este numero de quantos foram não achamos na fortaleza, e n'este negocio ha nos homens grandes disconcordancias; por que nos dizem que foram dez por dez, outros que trinta por trinta. Emfim como quer que fosse, começou a haver entre os Portuguezes grandes alvoroços, por que os mais dos Fidalgos, e Capitães queriam ser do numero; mas o Governador mandou, que fossem os que pri-

meiro se offereceram a Manuel de Macedo, que foram Manuel Rodrigues Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Jusarte Tição, Gonçalo Váz Coutinho. Estes Fidalgos só achamos nomeados; e por que os soldados se não aggravassem de ficarem de fóra em negocio tão honrado, escolheu o Governador dois, um chamado João Velho, e outro Francisco Gonçalves das Armas, pelas ter sempre muito boas, e se presar muito d'ellas. E o dia aprasado se vestiram todos muito rica e louçamente, levando todos collares de hombros, medalhas, perolas, e espadas ricas, por que tudo isto lhes deram com muito gosto os que o tinham. As armas que levavam eram espadas, e adagas, e rodellas. E assim muito custosamente ataviados se embarcaram em uma galeota rija, e forte, que para isto escolheram, guarnecida com seu toldo de seda, e de formosas bandeiras de côres, com charamelas, e outros instrumentos de alegria, e foram salvar o galeão do Governador, e entraram n'elle a lhes sua vista. O Governador os sahio a receber fóra da tolda, abraçando a todos mui alegre, folgando de os ver tão gentis-homens, e acompanhando-os até abordo do Galeão, ao despedir-lhes disse:—*Senhores Fidalgos, e Cavalleiros, eu não tenho que vos lembrar, mas só vos lembro, que ides pelejar por honra de nossa nação: a victoria está certa, vá Deus convosco.* Embarcados na galeota foram-se pôr no posto a esperar os inimigos. Na Armada havia grandes alvoroços, e invejas, e as enxarceas dos galeões, e as gaveas estavam todas cheias de gente para verem o desafio, ainda que de longe. Os nossos esperáram todo aquelle dia sem os inimigos virem, e tanto que anoiteceu recolheram-se para junto da Armada, e em amanhecendo tornáram-se ao posto sem tambem os virem demandar, nem ao outro dia que foi o terceiro. E acabado o dia, havendo-se por desobrigados salvaram a Cidade com algumas bombardadas, e depois com charamelas, e trombetas, e foram-se recolhendo para a Armada, e nunca se soube a razão por que os inimigos lhe não sahiram; mas soube-se que Rumecan Capitão geral do exercito ficára mui pesaroso, e sentira muito aquella affronta, ficando d'esta vez os Rumes mui desacreditados.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Couto, Decada iv, liv. viii, cap. viii, paginas 258 e seguintes da edição de 1778.

JOÃO TEIXEIRA SOARES.

FIM



AS ABERTURAS DA FLORESTA — Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

## A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 25 — 3.º anno)

**F**RA PRECISO tiral-a a baldes para a dar aos pobres bois já sedentos e cançados. Aquelle rio, ou antes aquelle leito secco, era o do Nata, que no seu curso inferior, quando corre, toma o nome de Xua (*Shua*).

Foi decidido que ficássemos allí dois dias, por ser o immediato ao da nossa chegada um domingo, e a familia Coillard não gostar de fazer viagem em tal dia. Preparou-se para isso um melhor acampamento, podendo obter-se ramos de arvores nas margens do rio, já povoadas da vegetação que o paiz carece ao norte.

Pelo meiodia estava prompto um kiosque e estabelecido o campo.

As damas Coillard andavam n'uma labutação activa. Faziam o pão e preparavam tudo o que os poucos elementos de que dispunham lhes permitiam, para a festa do domingo.

Depois da minha ultima febre, e dos mil cuidados e carinhos de que eu tinha sido alvo, o contacto intimo com aquellas damas a que a doença me tinha obrigado, modificou profundamente o meu espirito, e senti em mim uma alteração profunda.

Até ao momento de as encontrar, eu havia esquecido, no meio dos selvagens com quem só vivia, o que fossem carinhos e affagos.

O viver entre aquellas damas veio trazer-me á memoria que no mundo ha anjos, rosas perfumadas que embalsamam o caminho espinhoso da vida, frescos oasis em que o caminheiro repousa das fadigas do deserto arido.

A lembrança de uma esposa estremecida, e de uma filha adorada veio estar sempre presente ao meu pensamento, avivada pela vista constante d'aquellas duas senhoras, instrumentos innocentes e inconscientes de um soffrimento atroz que me causavam.

Quantas vezes, fatigado e doente, eu me sentava ao pé d'ellas, e por um momento era fe-

liz, não pensando que eram para mim dois entes estranhos, lançados no meu caminho por o mais extraordinario dos acasos!

Quantas vezes inconsciente não ia curvando a cabeça aturdida, em busca de um regaço de mulher adorada, e cahia em mim, e levantava-me e fugia!

Ah! como eu as odiava então!!

Este soffrimento constante, sempre alimentado pela vista d'ellas, e exacerbado pelos seus carinhos, traduziu-se n'um mau humor que me não deixava um momento.

Perdi todas as fórmas sociaes da delicadeza, e transformei-me na imagem da mais brutal grosseria.

Bastava Madame Coillard dizer uma palavra, para ser logo grosseiramente contrariada. Um dia em que eu tinha subido para o wagon bastante fatigado, ellas privaram-se de quantas almofadas tinham para se encostarem e amortecerem os choques violentos de um carro sem molas, para me fazerem um leito commodissimo.

Achei-me tão bem que adormeci em caminho, velando ellas pelo meu somno, e não cessando de arranjar uma ou outra almofada desaconchegada pelos solavancos do carro.

Madame Coillard estava contente com a sua obra. Tinha de certo tido uma viagem tormentosa, mas eu tinha estado bem, tinha dormido.

Era tal a sua satisfação que não pôde deixar de me perguntar se eu havia estado commodamente, certa de que eu só lhe poderia responder com um agradecimento expressivo. Pois não foi assim. Disse-lhe que o seu wagon era um wagon infernal, que eu nem mesmo havia podido dormir um momento, e que tinha passado o dia incommodadissimo.

Depois d'esta brutalidade insolita, encarei com ella e vi lagrimas a querer marejar-lhe nos olhos. Fiquei tão furioso que fugi para longe.

Casos identicos repetiam-se a miudo, e no correr da narrativa appareceram ainda.

Hoje custa-me a comprehender como no meu espirito se pôde fazer uma tal alteração, e como eu cheguei a commetter taes barbaridades.

Os dois dias passados na margem do Nata não foram dos peiores para mim.

Tinha observações a fazer, trabalhos atrazados a completar, e um paiz curioso a estudar; e isso era agradavel diversão ao meu viver monotonico do deserto.

Creio que n'esses dois dias não fui tão grosseiro como de costume.

O deserto do Calaari, nas partes em que tem agua, é frequentado por uma população nomada. São os Massaruas a quem os inglezes dão o nome generico de *Bushmen*. Os Massaruas são selvagens, mas muito menos do que os Mucassequeres, que encontrei junto aos confluentes do Cuando, por 15 de latitude sul e 19 de longitude E. Greenw. Os Massaruas são muito pretos, tem os ossos molares muito salientes, olhos pequenos e vivos, e cabello pouco.

Vieram alguns vêr-nos, e eu dei-lhes tabaco e polvora. O seu contentamento foi grande. Voltaram de tarde a offerecer-me um cabaz de peixe fresco, que tinham ido pescar nas lagôas para mim.

No dia seguinte, em uma excursão que fiz, visitei o seu acampamento.

Vi que tinham panellas em que cosinhavam, e outros, ainda que poucos, indicios de uma civilização rudimentar.

Vi uma vasta provisão de tartarugas terrestres, que elles muito apreciam como manjar. As mulheres cobriam a sua nudez com algumas pelles, e enfeitavam-se de missangas, bem como os pequenos.

Teem por armas azagaias e pequenos escudos ogivaes. Usam ao pescoço um sem numero de amuletos, e trazem nos braços e pernas manilhas de coiro.

Rapam o cabello junto das orelhas, deixando no alto um circulo que vem tangente á testa. Fallam uma lingua barbara muito notavel pelo modo porque nos fere o ouvido, dividindo as palavras com um estalo dado com a lingua, a que chamam *cliques*.

A 16 de dezembro partimos, seguindo a margem esquerda do rio, e paramos junto d'ella, depois de cinco horas de jornada.

Os Massaruas, que chamavam Nata ao rio no ponto em que passamos o domingo, já lhe cha-

mam Xua (*Shua*) alli onde acampamos, a cinco horas de caminho.

Andamos sempre na margem d'elle com os rumos de S. O., S. E., S. S. E., S. S. O. e S., o que deu um rumo medio de sul, e não resta a menor duvida, que o Nata e o Xua são um e o mesmo rio, que, como quasi todos os rios de Africa, tem diversos nomes em diversos troços do seu curso.

Esta parte do deserto é coberta de uma herva curta e rachitica, e só aqui e além se vê uma ou outra arvore solitaria.

Comtudo, nas bordas do rio ha alguma vegetação, e de espaço a espaço não deixa de ser amena esta ou aquella paisagem que se nos apresenta á vista.

A agua dos poços cavados no leito do rio nem sempre é potavel, e a das lagôas é completamente saturada de saes.

O terreno do deserto apresenta pequenas clareiras onde nada vegeta, e onde o solo é coberto por uma espessa camada de saes, depositos de aguas evaporadas.

As informações dos Massaruas a respeito da falta de agua eram assustadoras, e nós resolvemos não avançar mais n'aquelle dia, para aproveitarmos o mais tempo possivel alguma boa que alli se encontrou em poços cavados profundamente.

Desde que percorriamos aquelle bordo do Calaari, notava eu que um fortissimo vento de leste soprava rijo nas primeiras horas da manhã, sendo que do meio dia para a tarde uma brisa suave de oeste durava algumas horas.

Eu attribuo aquelle phenomeno constante á influencia na atmosphaera do enorme deserto arenoso que nos ficava a oeste.

A areia reflectindo o calor solar, deveria produzir uma dilatação atmospherica, que determinaria durante o calor a corrente branda para leste, ao passo que esse ar lentamente dilatado de dia, seria rapidamente retrahido pelo frio intenso da noite, e produziria um desequilibrio, que originara a fortissima corrente nas primeiras horas do dia.

Mr. Coillard achou prudente partir só na tarde do dia immediato, para saciar bem os bois, antes de ir procurar aguas muito problematicas, mas eu decidi seguir só com o meu Pépéca, e combinamos encontrar-nos nas margens do Simoane.

O meu fim era sobre tudo visitar os lagos a que os Massaruas chamam os *Macaricaris*.

Depois de atravessar sete milhas de Macaricâris, entrei n'uma floresta, que percorri n'uma extensão de tres milhas até encontrar um leito de rio, com alguma agua encharcada, que eu supuz devia ser o Simoane.

Desci por elle até ao Grande Macaricâri. Depois de um longo passeio nas cercanias, fui procurar um sitio onde calculei que os wagons deveriam passar e esperei.

Só ás nove da noite, e noite de trevas profundas, o meu ouvido exercitado pôde perceber ao longe a bulha dos wagons, e caminhando para alli fui sahir-lhes ao encontro. Madame Coillard estava em cuidados, por me vêr ausente todo o dia só com uma criança, e a primeira cousa que fez, ao parar dos wagons, foi preparar-me chá, bebida de que ella sabia eu ser ávido, e n'essa noite diz o meu diário que tomei a seguir seis grandes chavenas d'elle.

Effectivamente, o gasto que eu fazia na provisão de chá de Madame Coillard era enorme.

O ribeiro Simoane, que então era apenas uma serie de pequenas lagôas de tres metros de largo, corre a oeste no tempo das grandes chuvas, e vae entrar directamente no Grande Macaricâri.

Todo aquelle paiz, e sobre tudo a floresta entre a qual corre o Simoane, apresentava indicios de ter chovido muito alli, e por isso as lagôas do Simoane tinham agua, e esta era quasi boa.

No tempo secco ellas seccam, e em alguma que conserva pouca agua, é esta tão saturada de saes que não se pôde aproveitar.

Desde que chegamos ás margens do Nata, em todos os pontos onde paravamos, appareciam os Massaruas sempre a pedir alguma coisa.

O que valia era fugirem se nos zangavamos com elles.

Aquelles Massaruas, que são valorosos e combatem o elephante e o leão, são cobardes diante do homem, e sobre tudo do branco.

Só ás 4 horas da tarde deixamos aquelle ponto, onde os bois encontravam um viçoso pasto e abundante agua, e caminhando a S. O. fomos acampar, ás 8 horas e meia, em sitio secco.

No dia 19, depois de quatro horas de jornada a S. S. E., costeando sempre o terreno que se eleva para o este, depáramos com o leito secco de um rio cujas margens alimentam uma vegetação luxuriante. Os Massaruas que appareceram logo, disseram chamarem-lhe Lilutela, e ser o mesmo que outros chamam Xuani (*Shuani*) ou pequeno Xua. Este nome de Xuani deve ter sido dado áquelle rio por gentes do sul, que fal-

lassem a lingua Sesuto ou algum dos seus dialectos, porque n'aquella lingua os substantivos formam o diminutivo com a terminação *ani*.

O Lilutela, nome que eu lhe conservo, por ser o empregado pelos povos nómadas do deserto, tem o seu leito cavado entre uma floresta formada de arvores gigantes, mas limpa de arbustos. Esta floresta, que começou umas nove milhas ao N. do Simoane, parece ser a orla de uma densa matta que em terreno mais elevado corre Norte-Sul poucas milhas a leste do nosso caminho.

O terreno desde a margem esquerda do rio Nata é consistente, e não arenoso como até alli. O solo é formado por uma funda camada de argila muito plastica, e no tempo das grandes chuvas deve ser um atoleiro enorme.

Um dos Massaruas que appareceu alli foi mostrar uma lagôa um kilometro a oeste, onde os bois puderam matar a sede e nós fazer provisão d'agua.

As margens do Lilutela são cobertas por uma espessa camada de guano, e na estação em que o rio leva agua devem ser habitadas por milhões de aves.

Seguimos no mesmo dia ás 5 da tarde, debaixo da má impressão de que não encontraríamos agua no dia immediato, facto que nos foi affirmado pelos Massaruas. Jornadeamos até ás 11 e meia da noite, sempre por entre a floresta pomposa.

Partimos no dia 20 ás 8 da manhã, e meia hora depois, passavamos o leito secco do rio Cualiba, que vae ao Grande Macaricâri, correndo a oeste.

A floresta alli é cheia de calhaus roliços trabalhados pela agua, e povoada de caracoes enormes, e buzios de grandes dimensões.

Fomos acampar além do leito do Cualiba, para procurarmos agua.

Appareceram alguns Massaruas, mas não nos quizeram indicar onde faziam provisão d'ella, coisa que elles usam com os forasteiros. Depois de varias tentativas feitas no leito do rio, pudemos obter agua n'um poço que cavamos um kilometro a jusante do nosso campo.

Partimos ás 4 e 25 minutos, parando logo ás 5 e 10, para dar de beber aos bois em um charco que encontramos, formado pela chuva, que cahia torrencial desde as duas horas.

Ainda n'esse dia jornadeamos por duas horas, indo acampar ás 8, depois de termos atravessado uma parte do grande Macaricâri.



O GRANDE MACARICÁRI

N'aquelle deserto do Calaari, paiz tão notavel, onde a natureza se comprazeu a juntar os mais disparatados elementos, onde a floresta pomposa toca a planície árida e secca, onde a areia solta é continuação do terreno argiloso ao mesmo nivel, onde a seccura está, muitas vezes, perto da agua; n'aquelle deserto, que por vezes quer imitar o Saara, outras a Pampa da America, outras os Stepes da Russia; n'aquelle deserto elevado tres mil pés ao mar, uma das coisas mais notaveis é o Grande Macaricári.

O Grande Macaricári é uma bacia enorme, bacia onde o terreno se deprime de 3 a 5 metros, e que deve ter no seu maior eixo de 120 a 150 milhas, e no menor de 80 a 100.

Como todos os *Macaricáris*, affecta a fôrma proximamente elliptica, e tem como todos o seu maior eixo no sentido leste-oeste.

*Macaricáris* são, em lingua Massarua, bacias cobertas de saes, onde a agua das chuvas se conserva por algum tempo, desaparecendo na estação estiva, por a evaporação, e deixando alli outra vez depositados os saes que dissolvêra. São abundantissimos os *Macaricáris* n'aquella parte do deserto, e eu visitei muitos, cujos eixos maiores, sempre no sentido leste-oeste, tinham tres milhas, e mais.

As bacias são de areia grossa, coberta por uma camada cristallina de saes, que attinge a espessura de um a dois centímetros.

Creio que não é só chlorureto de sodio o sal que fôrma aquella camada, ainda que é aquella que predomina

Os depositos calcareos que aquellas aguas deixam pela ebulição, evidenciam que os saes de cal tambem se contém na camada crystallina dissolvida n'ellas, em proporção notavel.

Fiz collecção de muitos pedaços d'aquella camada que reveste o interior das bacias dos *Macaricáris*, mas, infelizmente, n'uma caixa que cahiu ao mar ao embarcar no vapor *Danubio*, em Durbam, se perderam elles, com outros exemplares preciosos que trazia para a Europa.

O grande lago recebe na estação chuvosa um volume enorme d'aguas pelos rios Nata, Simoane, Cualiba e outros, sendo que todas as aguas que n'aquellas latitudes cahem desde a fronteira do paiz dos Matebeles, veem a elle, porque o terreno eleva-se progressivamente a leste até ao meridiano 28° ou 28° e 30' de Greenwich.

Estas aguas, que formam torrentes enormes,

devem encher o Grande Macaricári em pouco tempo.

Este enorme charco communica com o lago Ngami pela Botletle, e o seu nivel é o mesmo d'aquelle lago, dando esta circumstancia logar a um phenomeno muito notavel. Estando os dois lagos distanciados de alguns graus, muitas vezes as grandes chuvas cahem a leste, e o Macaricári transborda, sem que as fontes que alimentam o Ngami tenham augmentado de volume. Então a Botletle corre a oeste do Macaricári para o Ngami. Outras vezes dá-se o caso inverso, e o Ngami envia as suas aguas ao Macaricári. Este é o seu curso natural, sendo o Ngami alimentado por um rio permanente e volumoso.

Mas o que succede a toda essa agua que de todos os lados corre ao grande charco? Desapparecerá só pela evaporação?

Não haverá tambem alli uma grande infiltração que por conductos mysteriosos e subterraneos vá dar nascença a esses innumeros riachos, que em plano inferior correm ao mar de uma e outra costa?

O que é feito das aguas do Cubango, rio volumoso e permanente, que desaparece n'esse deserto insondavel?

As aguas do Cubango, na minha opinião, chegam ao Grande Macaricári e desaparecem alli.

A Botletle não é mais do que o Cubango, que tem um alargamento a que chamaram o Ngami.

Sem o Grande Macaricári, a parte da Africa Austral comprehendida entre o paralelo 18 e o rio Orange, seria um paiz fertilissimo, e nas condições climatologicas e meteorologicas que a protegem, seria um paiz de grande futuro.

Bastava o Cubango para a fertilisar. Mas o Cubango, bem como todos os rios que quizeram entrar no Calaari, encontrou no seu caminho um paiz arenoso e perfeitamente horisontal que lhe dispersou as aguas, como que dizendo: «Não passareis d'aqui»; e a pouca que encontrou um esgoto, e pensou salvar-se, foi cair no Grande Macaricári, que a bebeu ávido, sem que ainda assim pudesse matar a sua sede insaciavel.

Os rios que tem as suas nascentes ao sul do paralelo 18, e a oeste do meridiano 27, ao norte do Orange, e a oeste do Limpôpo, não são permanentes; e, caudalosas torrentes na estação das chuvas, não são mais do que sulcos arenosos na estação estiva.

As aguas de quasi todos vão a essa linha que une o Ngami ao Grande Macaricári onde se perdem, talvez para volverem de novo n'uma nova estação das chuvas.

Algumas vezes, como n'aquelle anno, até a Botletle mostrou aos habitantes dos juncaes das suas margens o seu fundo arenoso e branco.

É bem digna de estudo esta parte d'Africa, ainda hoje envolvida em mysterioso veu, mas tão inhospita é ella, que por muito tempo saberá occultar os seus segredos aos olhos dos investigadores scientificos.

No dia 21 seguimos ao sul, deixando o Macaricári ás 5 horas da manhã, e fomos parar, quatro horas depois, junto de uma pequena lagôa de boa agua, produzida pela chuva que cahiu copiosa na vespera.

O paiz que atravessamos era coberto de vegetação arborescente, sendo o matto formado de espinheiros que dificultavam o viajar.

Partimos ao meio dia, alcançando pelas duas horas o ribeiro Tlapam, que, ao contrario do que esperavamos, não nos offereceu uma gota d'agua potavel, e por isso continuamos jornada até ás 9 horas da noite, hora que encontramos uma pequena lagôa permanente, a que os Massaruas chamam Lino Canim (*o pequeno ribeiro*), porque esta lagôa dá nascença a um pequeno ribeiro que corre a leste, provavelmente ao rio Tati.

Das 6 ás 8 horas cahiu sobre nós uma horrorosa tempestade, com copiosa chuva, que encharcou o terreno, tornando difficilimo o rodar dos carros.

Algumas cabras de Mr. Coillard e a minha Córa, querendo refugiar-se da tormenta, procuraram abrigar-se debaixo dos wagons, que rodavam, e uma foi logo esmagada pelas rodas.

A minha Córa foi a segunda victima. A roda passou-lhe sobre os iliacos, e eu, ainda que ella chegou viva a Lino Canin, suppuz logo que não podia viver muitas horas.

N'aquella noite foi morta no nosso campo uma cobra venenosissima.

Desde o rio Nata até alli, vi mais cobras venenosas do que em todo o resto da viagem. Na vespera um asqueroso e enorme sapo veio metter-se nas pelles da minha cama, e ao accordar achei-me cara a cara com tão amavel companheiro. Escorpiões, centopeias e os mais repugnantes insectos, eram meus socios de cama, vindo procurar junto ao meu corpo o calor que tão apreciado é pelos animaes de sangue frio.

É preciso um habito constante do deserto para se poder dormir sobre umas pelles na terra dura em companhia de taes animalejos.

Deve comprehender-se, que estas insignificantes bagatellas, reunidas a todas as outras causas, mantivessem o meu mau humor a uma altura constante. O tempo chuvoso continuava persistente, e o ceu sempre encoberto não me permittia fazer observações astronomicas, o que contribuia para acirrar o meu espirito já muito iracundo.

N'aquelle dia todos os meus cuidados, todos os meus momentos, foram dedicados a tratar da minha pobre Córa, que morreu pela tarde.

Pobre animal! Perdi em ti a unica grande affeição que encontrei nas terras africanas, antes de conhecer a familia europêa que me recebeu no seu seio. Perdi em ti a companheira constante dos meus dias de tristeza, a amiga dilecta dos meus poucos momentos de alegria!

Pobre Córa! A sepultura que te cavei junto a Lino Canim será sempre um pensamento triste na minha lembrança, e as poucas linhas que aqui te consagro, ditadas por a saudade, são a expressão sincera do muito que eu te queria, pelo muito que me eras dedicada.

Agora, leitor endurecido e critico severo, trata-me de frivolo pelo pouco que acabo de escrever de assumpto que taxarás de futil, trata-me como quizeres de mal, que só me darás o direito a lastimar-te. Ha bagatellas na vida que são verdadeiros acontecimentos para o homem que sente, meras puerilidades para aquelle a quem as paixões já mirraram o coração.

Se és dos ultimos, ri-te de mim e deixa-me que te lastime.

Não contesto que me leves grande superioridade, mas eu sou de outro feitio, e estou bem assim.

Córa morrendo deixou-me uma recordação viva n'um filho que tinha, a que os Basutos de Mr. Coillard deram o nome Coranhana.

A tarde do dia 22 foi tormentosa, e das 3 horas ás 6 e meia a chuva cahia torrencial.

No dia immediato partimos ás 6 horas, indo parar ás 9 em um lugar onde os Massaruas cavaram um grande poço, logar a que elles chamam Tlala Mabelli (*fome de mabelli*).<sup>1</sup> No fundo do poço apenas encontramos uma lama fetida inaproveitavel.

<sup>1</sup> Mabelli é massambala, ou *Sorghum*.

Ainda n'esse dia fizemos uma jornada de cinco horas e meia, sempre debaixo de chuva copiosa.

A 24 seguimos viagem, e depois de quatro horas e meia de caminho, encontramos um posto de Massaruas, sujeitos ao rei Cama do Manguato. Chamam áquelle posto a Morralana, nome de uma arvore que abunda alli.

Disseram-nos os Massaruas que podiamos seguir em linha recta, porque a muita chuva cahida nos dias anteriores nos faria encontrar agua no caminho, sem o que teriamos de fazer um grande desvio por leste para não morrermos á sede.

Ás 11 horas começou uma chuva forte que só moderou ás 2; seguimos então, mas logo ás 4 paramos, por termos encontrado uma lagôa cheia de agua magnifica, e sabermos pelos Massaruas, que só tres dias depois poderiamos encontrar de novo agua aproveitavel.

Triste vespera de Natal! Eu estava n'esse dia de um mau humor atroz. Sentado dentro do wagon para me abrigar da chuva, estavam junto a mim Mr. Coillard e as damas.

Elles conversavam, eu estava callado, furioso. Não sei a que proposito Madame Coillard fallou de George Eliot.

Foi como o fogo chegado á polvora aquelle nome que ouvi.

Voltando-me para Madame Coillard disse-lhe que George Eliot não escrevia senão disparates, porque era uma mulher o seu George Eliot, e que uma mulher só podia escrever disparates.

Madame Coillard, ferida por esta minha brutal aggressão, quiz discutir, mas eu só lhe respondia que as mulheres não nasceram para escriptoras, que logo que se mettiam a isso não podiam deixar de escrever tolices; que o seu mister era governar casas, e não fazer livros.

Chegou a discussão ao ponto de eu vêr a boa dama commovida, e de fugir d'alli

Momentos depois cahia em mim, e avaliava toda a extensão do meu arrebatamento, sem poder explicar como se produziam no meu espirito taes alterações, logo que eu me dirigia a ella.

Eu, o maior admirador de George Eliot; eu, que reli *Romola* e *Adam Bede*, ficando ainda com desejo de lêr aquellas obras primas da celebre romancista ingleza; eu que presto um verdadeiro tributo ao merito de Staël e Sand; eu que me ufano de ter entre os primeiros litteratos do meu paiz Maria Amalia Vaz de Carvalho, a mulher que escreveu um dos melhores livros que

modernamente se tem escripto alli; eu fazendo violencia ao que pensava e ao que sentia, sustentava, contra a minha convicção, uma ideia estúpida, só e só para contrariar aquella boa dama, que me pagava as aggressões insolitas com mais cuidados e com mais desvelos!

Amanheceu 25 de dezembro, dia de Natal, que, sendo dia festivo e de descanso em todo o mundo christão, para nós foi dia de trabalho rude, porque jornadeamos por treze horas, em tres caminhadas, e só á uma hora da noite acampamos.

Era a seccura do paiz que nos forçava a alargar as jornadas, e mesmo assim, só contavamos ter agua tres dias depois. N'esse dia encontramos um bando de Bamanguatos, que o rei Cama mandava a Mr. Coillard com bois frescos para os wagons. Por elles soubemos a nova das mortes do capitão Paterson, Mr. Sergeant e Mr. Thomas, e alguns serviçaes, que tinham ido ao Matebelli em serviço do governo inglez, e que se dizia terem sido assassinados por Lo Bengula.

A chuva tinha cessado, mas o ceu continuava sempre completamente coberto. Eu fui n'esse dia atacado de um ligeiro accesso de febre, que me quebrou as forças. Havia um anno que, em Quillengues, eu luctava com a morte n'aquelle mesmo dia. Estavam então junto a mim Capello e Ivens. Quanto me lembrei d'elles!

Onde estariam? Qual teria sido o seu destino no meio d'aquelles paizes inhospitos? N'esse triste dia de Natal, fatigado da jornada, abatido da febre, quanto me lembrei tambem dos meus! De minha filha, que fazia annos, e da festa de familia, que se fazia sem mim!

Quantas familias no mundo, n'esse dia, sentadas ás mezas que vergavam ao peso das iguarias, desperdiçando vinho e desprezando a agua estavam longe de pensar, que no secco deserto quatro europeus fatigados seriam felizes com alguma d'essa agua, que por toda a parte era desprezada!

A não ser alguns d'esses entes que de perto nos tocam e que nos não podem esquecer, quem se lembraria de nós em tal dia?

Ha momentos bem tristes entre todos os momentos sempre tristes da vida do explorador!

No dia 26, logo de madrugada, fizemos uma primeira marcha de quatro horas, andando em uma planicie que se eleva um pouco para o sul, coberta de herva e apresentando aqui e além algumas pequenas mattas.

(Continua.)



CARROÇA CHINEZA — Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache

## PEKIN E O NORTE DA CHINA

POR

M. T. CHOUTZÉ

(Continuação da folha 25 — 3.º anno)

**P**M OUTRO recurso, para obtermos uma estatística satisfactoria, seria sem duvida obter esclarecimentos dos mandarins mais altamente collocados, mas as suas ideias são pouco precisas (todos sabem que a precisão não é um attributo ordinario da intelligencia chinesa); e, se se lhe pergunta o numero d'habitantes que existem em Pekin, respondem com um numero arbitrario e vago e que deve ser accete unicamente como uma locução apenas significando «uma enorme multidão»; (dizem, por exemplo, dez mil vezes dez mil).

Comtudo, acolhendo a opinião de gente séria, de missionarios a fundo conhecedores do paiz, avaliando a população dos bairros affastados e sommando-a com a população da cidade propriamente dita, pôde-se calcular que actualmente a população de Pekin não excederá muito oitocentos mil a um milhão d'habitantes. É uma consideravel diminuição, se admittirmos como verdadeiro, segundo as narrativas do seculo passado, que n'esse tempo a população era d'um milhão e quinhentas mil almas, dois milhões, dois e meio milhões. Este decrescimento poderá ser explicado pelo deploravel estado financeiro do governo chinez, pela extrema miseria do povo

e pela emigração, sua consequencia natural. Poderá tambem ser que o solo da China não possa já facilmente nutrir a enorme multidão dos seus habitantes.

Seja como fôr, o facto de que os habitantes de Pekin em outras epochas foram mais numerosos é attestado pelo triste espectáculo de muitos bairros em ruina.

O aspecto exterior da triplice cidade, que lhe dá uma ideia de regularidade e d'ordem, dissimula estas miserias, de que Marco Polo não falla.

Ao approximarmo-nos da cidade, pôde-se fazer ideia da ambição que outr'ora tiveram em a fazer magnifica. N'um espaço de cerca de legua e meia, largas pedras de marmore calçam as estradas que do campo conduzem á capital; é verdade que é um marmore commum e d'aspecto grosseiro. Todavia é-se feliz em transitar por ellas, comparando estas estradas com as demais cobertas de pó, de lama, e, de espaços a espaços, com fetidos charcos. Os meus companheiros affirmam que ha poucas estradas e caminhos, onde a circulação frequentemente não seja interrompida. Accrescentam que o doutor Morache razão tem para dizer que a



VISTA GERAL DAS FORTIFICAÇÕES DE PEKIN — Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache

conservação das grandes ruas na cidade não é mais cuidada. Perto dos portos ainda ha detestaveis calçadas; mas um pouco mais longe, segundo diz o doutor, «as ruas são feitas com uma especie de macadam primitivo que nunca é reparado, e quando se está habituado ás nossas magnificas estradas da Europa, ás nossas esplendidas avenidas de Paris novo, não se pôde calcular a que ponto a falta de reparos pôde reduzir as vias de comunicação, e chega-se mesmo a desejar que certos parisienses por algumas horas sejam transportados a Pekin; voltariam de lá cheios d'um reconhecimento eterno pelo nosso municipio. Estas observações referem-se principalmente á cidade tartara. Na cidade chinesa, sendo em geral mais estreitas as ruas, a população que negocia e que as habita, manda reparar á sua custa as ruas que conduzem ás suas lojas. Algumas avenidas teem arvores, mas envelhecerao como tudo o mais, e hoje só prodigalisam aos peões uma sombra illusoria. Seccam, e algum funcionario inferior manda-as cortar para seu uso particular, sem que ninguém, é claro, se lembre de as substituir... Nada ha em Pekin que se pareça com um passeio publico, e indigena algum sente essa falta. O chinês não pôde comprehender que alguém ande, a não ser forçado por negocios, e os tartaros, adoptando-lhes progressivamente os costumes, teem pouco a pouco renunciado aos exercicios d'equitação e da caça que por muito tempo conservaram, como recordação da sua antiga existencia nomada. Quando um indigena bem educado precisa de ir a qualquer parte, aluga uma carruagem, se a não tem propria, ou pelo menos aluga uma mula, mas nunca se degrada a ponto de ir a pé, como qualquer mendigo.»

Mas, por ter querido citar Marco Polo, deixei-me ir mais além do que previra. Devem suppôr que, depois de ter de manhã até a noite viajado pelo rio e por terra, eu anciava por chegar á legação da França.

Estava sob a espessa abobada da porta de Chakao-mène, quando duas pancadas dadas n'um ferro suspenso d'uma janella da caserna do corpo da guarda annunciavam o pôr do sol e o fechar das portas da cidade.

Do corpo da guarda sahiu um soldado que se lançou ao freio do meu cavallo para me pedir o passaporte. Este individuo estava tão esfarrapado como um mendigo, que perto d'alli peneirava o pó da estrada para aproveitar a limalha de ferro cahida das ferraduras das bes-

tas. Não quiz mostrar o passaporte sem que esse soldado pozesse na cabeça o chapéu official. Teve de o pedir emprestado a um collega, deixando-me suppôr que só havia um chapéu para toda a guarda, e perguntou-me se trazia commigo as minhas bagagens, pois que já muitos carroceiros diziam pertencer-me para assim fazerem entrar sem nada pagar o conteúdo dos seus vehiculos.

De Chakao-mène para deante seguem-se as muralhas de este a oeste até á porta Hata-mène que dá accesso á cidade tartara.

Depois de pouco andar na grande rua Hata-mène-ta-kié, volta-se á esquerda e vê-se a bandeira que fluctua á porta da legação da França.

O palacio da legação da França, antigo palacio chamado Tsigue-kong-fou, foi-nos cedido pelo governo chinês em 1861; M. Bourboulou, que d'elle já fez uma descripção completa, fel-o appropriar ao seu novo destino. O grande jardim do palacio deve ao conde Kleczkowski, antigo encarregado de negocios da França, magnificas aleas de *sophora japonica*, que são certamente um dos mais formosos ornatos d'este palacio, ao qual M. L. de Geofroy, ministro plenipotenciario, ainda fez muitos melhoramentos. Ainda todavia muito resta a fazer para que este palacio se torne tão confortavel como os da legação d'Inglaterra ou da Russia.

Residencia da legação franceza—Sou de Cima—Foram os chinezes que na realidade conquistaram os Mantchoux—Para que serve o rabicho—Como se constituiu a população de Pekin.

Foi o capitão d'engenheiros Bouvier que em 1861 foi o primeiro a dirigir os trabalhos de reconstrucção para o novo fim do palacio cedido pelo governo chinês. É a elle que se deve o esplendido portão d'honra ornado com dois imensos leões de marmore, emblema principesco na China. Peões de marmore, unidos entre si por grossas cadeias, livram a frente d'esta porta dos estragos causados pelas carroagens e da proxima visinhança dos mendigos e dos negociantes ambulantes. Por esta porta d'honra entra-se n'um vestibulo, e d'este passa-se por uma galeria até chegar á porta do grande pateo d'honra que communica com o jardim. Este jardim tem diferentes kiosques, constituindo assim outros tantos alojamentos independentes uns dos outros.

O grande pateo d'honra tem a este e a oeste dois edificios com algumas columnatas de côr vermelha formando varandas, cujo frontão, como

o da porta d'honra, é decorado com brilhantes pinturas. Ao norte, fechando este pateo, ha um grande edificio com duas grandes salas separadas por um corredor. Nas almofadas do tecto estão, sobre fundo verde e ouro, pintadas abelhas, o que, a meu vêr, nada tem d'heraldico. Estas salas não estando em comunicação com parte alguma do edificio não tiveram ainda applicação digna dos frescos com que as ornamentaram.

Ao norte do pateo d'honra, ha um outro pateo onde são os aposentos do ministro. Dão para oeste do jardim, proximo da capella da legação. Todas estas construcções são ao rez-do-chão.

Uma vez chegado á legação de França, estava verdadeiramente installado em Pekin e pude então dedicar-me ao estudo do povo que tinha sob os meus olhos.

Ser natural d'esta capital do Imperio é pelos chinezes considerado uma especie de privilegio de que são mui orgulhosos. Se a um d'elles se pergunta d'onde é natural, sentir-se-ha feliz se puder com emphase responder: Chang-teou—«sou de Cima»—isto é, de Pekin, a capital do imperio policiado, Hoa-kouò, do imperio do meio, Tchong-kouò, d'este imperio que sempre inconscientemente aborreceu os seus conquistadores, ao contacto do qual se inutilisaram os descendentes de Gengis-khan e que mais parece ter annexado a Mantchouria do que ter sido conquistado por ella.

No decimo oitavo seculo, Kiene-Long, quarto imperador da dynastia tartara que occupa o throno da China, fez os primeiros rudimentos d'uma grammatica e prosodia mantchous. Apenas ha cem annos, e todavia o mantchou em breve será uma lingua morta. Se a dynastia tartara hoje perdesse o throno da China, a Mantchouria só em parte lhe ficava pertencendo. Com effeito a Mantchouria despovoou-se primeiro por emigração systematica, promovida pelos usurpadores do throno da China, que queriam rodear-se o mais possivel dos seus compatriotas e fieis vassallos; em seguida repovoou-se com a emigração chinesa que, primeiro tendo-se infiltrado lentamente, tomou definitivamente o logar dos mantchous aborigenes. Foi assim que, em troca do throno que abandonava a um principe mantchou, o povo chinez na realidade se apoderou da Mantchouria.

Todavia a China foi obrigada a fazer uma concessão: os seus filhos, cedendo á força depois de quatro annos de lucta, tiveram de cortar á

navalha o cabello da frente da cabeça e deixar crescer na nuca os cabellos para fazer, á moda mantchou, uma trança que ainda agora os faz reconhecer em toda a parte; accrescentemos que os chinezes pouco susceptibilisados ficaram com a imposição, e que hoje se sentiriam tão humilhados, se lhes prohibissem este uso, como o ficaram no decimo oitavo seculo quando lh'o impozeram.

Qual será, poderão perguntar, a origem e a utilidade d'esta moda tartara? Eis a resposta que nos deram: nos combates esta trança protege a nuca das espadeiradas e na passagem dos rios serve para alli prender as armas.

Depois da longa lucta que tiveram de sustentar para impôr praticas exteriores de submissão, os conquistadores, menos esquecidos do que os chinezes, comprehenderam, e comprehendem ainda melhor do que nunca, quão imprudente seria da sua parte o tentar outras innovações e tocar, pouco que fosse, nas velhas instituições chinezas por mais caducas que sejam. A politica do governo tartaro parece em nada mais consistir, do que fazer esquecer que conquistou a China, e quando elle é acicatado pelo corpo diplomatico estrangeiro para adoptar tal ou tal medida, mais consoante com o espirito do progresso dos tempos modernos, torna-se o mais caloroso defensor da rotina chinesa, á qual, desde a sua conquista em 1644, foi obrigado a ceder pouco a pouco, e contra a propria vontade.

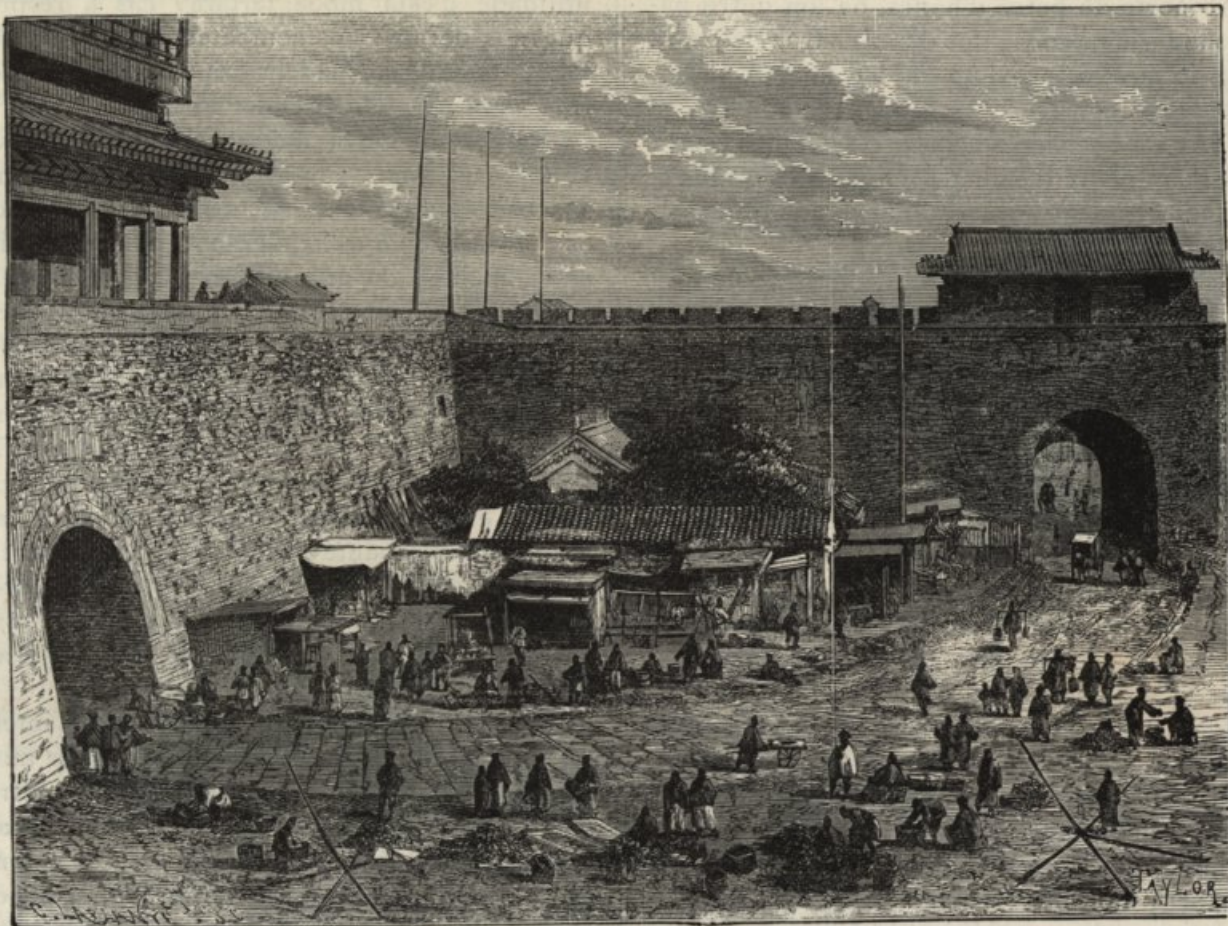
E agora vencedores e vencidos estão inteiramente confundidos; é necessario ter vista muito experimentada para distinguir uns dos outros. Chinezes e mantchous sabem elles proprios apenas distinguir-se entre si, e a massa da população de Pekin ficaria muito admirada, se lhe dissessem que desde o anno de 1644 o imperio chinez é governado por um principe estrangeiro. É, graças a este estado de cousas, que Pekin, que em 1270 fazia a admiração do viajante veneziano Marco Polo, é ainda hoje o que devia ser, guardadas as devidas proporções, Paris no fim da idade media.

A população, essa tem sido muitas vezes modificada pela introducção d'elementos estranhos. Em todos os tempos os povos errantes da Asia fizeram incursões no sul, e muitas vezes aqui se estabeleceram. No seculo decimo, pouco mais ou menos no logar hoje occupado por Pekin, os khitaus tinham edificado uma capital, chamada Iem. Os khitaus foram expulsos pelos Jut-chin, que fundaram um novo imperio e ex-

pulsaram completamente para o sul os chinezes; em seguida, vieram os mongols que estabeleceram o seu dominio em toda a Asia. De todas estas invasões successivas naturalmente resultou uma mistura da raça chinesa autoctone com as diversas raças conquistadoras.

O imperio mongol tambem desapareceu um dia. Foi destruido por um aventureiro que fundou a dynastia, d'esta vez chinesa, dos *ming*s,

dynastia celebre pelo brilhantismo que as artes e industrias lhe deveram. Esta dynastia teve trezentos annos de gloria; depois, por causa d'uma revolta devida à incapacidade d'um imperador sem vigor e sem intelligencia, foi derrubada tambem. Depois de terriveis massacres, um general chinez, para triumphar dos rebeldes, pediu socorro a um chefe tartaro que se apressou a dal-o; mas que, uma vez em frente de Pekin,



PEKIN: INTERIOR D'UM BASTIÃO — Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache

proclamou imperador da China seu filho *Chun-Tché*. A dynastia tartara, fundada por este general, ainda se não deixou destituir.

Posto que estrangeira, tem conseguido sustentar-se, à força de habilidade e energia. Desde 1644, anno da conquista pelos tartaros, estes, ficando fieis aos seus antigos habitos de submissão e de disciplina, tem continuado a cercar o throno do seu chefe, sempre prompto a defendel-o com dedicação sem limites.

Segundo o plano d'estes vencedores, os tartaros deviam evitar unír-se aos chinezes, afim de perpetuar uma raça propria para mandar. D'ahi

provém esse habito de sempre separar nas grandes cidades os bairros tartaros dos bairros chinezes. Mas, se a regra da separação systematica entre os vencedores e vencidos foi observada nas familias aristocraticas, a massa da população tartara não se resignou a isso. Usualmente o tartaro toma para esposa legitima uma mulher da sua raça, mas, se é bastante rico para ter uma segunda ou terceira mulher, é na raça chinesa que a escolhe.

Em virtude d'estas modificações nos usos e costumes, o typo chinez do norte affasta-se muito sensivelmente do typo chinez classico, tal como



nós o conhecemos e tal como é encontrado puro nas províncias do centro e do sul. Ao norte, a estatura é mais elevada, a cor mais branca, os olhos approximadamente no mesmo eixo, a face menos chata e a barba regularmente abundante.

Além dos tartaros e dos chinezes de raça mais ou menos alterada encontram-se em Pekin cerca de dez mil mussulmanos, alguns grupos de religião grega de origem russa, e emfim uma

população fluctuante, principalmente composta de mongols e thibetanos.

Vestuario de tijolo—O commercio de Pekin—Como ahi se alimentam—Os vestuarios—O chapéu dos homens

Todos estes elementos reunidos formam uma população, calculada, como acima dissemos, em oitocentas mil almas. N'este numero são contados setenta mil mendigos, repartidos por todos



PORTA TCIENE-MENE — Desenho de Taylor, segundo photographias do doutor Morache

os bairros, e formando uma associação de vadios quasi independente.

O mendigo asiatico anda ainda menos vestido que o mendigo do occidente. O mais das vezes só tem alguns farrapos em volta da cintura. Eu cheguei mesmo a vêr um que por vestuario tinha unicamente um cordão á cintura, do qual andava suspenso um tijolo como avental e outro como os *tourneures* das damas. Talvez ande em busca d'um photographo...

Póde-se dizer que em Pekin não ha commercio, a não ser o que resulta da compra dos artigos de consumo dos seus habitantes.

Só a classe remediada tem como base da sua alimentação o arroz branco. Graças a um privilegio concedido pelo imperador, a classe baixa de Pekin pôde consumir o arroz avariado, encontrado nos celleiros imperiaes. Fôra de Pekin, a classe operaria do norte da China alimenta-se com milho fervido, com farinha de trigo e com queijo feito de massa de feijão fermentada.

A carne de porco é que está mais ao alcance de todas as bolsas; em seguida a carne de carneiro e as aves: patos, frangos e pombos. O boi parece ser venerado pelos chinezes como este animal o era pelos antigos egypcios. Para os

chineses personifica a agricultura. Comtudo, apesar do respeito que os chineses apparentam por este animal, estou persuadido que o aldeão chinês que tem um boi que lhe não pôde prestar serviço prefere comel-o a deixal-o apodrecer. Os europeus residentes em Pekin encontram sem difficuldade, em certos açougues especiaes, carne de vacca em tanta quantidade quanta desejem.

O vestuario dos habitantes de Pekin é dos mais simples; posso dizer que não ha senão uma maneira de trajar para os funcionarios, militares, burguezes e operarios: o vestuario só difere no estofa e no numero de peças que o compõem.

O calçado é uniformemente feito de fazenda d'algodão ou de nankin branco. No inverno o calçado é acolchoado, o que torna difficil o limpal-o. Sobre o calçado atam-se as pernas d'uma calça de panno de linho ou de seda, com ligas geralmente azues ou de outra côr que dê nas vistas. À altura da cinta esta calça trespasa na frente, formando uma triplice prega, cuja extremidade superior fica encoberta; em seguida, ata-se com uma banda ou cinta, cujas borlas, por menos fartas que sejam, teem sempre pretensões a elegantes, cahindo do lado esquerdo. No peito põe-se um plastrão de panno de linho ou de seda, de duas faces, cahindo em ponta sobre o estomago, preso ao pescoço por um cordão ou uma corrente, e apertado ao tronco com dois cordões que se atam sobre as costas. A camisa cahe fluctuante sobre as calças: é uma especie de tunica, por deante aberta em todo o seu comprimento, apertando ao lado e descendo pouco abaixo das ancas.

No verão este vestuario é o unico usado pelas classes trabalhadoras, e geralmente o que todas as classes usam por baixo de qualquer outro. Por cima das calças é elegante trazer grevas que se atam em baixo no tornozello com cordões e que em cima teem umas correias que se atam cada uma separadamente à cinta das calças. Por cima da camisa põe-se uma comprida tunica presa ao lado. Usada só e sem cerimonia é uso deixal-a fluctuar, no caso contrario prende-se com um cinto, cuja fivella, o mais das vezes, é incrustada de pedras preciosas.

No inverno esta tunica é acolchoada ou forrada. As grevas igualmente o são. A gente do povo acolchoa simplesmente as calças e a camisa, de modo que como roupa branca usa unicamente o pequeno plastrão que traz sobre o peito.

Nas visitas de cerimonia vestem por sobre a primeira tunica comprida um *pardessus* de côr escura mais curto que a tunica, aberto na frente, abotoado direito, aberto dos lados e atraz; ao pescoço põe-se um cabeção de setim azul celeste.

Em vez do *pardessus*, os habitantes de Pekin usam frequentemente uma veste curta de mangas largas e curtas, de modo a deixar vêr as mangas da primeira tunica; as extremidades sendo exageradamente compridas, podem, quando não arregaçadas, servir de luvas e abrigar as mãos do ar e do pó.

A trança anda sempre cahida ao longo das costas.

Alguns chineses, quando trazem a tunica comprida, teem por costume vestir uma especie de collete sem mangas, ou mesmo um bocado d'estofa cortado em fôrma de lenço de pescoço das nossas mulheres, aberto e abotoado na frente, cahindo-lhe por detraz até à cinta; estes complementos de *toilette* servem para impedir que a trança caia sobre a tunica e a engordure.

O *pardessus* dos funcionarios é enfeitado no peito e nas costas com um plastrão, cujos bordados d'ouro variam segundo a hierarchia. Só em certas circumstancias usam estes *pardessus* bordados: no primeiro e decimo quinto dia de cada mez, se estão de serviço, e nos dias de sacrificios ou festas na cõrte.

O chapéu varia segundo as estações; ha chapéu official de verão e chapéu official d'inverno. É um decreto do imperador que determina a occasião em que se deve deixar um para começar a usar do outro.

O chapéu de verão tem um pouco a fôrma d'um *abat-jour*: é feito de palha ou d'um tecido de gaze: do vertice, terminando por um globo, se o chapéu pertence a um mandarim, cae uma borla de crina vermelha ou de franja de seda.

O chapéu d'inverno é preto, de panno ou de pelle; as abas são levantadas quasi perpendicularmente para a copa, tambem coberta por uma borla ou franja. Só os funcionarios d'alta cathegoria podem usar estes chapéus, guarnecidos de pelle de marta não tingida.

Além dos chapéus officiaes de que acabo de fallar, os chineses teem tambem chapéus de phantasia, cujos enfeites muitas vezes erradamente tem sido tomados como insignias pelos estrangeiros.

(Continúa.)

## CAMÕES NAS ILHAS DOS AÇORES

- I.—Se a ilha Terceira é a verdadeira ilha de Venus do poema *Os Lusíadas*? Opinião de Jeronymo Emiliano de Andrade, e Moniz Barreto.
- II.—Se Luiz de Camões, regressando do Oriente, passou com effeito pelos Açores em março de 1570?
- III.—Se Camões partiu de Moçambique na não Fé ou na Santa Clara? Sentido historico da palavra *matalote*, com que Diogo do Couto designa o poeta.

### I

PRÓPRIO Luiz de Camões em varias estancias dos *Lusíadas* teve o cuidado de explicar qual o valor no campo da realidade, e qual a origem philologica da *Ilha de Venus* com que se occupa nos cantos ix e x do seu poema.

Debalde! A curiosidade dos seus commentadores, quiz ver em tudo uma realidade.

A primordial ideia nasceu, segundo alguns, do estratagemma do pirata Timoja, na costa do Malabar, contra Vasco da Gama, juntando em um corpo as suas pequenas embarcações e cubrindo-as de uma ramada, de modo que similou em seu movimento uma ilha fluctuante.

Quanto á sua fixação, quizeram os que julgaram a acção do poema terminada em Calecut, que fosse a ilha de Anchediva, situada n'aquella costa; os que consideraram a longura da tornaviagem e perigos do Cabo da Boa Esperança, pretendem fosse Santa Helena, sómente depois descoberta: isto ainda no seculo do poeta. No presente houve quem a quiz identificar com Zamzibar na costa oriental d'África, e tambem houve e ha ainda quem pretenda seja a ilha Terceira a verdadeira ilha de Venus.

São dois preclarissimos escriptores, ambos filhos d'aquella ilha, o reverendo Jeronymo Emiliano de Andrade e o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Antonio Moniz Barreto Côrte Real, quem pretende reivindicar-lhe essa honra.

Eis como no 1.<sup>o</sup> vol. da *Topographia da ilha Terceira*, composta por aquelle escriptor, com a collaboração d'este, e publicada em Angra em 1843, a pag. 222, se exprimem a tal respeito, falando da freguezia da Terra Chã, a ultima que descrevem:

«Para se formar alguma ideia de tantas bellezas seria preciso que nos claros dias do outomno o observador curioso com o Camões na mão subisse o alto cimo de uma encosta coberta

de pinheiraes sobranceira a esta freguezia, e que d'ali contemplasse o painel brilhante, que lhe offerece esta porção a mais bella das campinas da ilha. Sem temor de parecermos excessivos não duvidamos affirmar que ali se apresentarão reunidas todas essas bellezas campestres, com que o poeta adornou a sua tão decantada Ilha de Venus. A seus olhos se mostrará esta formosa povoação, estendida no meio de uma immensa floresta, apinhada de arvoredos: seus alvos edificios, brilhando entre ramagens de verdura lhe offerecerão perspectivas encantadoras, e scenas de doce recreio. Ao nascente em contorno d'ella, formando como um unico corpo, observará o aprasivel logar de *Porto Santo*, abundante no mesmo genero de riquezas e de delicias: e ao occidente esses bellos sitios do caminho de *Baixo*, e do *Meio*, de que temos fallado. Na extensão de mais de uma legoa não verá mais que pomares riquissimos, quintas extensissimas, montes e serranias verdejantes, e á vista de terrenos tão vastos, tão deliciosos, e abundantes decidirá se esta é, ou não aquella *insula divina, ornada de esmaltado e verde arreo*, que a Cypra Deusa no mar preparou aos Lusitanos argonautas. E como a poderá desconhecer se ella por toda a parte lhe mostra as marcas mais caracteristicas e indubitaveis?

«Observando d'ali mesmo o porto d'Angra verá:

Onde a costa fazia *uma enseada*  
*Curva e quieta*, cuja branca areia  
Pintou de ruivas conchas *Cytheréa*.

«Nos três cumes do monte Brasil, que d'ali se avistam verá tambem o logar no qual:

*Tres formosos outeiros* se mostravam  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramineo esmalte se adornavam,  
Na formosa ilha alegre e deleitosa.

«Espraiando suas vistas por todo o campo que tem em frente d'ali verá o *valle ameno* que os outeiros *fende*, onde

Mil arvores estão ao céu subindo  
Com pomos odoriferos e bellos.

«D'ali verá a lorangeira de lindo fructo, os formosos limões, e a cidreira encostada no chão: e caindo com os pesos amarellos, d'ali verá:

As arvores agrestes, que os outeiros  
Tem com frondente coma ennobrecidos:

«D'ali verá os alamos de Alcides, os loureiros do louro deus amados e queridos, e os dons, que da Pomona, e natura produz diferentes nos sabores: e d'ali em fim verá:

O pomo que da patria Persia veiu  
Melhor tornado no terreno alheio

«As amoras, que o nome tem de amores, e entre os braços do ulmeiro a jocunda vide com uns cachos roxos, e outros verdes.

«Camões com toda a riqueza, e fecundidade da sua imaginação, querendo-nos dar a ideia de uma divina e encantadora ilha não fez mais do que descrever a ilha Terceira, e por uma *coincidência historica bem notavel*, essa mesma é a ilha de Venus, em que ultimamente aportou, e descançou o grande Vasco da Gama, depois da sua longa derrota do descobrimento da viagem das Indias, donde elle e seus companheiros:

Assim foram cortando o mar sereno  
Com vento sempre manso, e nunca irado,  
Até que houveram vista do terreno  
Em que nasceram, sempre desejado.»

Em nota dizem ainda aquelles escriptores:

«Os commentadores de Camões acham-se divididos, e discordes sobre qual fosse a sua Ilha de Venus. Uns a põem na ilha de Santa Helena, que ainda n'aquelle tempo não estava descoberta, outros no Porto Santo, outros na Madeira, outros na ilha Anchediva, outros emfim nas ilhas Canarias, ou Afortunadas; porém sem fundamento algum historico. Segundo o testemunho de nossos antigos Chronistas, sobrevindo a Vasco da Gama na sua volta das Indias uma tormenta junto das ilhas de Cabo Verde foi parar na ilha de Sanctiago por trazer doente seu irmão Paulo da Gama, e fretando ali uma Caravela se passou com elle á ilha Terceira, onde morreu o dito Paulo da Gama, e foi enterrado no convento de S. Francisco. Logo se nas ficções poeticas se deve buscar alguma base verdadeira, esta ilha de Venus de Camões não pôde ser outra senão a ilha Terceira; pois n'ella não só se acham as marcas caracteristicas com que a descreve o Poeta, mas ainda mui principalmente por ser a ultima ilha, onde aportou o Heroe dos *Lusiadas*, e d'onde depois de refeito pas-

sou a Lisboa. (Veja-se Barros, Dec. 1, liv. 4, cap. 11.)»

N'este *escripto*, que lhes dictou um acrisolado amor da patria, auxiliado por subido engenho, pozeram seus auctores a questão no seu verdadeiro ponto, — se a ilha de Venus fosse uma realidade, esta seria a ilha Terceira; a critica actual não tem ido mais além.

Por mais de uma vez temos tido o gosto de ouvir ao ultimo dos mencionados escriptores sabias considerações em sustentação da sua opinião.

Para prova de que Camões collocou a sua ilha no Atlantico septemtrional dá s. ex.<sup>a</sup> uma interpretação digna de acceitação á passagem:

Que muitas tem no reino que confina  
Da primeira com o terreno seio...

querendo que haja aqui uma referencia ao *pico* de Tenarife.

Se nos não falha a memoria, s. ex.<sup>a</sup> em uma folha editada em Angra alguma cousa publicou sobre o assumpto.

A ella remettemos o leitor curioso.

## II

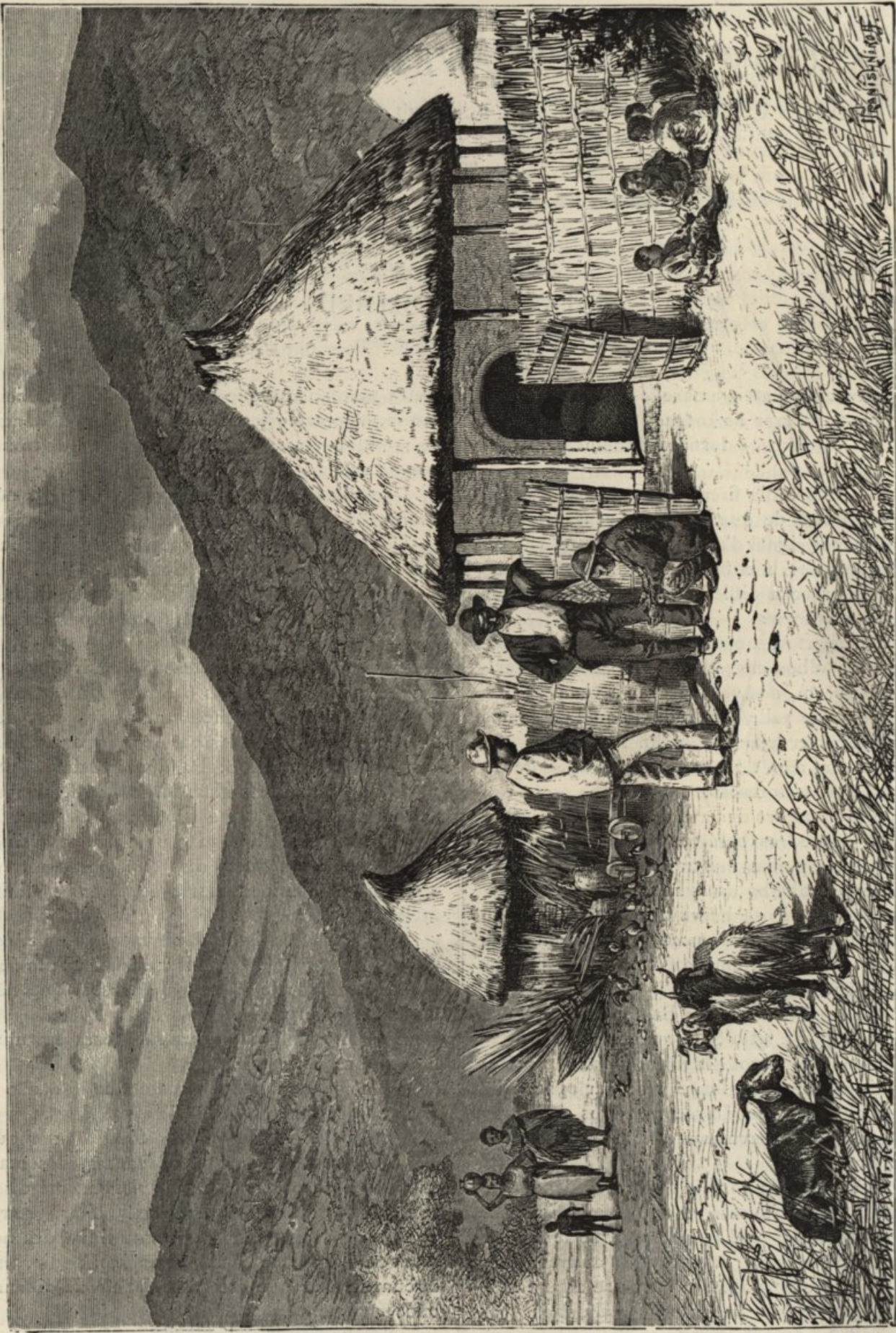
Cabe aqui dizer algumas palavras sobre a segunda questão da nossa epigraphe, levantada por um outro illustre escriptor açoriano o sr. dr. Ernesto do Canto.

Em data de 26 de junho ultimo, diz-nos este cavalheiro: «Fazendo um estudo a respeito da volta de Camões para Portugal em 1570 na nau *Santa Clara*, antevejo a possibilidade d'elle ter tocado em alguma ilha dos Açores, principalmente na Terceira. Poderá o meu amigo, etc.»

Respondendo-lhe em 14 de julho, opinámos pela negativa. Depois occorreu-nos a lembrança de factos que obrigam grandemente a seguir a affirmativa. Vou submettel-os ao publico julgamento e em especial ao d'aquelle meu presado amigo. Sirva-nos exclusivamente de guia o mais cavalheiresco, e tão veridico como os mais veridicos, dos nossos historiadores, Diogo do Couto.

(Continúa.)

JOÃO TEIXEIRA SOARES.



CASAS EM CHOCHON — Desenho de V. Prantshnikoff, segundo um croquis

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

SEGUNDA PARTE

## A FAMILIA COILLARD

(Continuação da folha 27—3.º anno)

**P**TERRENO de arcia amarello-vermelhada deixava enterrar as rodas dos wagons quasi até aos eixos, e tornava difficilima a tracção d'elles.

Ainda n'esse dia fizemos duas jornadas, uma de cinco outra de quatro horas, sem percebermos o menor signal d'agua. Acampamos ás onze e meia da noite, á entrada do valle, onde o terreno nos pareceu difficil e perigoso de transpôr no meio das trevas.

Ao despertar, uma formosa paizagem, formosa para olhos cançados da monotonia e aridez do deserto, nos veio alegrar a vista.

O pequeno valle a entrada do qual passamos a noite era verdejante e bello. As collinas que o formavam não tinham mais elevação de 20 metros, mas pittorescas.

Até meia altura deixavam vêr a nú um agglomerado de pedras basalticas cheias de furos, e cujas arestas puidas mostram que houve alli um persistente trabalho da agua.

Apesar da viçosa herva que cobria o fundo do vale agua nenhuma encontramos, ainda que ella deve correr alli em profusão no tempo das grandes chuvas.

Disseram-nos as gentes Bamanguatas que se chamava aquelle sitio Setlequane.

Os bois dos wagons fugiram durante a noite, e sequiosos foram ao longe procurar agua, que não encontraram, sendo reconduzidos ao campo por gente que despachamos em sua busca, só ás 11 do dia.

Partimos a essa hora, e tres horas depois encontravamos o leito secco do rio Luale. Este rio, como quasi todos os d'aquelle paiz, só tem agua corrente na estação das grandes chuvas, mas em todo o tempo pôde encontrar-se alguma estagnada em alguns poços mais profundos. Todavia, alli ha agua permanente, e sendo a pri-

meira permanente que lhe fica ao N. em Lincanim, ha entre estes dois pontos uma distancia de 128 kilometros, distancia impossivel de transpôr na estação estiva.

Homens e bois mataram alli a sede, e nós decidimos seguir logo ávante.

Quando iamos a partir percebemos que faltavam cinco cabras de M. Coillard.

Fizemos seguir os wagons e as damas, ficando eu e M. Coillard com alguns pretos para procurar as cabras.

Eu pude por muito tempo seguir o rasto, mas perdi-o depois; e ás 6 e meia da tarde, já noite, decidimos ir encontrar os wagons, deixando alli alguns pretos para continuar as buscas no dia immediato. Partimos sózinhos por noite de trevas profundas. M. Coillard, sempre descuidoso, e crente na protecção de Deus, ia desarmado, levando na mão uma ligeira *badine*; eu, que creio em Deus, mas que tambem creio em feras no continente africano, levava a minha melhor carabina.

Uma hora depois de deixarmos o Luale, ouvimos proximo de nós, á nossa esquerda, um desagradavel côro de hyenas e chacaes, que não pudemos enxergar.

Este M. Coillard produzia ás vezes em mim uma impressão estranha.

Ha coisas n'aquelle homem que me não é dado comprehender.

Um dia, narrando-me com todo o calor que o seu espirito de poeta lhe dava, um dos mais commoventes episodios da sua viagem, me disse elle: «Estivemos quasi perdidos!» «Mas,» retroqui eu, «o senhor tinha armas, tinha dez homens dedicados e armados comsigo, podia, nas circumstancias que me pinta, sahir da difficuldade facilmente.»

«Não podia,» me disse elle; «não podia sem

matar um homem; e eu não mato um homem, nem mesmo para me salvar e aos meus.»

Fiquei pasmado a olhar para aquelle homem, typo novo para mim, sem poder comprehender que n'aquella organização meridional e ardente pudesse existir uma coragem de gelo, uma coragem que não acha explicação no meu espirito.

Era a coragem filha d'aquellas *flores d'alma*, que um dos maiores poetas portuguezes soube definir e descrever em phrase expressiva e bella. Era a coragem dos martyres, que a poucos é dado entender e sentir. Eu, por mim, declaro que a não entendo, e posso quando muito admirala.

Por vezes, na minha viagem, me encontrei no meio da floresta desarmado, ou melhor falando, sem carabina, que alguma outra arma sempre trazia; e todas as vezes que isso aconteceu, uma inquietação vaga, uma perturbação ligeira me attribulava o espirito.

Não posso, por isso, comprehender o homem que passeia nos sertões africanos de *badine* na mão, vergastando aservas do caminho. Deve ser sublime aquella coragem, e pena tenho de a não possuir.

O caminho que eu e M. Coillard seguimos é povoado de feras, e o valoroso francez disputou-se a passal-o sózinho e desarmado, se eu não teimasse em o acompanhar.

Madame Coillard, em cuidados por nos ter deixado atraz, fez parar os wagons e esperou por nós, que a encontramos depois de tres horas de marcha.

Seguimos logo, indo acampar, á uma hora da noite, junto do ribeiro Cane.

Logo de manhã, appareceu o meu Augusto com as cabras perdidas, que elle encontrara de noite. Seguimos ás 7 horas, atravez de um paiz montanhoso e coberto de luxuriante vegetação, offerecendo a cada passo panoramas lindos.

As montanhas correm a S. O., e todas as aguas, se as houvesse, deviam correr a leste.

Depois de duas grandes jornadas, fomos acampar junto do leito secco de um ribeiro chamado Letlotze, onde pudemos encontrar agua n'um pequeno poço. Foi decidido que passaríamos alli o dia immediato, que era domingo, dia em que a familia Coillard não viajava.

Logo na madrugada seguinte, fomos sobresaltados por uma desagradavel noticia.

Os bois tinham ido de noite ao charco encontrado na vespera, e tinham esgotado completamente a provisão d'agua com que contavamos.

Mandou-se á descoberta, e foi o meu Catraio quem, depois de longas e demoradas pesquisas, encontrou alguma agua muito longe do acampamento.

O sitio em que estavamos era lindissimo, e passamos alli um agradavel dia.

A 30 de dezembro pozemo-nos a caminho ao alvorecer.

Eu, que acordei n'esse dia de pessimo humor, estava possuido de uma verdadeira raiva, e nunca cheguei a sentir tanto odio a alguem como então senti por aquellas damas, pelo missionario, por todos que me rodeavam.

Aquelle estado do meu espirito attribulado exacerbou-se ao ouvir, que M. Coillard desejava fazer uma grande jornada n'aquelle dia.

Effectivamente, entestamos com os desfiladeiros de Letlotze, e caminhamos 25 kilometros sem parar.

Paramos emfim, e procurei logo affastar-me do acampamento, para não fazer alguma loucura. Depois de um passeio nos arredores voltei, e ao approximar-me do campo por entre os arbustos, vi madame Coillard, que fallava com mademoiselle Elise com modo contristado.

Não podia ouvir o que diziam, mas o que vi foi bastante para perceber do que se tratava.

Mademoiselle Elise tinha na mão a lata do chá, madame Coillard um pires. Foi despejado no pires todo o conteudo da lata, e dividido em duas partes, uma das quaes volveu para a lata, outra entrou no bulle.

Era o ultimo chá de madame Coillard. Compungiu-me tanto o vêr o sentimento que se lia no rosto de uma dama escoceza ao servir o seu ultimo chá, que o meu mau humor cahiu por terra, e cahiu para sempre, porque não mais volveu.

Ainda n'esse dia jornadeamos por trez horas, indo acampar ás 7 e meia em sitio secco.

A nossa viagem foi sempre pelos desfiladeiros de Letlotze, onde um sulco profundo serpêa em apertadas curvas, mostrando o leito secco de um rio do mesmo nome. Sete vezes atravessamos aquelle sulco, com grande risco dos wagons que se precipitavam das suas escarpas profundas e inclinadas.

As montanhas que corôam aquelle desfiladeiro são bellas, e a serra apresenta um dentado original.

A 31 de dezembro, depois de uma jornada de duas horas, entravamos em Xoxom (*Shoshong*); a grande capital de Manguato.

\*

Às 8 horas eu comprava um sacco de batatas e outro de cebollas; encontrava um Stanley (que não é H. M. Stanley, mas de quem terei que fallar muito): e ás 11 horas comia um optimo almoço de batatas com presunto, um magnifico *beef-steack*, e apertava a mão do regulo Cama, o indigena mais notavel da Africa Austral.

Madame Coillard já tinha nova provisão de chá.

#### CAPITULO IV

##### NO MANGUATO

Doença grave—Um Stanley que não é o Stanley—O rei Cama—Os inglezes em Africa—A libra esterlina—Mr. Taylor—Os Bamanguatos a cavallo—Cavallos e cavalheiros—Despedidas—Parto para Pretoria—Acontecimentos nocturnos—Volto a Xoxom—Pararam os chronometros?

Com o alvorecer do dia primeiro de janeiro vi eu começar em Africa um novo anno.

Havia doze mezes que n'esse mesmo dia eu tinha deixado Quilengues, e feito uma grande marcha para o interior, ainda convalescente da primeira grave doença que tive em Africa. Em Xoxom, um anno depois, o dia de Anno-Bom devia ser para mim um dia de descanso, e a vespera da ultima perigosa enfermidade que me ameaçou a vida n'aquella longa e fadigosa jornada.

Passei entre a familia Coillard aquelle dia festivo, na casa meia arruinada que pertencera ao missionario Mackenzie, e que nós fomos occupar.

No dia 2, fui á cidade, ao bairro europeu, e em uma das casas inglezas deram-me um magnifico charuto, um *puro Londres*. Ha quanto tempo eu não via um charuto, e com que prazer aspirei o cheiro delicioso do tabaco Havano!!

N'esse dia appareceram-me os symptomas de uma febre perigosa.

A doença tomou um character assustador, e até ao dia 7 estive entre a vida e a morte. Os carinhos e desvelos que me dispensou madame Coillard não se podem descrever, e de certo a ella devi outra vez o não ter morrido n'aquellas inhospitas paragens.

A 7 melhorei bastante, e pude receber a visita de Stanley. Stanley é um fazendeiro do Transvaal. É inglez, mas casou em Marico com uma Boer.

Viera a Xoxom veder batatas e cebollas; eu

comprei-lhe um sacco de cada coisa, e aluguei-lhe o wagon para continuar a minha viagem.

N'aquelle dia pude fallar largamente com elle e concluimos o contrato.

Por esse contrato o wagon ficava ao meu serviço, bem como elle, que seria apenas o *driver* (conductor), devendo obedecer-me em tudo e por tudo.

O homem tambem impôz uma condição que aceitei, e foi, a de passarmos por sua casa, para que a mulher o não julgasse comido pelos leões.

Stanley disse-me logo que não iria além de Pretoria, porque tinha um filho pequenino, longe do qual não podia viver. Tive de transigir no contrato com os affectos paternaes do fazendeiro Transvaaliano.

Stanley é homem de trinta annos, alto, barba e cabello muito loiro, physionomia vulgar e nada energica, um typo completamente opposto ao seu homonymo o grande Stlanley. Não era sem um certo acanhamento que eu o tratava por aquelle nome.

Depois de longa conferencia, ficou decidido que elle estivesse prompto a partir no dia 13, retirando-se em seguida tão satisfeito commigo como eu ficara com elle.

O Manguato, ou paiz dos Bamanguatos, occupa na Africa Austral uma area que se não pôde precisar bem, tão vasta é ella.

Ao sul do Zambeze e ao Norte do paralelo 24, a Africa é dividida, de mar a mar, em tres grandes raças superiores e distinctas.

A leste, os Vatuas ou Landins, cujo chefe é Muzila. Em seguida, os Matebeles ou Zulos, cujo chefe é Lo-Bengula.

A oeste, os Bamanguatos, cujo chefe é Cama.

Muitos, grandes e pequenos grupos, de raças inferiores, estão sujeitos a estas tres raças dominantes, e incontestavelmente superiores ás outras. Taes são entre os Matebeles os Macalacas, entre os Bamanguatos os Massaruas.

Além d'estas, outras castas formam aqui e além pequenos grupos, e as povoações dos juncaes da Botletle, e do Ngami, sujeitas ao rei Cama, e os Baniaes e outros povos de leste sujeitos a Lo-Bengula, são de differente origem.

Estes tres grandes potentados são inimigos,<sup>1</sup> e usam bem differente politica.

<sup>1</sup> Consta hoje que Lo-Bengula esposou uma irmã de Muzila, e que por esse facto se tornaram alliados. Esta aliança pôde trazer graves complicações ao futuro desenvolvimento colonial da Africa do sul.



Cumpre-me aqui só fallar de Cama, e por isso deixarei em silencio o que poderia dizer dos outros dois poderosos regulos, cujos paizes não visitei.

O Manguato era, ha poucos annos, governado por um velho imbecil e barbaro.

Era o pae de Cama.

Cama, christão convicto, educado pelos inglezes, homem civilisado, de elevada intelligencia e superior bom-senso, não podia ter as boas graças de seu pae, e ainda que primogenito, e por isso herdeiro legal do poder, soffria uma guerra sem trégua do velho imbecil, que trabalhava para fazer seu succesor a seu filho segundo Camanhane.

Cama, querendo evitar as intrigas que em Shoshong (*Xoxom*) lhe moviam os inimigos, retirou-se prudentemente para a Botletle; mas em caminho todo o seu gado foi disperso pela sede, e reunido pelos Massaruas foi levado a seu pae.

Cama reclamou o que era seu, e lhe foi negado, tendo por unica resposta que o fosse elle mesmo buscar a *Shoshong*, que alli lhe cortariam a cabeça.

Elle replicou que iria, e marcou o começo da primavera seguinte para isso, avisando que estivessem preparados para o receber. Effectivamente apresentou-se no Manguato á frente de uma respeitavel força reunida na Botletle e no Ngami, e tendo batido em differentes combates a gente de seu pae, tomou a cidade de *Xoxom* pouco depois.

Foi aclamado regulo, e seu pae deposto. Entregou a seu pae todo o gado e riquezas que lhe pertenciam; deu boa esmola a seu irmão Camanhane, mandando-os viver para o sul, junto de Corumane.

Um anno depois, Cama chamava seu pae e seu irmão para junto de si, e fazia-lhes os maiores beneficios.

Todavia o pae e o irmão, logo que se acharam vivendo na capital, conspiraram contra o generoso regulo, que, desgostoso por se vêr envolvido em novas intrigas, entregou o governo a seu pae, e retirou-se para o norte.

Os Bamanguatos porém tinham apreciado o governo sabio de Cama, e não podiam aturar outro regulo, o que deu logar a que fossem em massa buscar o filho e de novo depozessem o pae. Este quiz retirar-se para Corumane e levou Camanhane comsigo, mas Cama, sabendo da pobreza em que estavam, ainda os encheu de beneficios.

Esta ultima scena da historia do Manguato passou-se sete annos antes da minha estada alli, e desde então o poder de Cama consolidou-se completamente.

Cama, nas guerras que sustentou com os seus e com estranhos, adquiriu reputação de grande capitão.

No tempo em que estive em *Shoshong*, Camanhane já vivia alli, ainda que não tem a menor ingerencia nos negocios publicos. Cama perdoo-lhe, chamou-o para junto de si e enriqueceu-o.

Ao contrario de todos os governos indigenas d'Africa, o de Cama não é egoista. Antes de pensar em si mesmo pensa elle primeiro no seu povo.

Uma grande parte d'esse povo é christão, e todos andam vestidos á europêa.

Nem um só Bamanguato deixa de ter espingarda, mas não se vê nunca um homem armado n'aquelle paiz fóra das florestas.

Cama nunca traz armas. Vai repetidas vezes ao bairro missionario, que fica a dois kilometros da cidade, e volta por noite fóra, só e desarmado. Não ha outro chefe em Africa que o faça.

Tem este regulo 40 annos, ainda que parece muito mais novo. É alto e robusto, mas a sua physionomia inculca pouco.

Tem modos distinctos, e o seu trajar á europêa é apurado e de um aceio exquisito. Como todos os Bamanguatos, é destro cavalleiro, bom atirador e afamado caçador.

Quasi todos os dias Cama almoçava commigo em casa de madame Coillard, e sentava-se á meza com os modos e distincção de um cavalheiro europeu.

Cama é muito rico, mas a sua riqueza é partilhada pelo seu povo.

Ha annos veiu um flagello aos campos Bamanguatos, e sobreveiu a fome, mas o povo de *Shoshong* não a sentiu.

Cama comprou cereaes em toda a parte, só em uma semana gastou cinco mil libras esterlinas, mas a sua gente teve de comer.

É bello vêr a respeitosa amizade com que todos o saudam quando passa nas ruas. Não é o cortejar a um rei, é o saudar a um pae.

Elle visita as casas dos pobres e as dos ricos, e a todos anima ao trabalho.

Os Bamanguatos trabalham muito.

Nos campos ajudam as mulheres no amanho das terras, e já empregam a charrua importada de Inglaterra.

Além de grandes cultivadores, são pastores e tem muitos gados.

Em casa trabalham a curtir pelles e a cozel-as com nervos de antilopes, fazendo ricas coberturas que usam no inverno.

No tempo da caça são caçadores, e os abestruzes e os elephantes são perseguidos por elles.

Em todos estes misteres são animados pelo seu chefe, que os visita, já nos campos, já no labutar domestico.

São muito amigos dos europeus, e aquelle que chega ao Manguato está tão seguro como na Europa.

Cama anda sempre só, e quando muito, é seguido por dois creados a cavallo. Elle anda sempre a cavallo.

Como no meio de tantos povos barbaros se acha um tão differente d'elles?

Deve-se isso aos missionarios inglezes, e não posso deixar no escuro os seus nomes. Tres homens trabalharam n'aquella grande obra.

Com a mesma imparcialidade com que até aqui tenho fallado dos pretos, vou agora fallar dos brancos, e se não deixo de convir que muitos missionarios, e muitas missões africanas, são estereis, ou antes contraproducentes, preciso admittir, por factos que vi, que outras dão verdadeiros resultados, pelo menos apparentes.

O homem é fallivel, e tirado do meio social em que foi creado, privado dos confortos que lhe conchegaram a infancia, perdido por assim dizer, no meio dos povos ignaros da Africa, habitando um clima inhospito, comprehende-se que soffra uma profunda modificação no seu espirito.

Esta deve ser a regra geral que tem excepções. As excepções são os homens verdadeiramente fortes, aquelles que apoiam a sua moral n'aquellas *flôres d'alma* que tão bem descriptas foram pelo grande poeta da Beira, aquellas *flôres d'alma* que dão o olvido ao mesquinho pelo amor trahido, que dão conforto ao naufrago quando a esperança de alcançar a terra se perde, ás quaes se encommenda o monje ao soffrer o martyrio dado pelos barbaros onde foi levar a civilisação. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> O auctor, n'este periodo, refere-se a um trecho de poesia do Poema «D. Jayme,» de Thomaz Ribeiro, intitulado *As Flôres d'Alma*, e particularmente ás tres seguintes quadras:

Os homens que a possuem, podem, entregues a si mesmos, caminhar ávante e attingir um fim sublime: mas estes homens são verdadeiras excepções. A materia é fraca, e mais fraco ainda é o espirito humano.

Se assim não fôra, dispensavam-se as leis e os governos, e a sociedade estaria constituida em outras bases.

Bastavam as *flôres d'alma* para governarem o mundo.

As paixões a que está sujeito o homem levam muitas vezes o missionario, que é homem e fraco por ser homem, a seguir um caminho errado.

A lucta entre catholicos e protestantes nas missões africanas são um exemplo d'isso, são a demonstração incontestavel de que as paixões más podem actuar no missionario como em qualquer outro mortal.

Os missionarios protestantes (os maus já se entende) dizem ao preto, que o «missionario catholico é tão pobre que nem tem com que comprar uma mulher!» aviltando assim o homem; que tão aviltado é o pobre entre os povos africanos como entre os europeus.

Por outro lado, os catholicos empregam toda a sorte de traça para desvirtuar os protestantes. D'essa lucta nasce a revolta, e produz-se a esterilidade de muitas missões, onde concorrem missionarios de crenças diversas. Fallei n'isto incidentalmente para mostrar que os missionarios teem paixões e erram. Essa é até a regra geral.

Ao sul do tropico o paiz está coberto de missionarios, e ao sul do tropico a Inglaterra sustenta uma guerra constante com as populações indigenas.

É porque o mau trabalho de muitos desfaz o que alguns constroem de bom.

Deixemos porém em paz os maus, e fallemos dos bons.

Dizia eu, que tres homens trabalharam na

«Embora ao ermo, a divagar sózinho,  
Córra o mesquinho por amor trahido;  
Quando o remorso lhe não turbe a calma,  
Nas *flôres d'alma* hade encontrar olvido.

Naufrago, lasso, a sossobrar nas vagas,  
Sem vér as plagas, onde almeja um porto,  
Embora o matem cruciantes dôres,  
D'*alma das flôres* achará conforto.

O pobre monje, que de pé descalço  
De um mundo falso os areaes percorre,  
Quando lhe entregam do martyrio a palma,  
Às *flôres d'alma* se encommenda e morre.»

obra da civilização relativa (e para mim apparente) do Manguato.

Digo apparente, porque estou convencido de que o regulo que substituir Cama, se não quizer admittir o missionario, levará consigo a população inteira, que não hesitará entre a doutrina do Christo, que não entende, e o serralho que lhe delicia a lascivia; que não hesitará entre o padre e o regulo.

Mas essa civilização do Manguato é hoje notavel a todos os respeitos, e o primeiro homem que trabalhou n'ella foi o Rev. Price, creio que o mesmo que ultimamente foi encarregado da missão de Udjidji no Tanganika, e que tão infeliz foi na primeira viagem. O segundo foi o Rev. Mackenzie, o actual missionario do Corumane; e o terceiro aquelle que ainda hoje prêga o Evangelho aos Bamanguatos, o Rev. Eburn, que eu não tive a honra de conhecer, por estar ausente em viagem de missão, mas cujas qualidades pude apreciar pelas suas obras que vi, como pelo respeito que lhe tributam indigenas e europeus.

É com o maior prazer que cito estes nomes dignos, e merecedores de serem apontados como exemplos aos trabalhadores da civilização africana; é tanto maior a minha satisfação fazendo-o, que não conheço pessoalmente nenhum d'estes distinctos cavalheiros.

Shoshong (*Xoxom*) é a capital do Manguato.

O valle de Letlotze alarga para o sul, tomando uma largura de tres milhas, e continuando a ser enquadado por altas montanhas. É no valle encostada ás montanhas do Norte que assenta a cidade dos Bamanguatos, cidade populosa de 15 mil almas, e que em tempos do pae de Cama chegou a contar trinta mil.

As montanhas rasgam-se alli para deixar passar uma torrente que se fórma nos tempos chuvosos, e que divide um bairro da cidade. É no fundo d'essa garganta, mesmo por baixo das altas montanhas de rochas aridas cortadas a pique, que os missionarios estabeleceram as suas vivendas.

O sitio foi pessimamente escolhido, porque é humido e insalubre.

Provavelmente a falta d'agua (falta d'agua, que se faz cruelmente sentir em Shoshong) determinou aquella escolha, fazendo approximar os missionarios ao leito do ribeiro, onde na estação estiva alguns poços fornecem agua á população sedenta da cidade de Cama.

As casas em Shoshong são construidas de caniço e còlmo, são cylindricas com tectos con-

cos. Estão divididas por bairros, e um labyrinto de ruas estreitas e tortuosas lhes dá accesso.

No bairro missionario existem as ruinas da casa do Rev. Price, a casa do Rev. Mackenzie muito deteriorada, onde eu habitei, e a igreja abandonada, por ser pequena para conter a multidão que concorre aos officios divinos.

Isto a oeste, ou na margem direita do córrego. A leste, ou na margem esquerda, uma edificação nova, melhor situada do que as outras, é a residencia do actual missionario. Todas estas edificações são de tijolos com tecto de ferro estanhado.

Do lado opposto da cidade, em planicie livre, está situado o bairro Europeu, e as casas de tijolos mostram as moradas dos negociantes inglezes.

N'uma d'essas casas, a de M. Francis, ha um poço que fornecê agua á colonia britannica.

Os inglezes em Africa não são como os povos dos outros paizes, e por isso vão mais longe do que elles, ainda que o seu temperamento e a sua indole estão muito longe de igualar a dos povos da raça latina, em boas condições para resistir ao clima e associar com o gentio.

Um inglez decide ir negociar para o sertão, mette em um wagon toda a familia e todos os haveres, e parte.

Chega, edifica logo uma casa, rodeia-se de todas as commodidades que pôde ter, e diz consigo: «Eu vim aqui para fazer fortuna, e se a não fizer em toda a minha vida, tenho de passar aqui essa vida. Procuremos pois passal-a bem.»

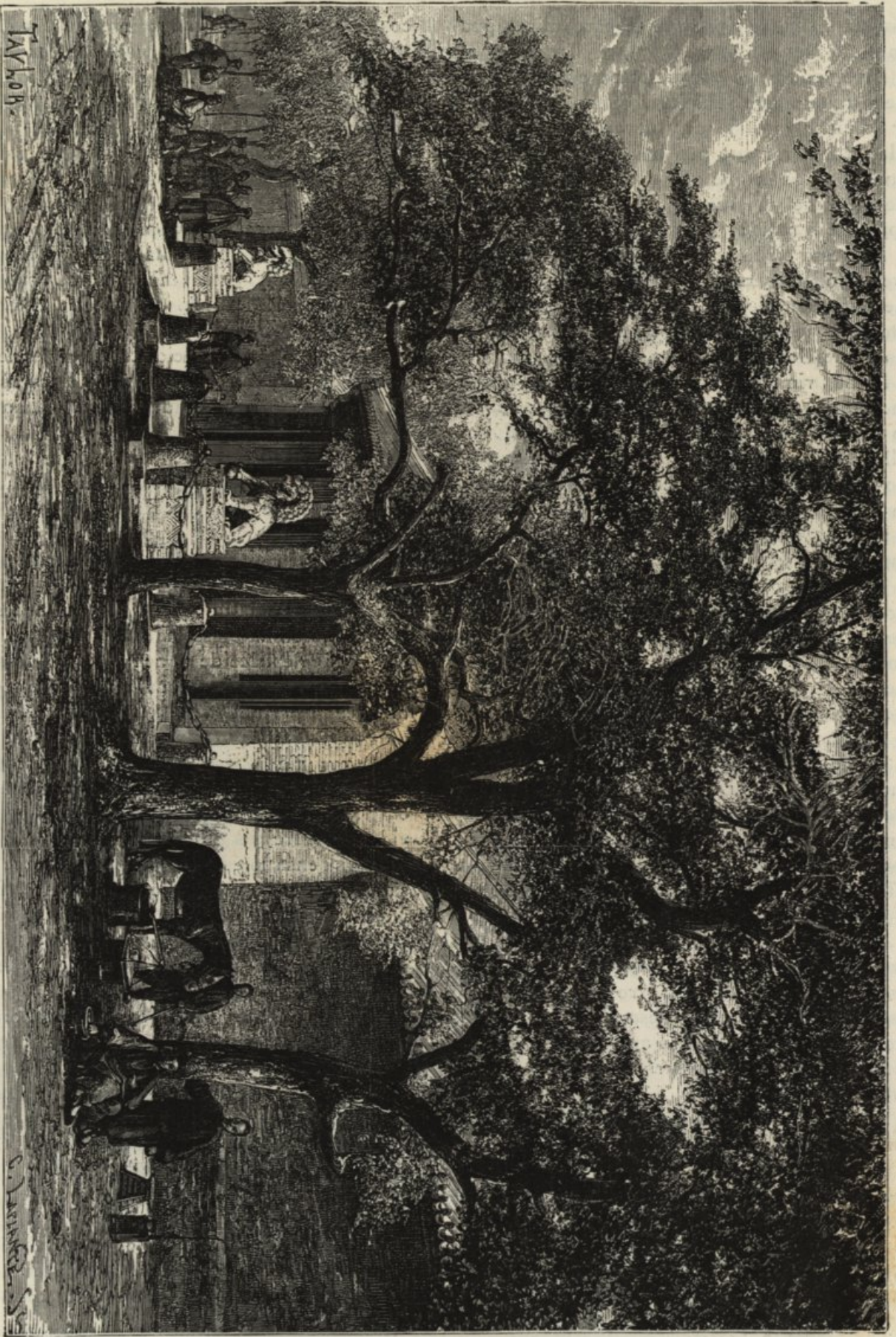
Não pensa mais na Inglaterra, esquece o passado e olha só para o presente e para o futuro. Nostalgia nenhum tem.

Outros ha, e muitos, de classe inferior, que não querem mesmo voltar á patria, e que se estabelecem logo para sempre.

N'isto consiste a sua força colonisadora. Outra coisa que os inglezes fazem logo é introduzir a libra sterlina em toda a parte.

Chega um indigena com marfim, pelles, penas, ou outro genero de commercio, e quer polvora, armas, etc. Os inglezes não entendem permutações directas. Dão-lhe o valor em libras, e vão vender-lhe ao outro lado do armazem o que o gentio carece.

Ao principio custa; mas o indigena vai-se habituando, vai conhecendo a vantagem do dinheiro, e depois já não quer outra coisa.



PORTA D'ENTRADA DA LEGAÇÃO DA FRANÇA.—Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache